D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



#14 Pensamento Condensado

Fevereiro 2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



O PENSAMENTO É LIVRE

Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade



Around the World



#14

BRAZIL - 2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Saudações! Apresentamos nossa 14ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil





A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para digulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/

Quer colaborar com o nosso projeto?

FAZ UM PIX

CHAVE:
CPF: 18462125880

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

pix
powered by Banco Central

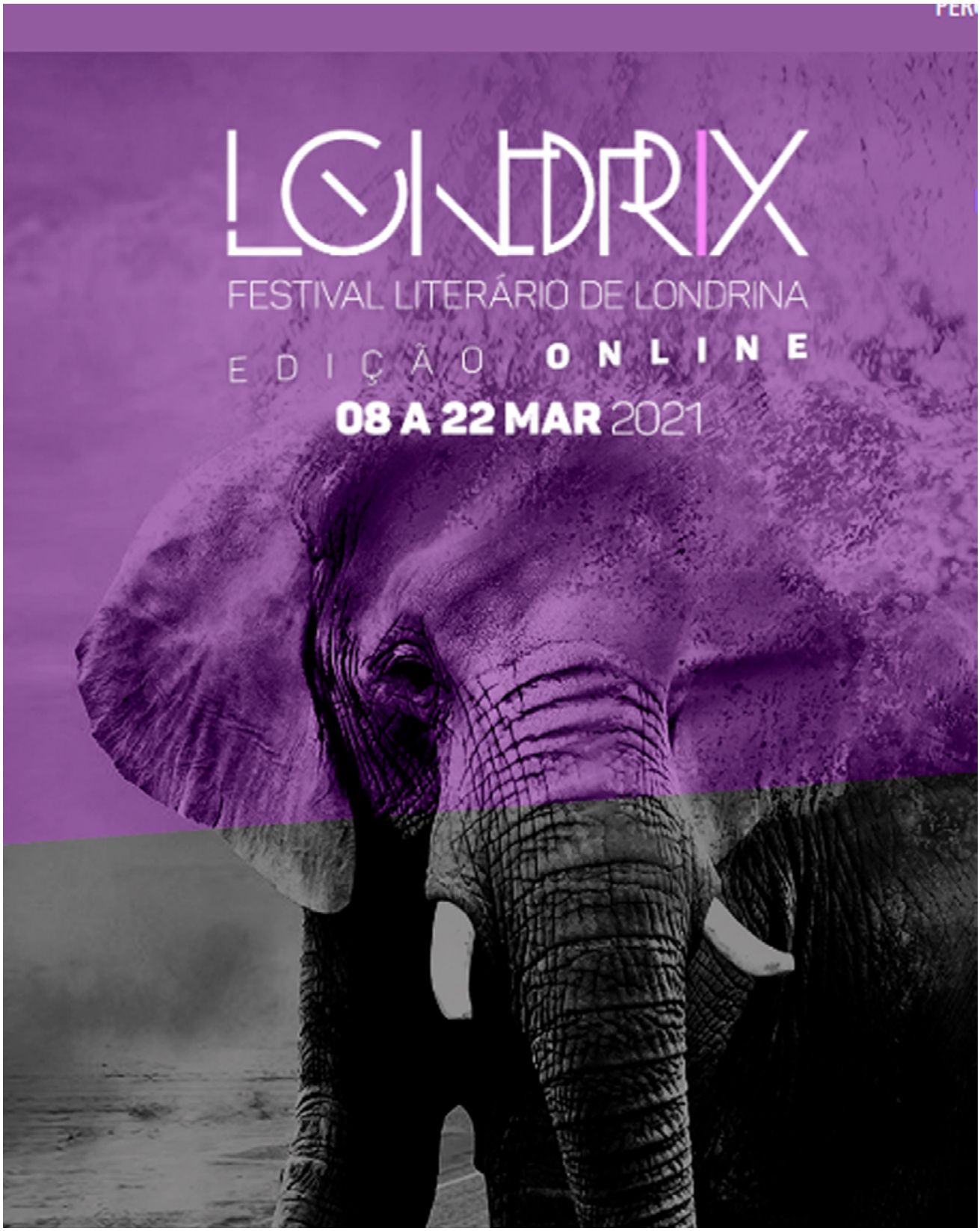
A sua colaboração é fundamental para continuarmos as nossas publicações de maneira gratuita e independente. Colabore e concorra a um brinde exclusivo







imagens ilustrativas





https://londrixfestival.com.br/concurso-poesia/

CAFÉ COM QUÊ?

SESC

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O EDITAL

ATÉ O DIA 31 DE MARÇO

Você tem uma ideia, uma pesquisa, um livro para lançar? Uma palestra ou um tema interessante para conversar com a comunidade? O Sesc Cadeião Cultural recebe, até o dia 31 DE MARÇO, propostas para comporem a programação do projeto Café Com Quê? em 2021.

Podem se inscrever pessoas físicas, jurídicas ou MEIs. São aceitas propostas em Literatura, Música, Artes Visuais, Teatro, Dança, Audiovisual, Vivências Culturais, Filosofia e Humanidades, Gastronomia, Memória, Patrimônio e Resgate Histórico de Londrina e do Paraná, entre outros.

Para enviar sua proposta, acesse a área de cultura no site do Sesc Paraná (https://www.sescpr.com.br/cultura/editais/) e busque pelo link "Café Com Quê 2021".

Venha fazer parte da nossa programação e traga suas ideias para serem compartilhadas!

Informações:

Sesc Cadeião Cultural

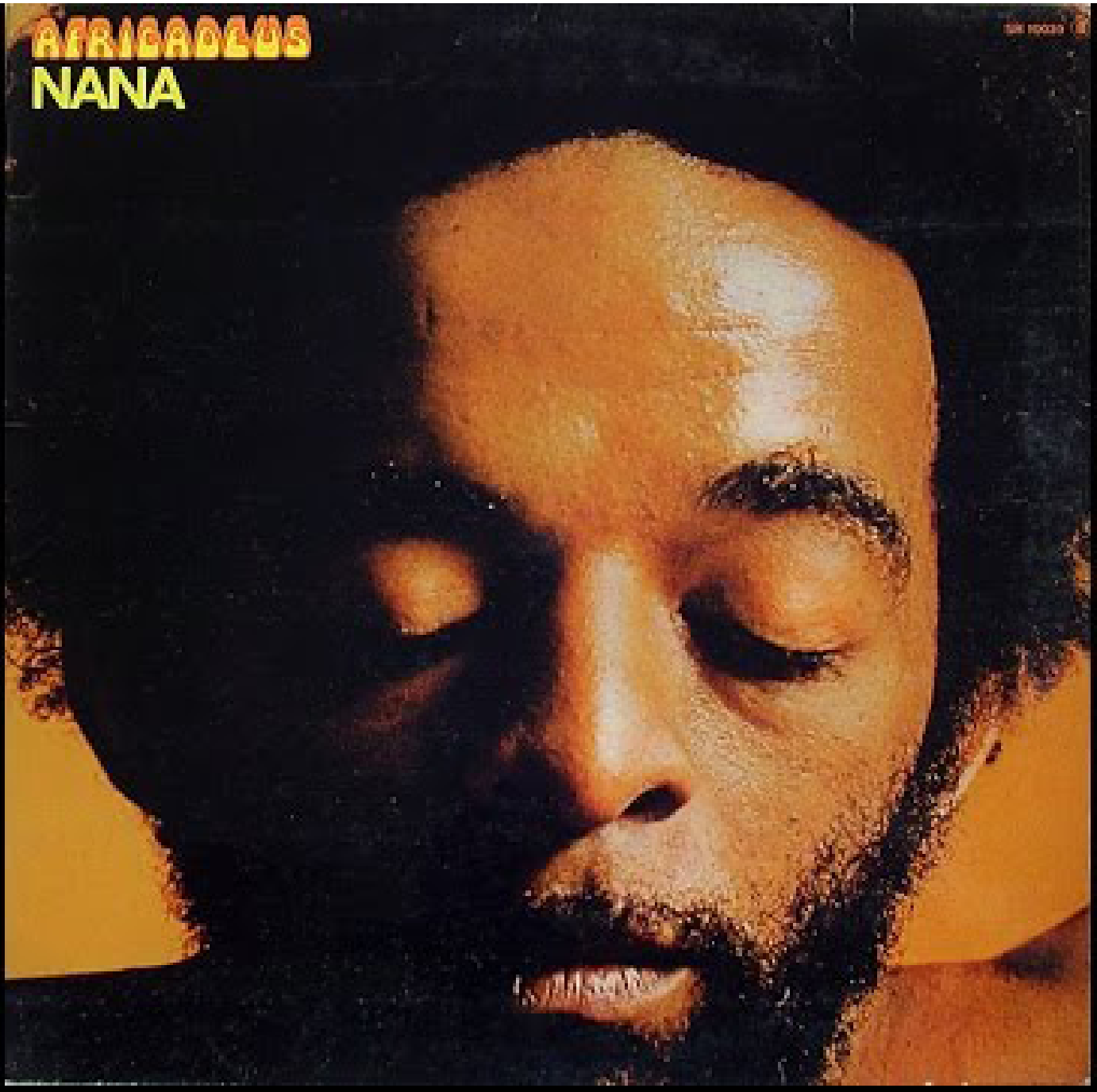
Rua Sergipe, 52 - Londrina | Telefone: (43) 3572-7700

www.sescpr.com.br

Fecomércio PR

Sesc | Senac | IFPD

Sesc



Naná Vasconcelos - Africadeus (1973)

1 - Africadeus (Concerto Pra Mãe Bio)
2 - Abôios
3 - Seleção De Folclore (Cirandas, Samba De Rodas, Nau Catarineta)

Credits:

Berimbau, Voice, Percussion, Composed By – Juvenal De Holanda Vasconcelos (Naná)
Producer – Pierre Barouh
Recorded By – Daniel Vallancien

Terre traNse



Banda londrinense, formada no início de 2020, a Terrentranse busca em suas composições o passeio entre referências que vão do pós-punk até a nova mpb, passando pelo pós-rock, artpunk, showgaze e psicodelia. Formado por Guilherme E Silveira (guitarra e voz), Isabella Maria (voz e percussão) e Vizette Priscila (baixo), a banda começou a compor e gravar no início do primeiro semestre, em sua oficina sonora, lançando seus primeiros singles - "Espelhos", "Expurgo" e "Horizonte" - entre maio e setembro.



Espelhos, mai/2020

O EP "Ragnarok" agrupa os primeiros singles com a nova música homônima. Todas as músicas foras remixadas para o EP e esse agrupamento busca apresentar parte do espectro de sons com que a banda maneja suas composições.
Junto do EP será lançado o primeiro clipe do Terrentranse, para a música "Horizonte". O vídeo foi produzido pela artista, fotógrafa e realizadora cinematográfica, Leda Siloto.



Expurgo, jul/2020



Track list:
01 - Horizonte
02 - Espelhos
03 - Expurgo
04 - Ragnarok

@terrentranse
terrentranse@gmail.com



Horizonte, set/2020

EP "RAGNAROK"
Lançamento : 15 de dezembro de 2020.
Disponível nas principais plataformas de streaming.



https://www.youtube.com/watch?v=ouBGrkFQd80

YouTube



Divulgação

A banda Thiago e o Infinito Mofo Azul lança o single “Mescalina”



Esta pandemia está trabalhando para Deus e o Diabo, pois se por um lado milhares de negócios agonizam, a criatividade verte em jorros nas mentes dos artistas. Thiago e o Infinito Mofo Azul - banda de São Paulo -, está aproveitando a distância dos palcos brasileiros para compor e gravar suas músicas permeadas de lisergia e poemas. Neste mês a banda está lançando o single “Mescalina”, uma fantástica faixa que abusa de uma sonoridade psicodélica. Mescalina não abre mão da tríade sagrada do baixo, guitarra e bateria, mas insere também elementos como metais, Mellotron e outros synths dos anos 70. A voz irrefutável de Thiago Santos, protagoniza a canção que pode entrar pelos ouvidos como a própria viagem da substância homônima ao single. Have a Nice trip!

Ouça Mescalina no:

Spotify®

AZYLO HOTEL

POR PAULÃO ROCK N ROLL

Johnny Winter, Jefferson Airplane, Steppenwolf, Lou Reed, Frank Zappa & The Mothers of Invention, Bonus Trash, CO 2, Patife Band, são nomes de bandas que ainda tocam na programação do AZYLO HOTEL, um programa de radio FM, radical, onde se conseguia ouvir este tipo de programação que não tocava em rádios nacionais. Hoje se tornaram públicas e tocam em algumas. Uma programação que nasceu nos anos 1982 e continua. Na década de 90 era natural entender o porque, além de ser difícil de achar os vinis em lojas especializadas. Quando os ventos sopram do Leste com nuvens negras em 1967, Paulo Cesar Troiano chega em sua área de acumuladores pensantes e apresentou 10 álbuns importados trazidos da capital, imediatamente todos gostaram e anunciaram os mortais vivendo em cadeias de montanhas o nascimento de Paulão Rock'n'Roll no circuito dos altos falantes. A onda não parou mais e as Fm's começaram a especular qual é a dele. De Fm em Fm tudo rolou, rolava até fora de Londrina sua área central, foi para Cornélio



Divulgação

Procópio, para Arapa, Cambé, Apuca, finalmente chega aos microfones da Radio Universitária de Londrina a Radio UEL. Um detalhe importante para se chegar nestas cidades foi o pedido de carona que o locutor emanava ao microfone, e nunca dizendo o lugar e imediatamente confirmado. As caronas que chegavam esperavam no estacionamento da rádio . Com cada carona acontecia uma história inédita, indescritíveis e muito absurdas, tamanha a realidade delas.Hoje o programa consiste em todo sábado às 23H entrar no ar através da web alma londrina com 1H de atividade e as programações continuam tão especiais como no inicio, cabendo uma programação exclusiva de bandas locais, um nicho de álbuns gravados e que nunca tocam em rádios. Radio UEL FM, tem um horário reservado para o programa Zappa n' UEL, somente musicas do Frank Zappa e os The Mothers of Invention. O Azylo HOtel é tão procurado que já passeou por alguns canais de TV e todas as FM's da cidade. Paulão acabou de completar 69 anos e insiste que o Rock never die. Tradução o Rock nunca morrerá.

Processo de criação da programação consiste em sentir-se dentro desta mansão que é o Azylo Hotel uma casa antiga de dois andares onde abrigamos este ser protegido dos malignos. Dentro desta casa que de repente sempre acontece pela manhã, pois toda manhã ela muda de lugar, nasce a programação...Hoje acordei pensando em Jefferson Airplane, vou ver o que tenho deles em meu arquivo digital e vou escolhendo as que mais entrelaça com o clima e o swing da próxima faixa, geralmente uma encaixa na outra sucessivamente. Nunca editar uma balada romântica que não seja do Zappa, com ele, elas saem com sátira, ou segundas intenções, a programação corre em velocidade para que não desperte o ouvinte a trocar no dial por outra estação. O autor da programação se intitula um contador de historias e nunca um Dj ou programador de radio.

Londrina/novembro 2020



Divulgação

Cinema a Custo zero

Nelson Rossiter



Divulgação

Produzido com 529 fotografias durante o isolamento social, Cumplicidade Brasileira foi o primeiro stopmotion que fiz na vida.

Agradeço aos organizadores do Comunicurtas 2020 pelo prêmio de melhor filme na mostra Estalo, aproveitando para dedicar esse reconhecimento ao amigo Anselmo Vasconcellos , quem em 2018 muito me inspirou ao me mostrar na prática que é possível sim realizar audiovisual mesmo com praticamente nenhum recurso. Produzido com 529 fotografias durante o isolamento social, Cumplicidade Brasileira foi o primeiro stopmotion que fiz na vida.

Agradeço aos organizadores do Comunicurtas 2020 pelo prêmio de melhor filme na mostra Estalo, aproveitando para dedicar esse reconhecimento ao amigo Anselmo Vasconcellos , quem em 2018 muito me inspirou ao me mostrar na prática que é possível sim realizar audiovisual mesmo com praticamente nenhum recurso.

Ouça a entrevista



Parasita

a arte perturba menos que a realidade



Divulgação/internet

Por Max Balhorn, traduzido pela Jacobin Brasil

Na "rica" Coreia do Sul, população empobrecida vive amontoada em lugares precários. Endividada, transita em empregos precários. Saúde e educação são caríssimas. Na ficção, elementos para entender os brutais impactos do neoliberalismo

O filme Parasita, de Bong Joon Ho, indicado ao Oscar às categorias de Melhor Filme e Melhor Filme Internacional, foi um enorme sucesso entre os críticos e o público. Depois de sua estréia vencedora do Palme Ouro em Cannes, vendeu mais de dez milhões de ingressos somente na Coréia do Sul, tornando-se o quarto filme de maior bilheteria do país em 2019.

Com uma receita de mais de 120 milhões de dólares em todo o mundo, Parasita é o sétimo filme do diretor Bong Joon Ho e o mais bem-sucedido até hoje. Vindo de um diretor cujos filmes geralmente apresentam personagens marginalizados que lutam contra a opressão (veja Barking Dogs Never Bite, Gwoemul — O Hospedeiro e, mais recentemente, Expresso do Amanhã), Parasita foi aclamado como uma crítica clara e lúcida à desigualdade de riqueza na sociedade sul-coreana.

O filme (spoilers abaixo!) é considerado uma alegoria da desigualdade de classe desenfreada e da frustração popular pela falta de mobilidade social em um dos países mais ricos da Ásia. Em um artigo para a Jacobin, Eileen Jones elogiou Parasita por ir além de simples propostas alegóricas, afirmando que o filme "cristaliza as experiências de uma família de classe marginalizada tentando se agarrar, desesperadamente, a uma chance para melhorar a vida, retratadas de uma forma que te machuca".

No New York Times, Brian X. Chen descreveu o filme como um confronto entre "os que têm contra os que não têm" e interpreta o golpe realizado pela família Kim no filme como uma vingança pela "amargura e frustração" de uma sociedade projetada para garantir que apenas os ricos tenham sucesso. Scott Mendelson chamou o filme de "retrato social brutal" sobre a vida dos ricos, dependentes do trabalho de uma classe marginalizada não reconhecida que "mal pode se dar ao luxo de viver na civilização para a qual fornece o alicerce".

O encontro entre as famílias Kim e Park em Parasita é, de fato, uma metáfora bastante óbvia para antagonismos de classe na sociedade sul-coreana. Mas focar apenas na riqueza material pode negligenciar uma crítica mais sutil e, em última análise, mais devastadora latente no filme de Bong Joon Ho. O filme também foca na privação de dignidade, auto-respeito e status social das pessoas da classe trabalhadora, ao passo que nossos trabalhos e nossas vidas são cada vez mais precarizados pela dinâmica hostil do capitalismo neoliberal.

Vivendo de Salário em Salário

Primeiro, o enredo. Em Parasita, uma família empobrecida da classe trabalhadora de Seul, de sobrenome Kim, se infiltra no mundo dos ricos através de uma série de golpes engenhosos. Quando o filho Ki-woo recebe de um amigo a oferta de um bico lucrativo, dar aulas particulares à filha de uma família rica — de sobrenome Park —. No entanto, Ki-woo enfrenta a leve complicação de não ter frequentado a universidade, pois, sua família não podia pagar as mensalidades. Prevendo que a família Park só aceitaria um estudante universitário, ele aparece com um comprovante de matrícula forjado por sua irmã com uma fina vocação artística.



Surpreso com a ingenuidade dos ricos, Ki-woo bola uma série de planos ao estilo Missão Impossível para levar toda a sua família a trabalhar para os Parks. A irmã de Ki-woo, Ki-jeong, se torna professora de "arteterapia" do peculiar e um tanto difícil filho caçula dos Park. O pai de Ki-woo, Ki-taek, é contratado como motorista particular. A mãe de Ki-woo, Chung-sook, se instala como nova governanta após expulsarem a antiga funcionária que trabalhava à família há tempos.

Mantendo os laços familiares em segredo, seus novos empregos tiram os Kim da pobreza aparentemente inevitável em poucas semanas. Em um mercado de trabalho carente de posições estáveis e bem remuneradas, em que os trabalhadores recorrem frequentemente ao trabalho autônomo ou à mão de obra intermitente e sem proteção, os Kim tiraram a sorte grande.

Os Kim representam a situação da classe trabalhadora sul-coreana. Eles moram amontoados em um apartamento sombrio em um semi-porão em Seul, onde são submetidos a bêbados urinando ao lado da sua janela da cozinha todas as noites. Suas vidas contrastam com as vidas dos ricos da família Park, que desfrutam do raro privilégio de possuir uma casa luxuosa e fechada, com um amplo jardim paisagístico (praticamente inconcebível nas densas cidades da Coréia do Sul).

O simbolismo em Parasita não termina aí. Os Kim sobrevivem fazendo bicos e, mesmo quando têm dinheiro, comemoram comendo num buffet para taxistas — uma maneira barata de consumir uma refeição rica em calorias. Esse simbolismo não se perde nos espectadores de cinema em Seul, hoje uma das dez cidades mais caras do mundo, com os produtos alimentícios mais caros da Ásia. Os Park, por outro lado, abastecem sua geladeira com água mineral com gás e alimentam seus cães com ração orgânica de alta qualidade e kani-kama japonês.

As dietas dos ricos e pobres são, de fato, um impressionante índice de desigualdade na capital sul-coreana. De acordo com um estudo de 2018 que avaliou 1.023 residentes de Seul, mais de 20% da população de baixa renda não recebe os nutrientes adequados — um número quatro vezes acima da média nacional. Além disso, 10% dos moradores de baixa renda sofrem de insegurança alimentar, o que significa que eles não têm acesso confiável aos alimentos de que precisam para ter uma vida saudável e ativa. Somado à variedade geralmente menor de produtos frescos, isso alimenta uma situação em que os pobres de Seul também sofrem maiores taxas de pressão alta, diabetes, obesidade e doenças cardíacas.



Divulgação/internet

Sem plano

Em uma cena na metade do filme, quando o pai da família Kim, Ki-taek, leva o Sr. Park para um compromisso, ele tenta se passar por um veterano na profissão, inventando uma história sobre seu longo caso de amor com sua vocação. Park acena com a cabeça e responde: "Eu respeito quem trabalha na mesma área por muito tempo". Temas semelhantes sobre compromisso profissional, "ter um plano" e autossuficiência se repetem ao longo do filme.

Enquanto Ki-woo fica parado na porta de casa, a caminho da entrevista de emprego, com os documentos falsificados na mão, ele diz ao pai: "Não considero isso um crime. Eu vou frequentar esta universidade um dia. Pense nisso como se eu estivesse apenas



recebendo os documentos um pouco mais cedo". Seu pai responde: "Ah, então você tem um plano!" Quando o vizinho de cima muda a senha do Wi-Fi, Chung-sook pergunta ao marido: "Nossas linhas de telefone já não funcionam. Agora nosso Wi-Fi está desligado. Então, qual é o seu plano?"

Mais tarde, depois que o apartamento dos Kim é inundado e eles acabam dormindo em um ginásio, Ki-taek diz ao filho: "Ki-woo, você sabe qual plano nunca falha? Nenhum plano. Você sabe porque? Se você faz um plano, a vida nunca funciona como planejado".

Para os moradores mais velhos de Seul, essa cena provavelmente evoca as inundações recorrentes no bairro vizinho de Mangwon na década de 1980, uma área de baixa renda adjacente ao aterro sanitário. A cidade negligenciou conscientemente a represa do rio Han, causando inundações devastadoras que prejudicaram a vida das pessoas pobres e idosas que vivem lá. Os moradores de Mangwon entraram com uma ação coletiva contra a cidade e receberam uma indenização, dando origem à Lawyers for a Democratic Society, a primeira organização de advogados voltada para direitos humanos e democracia na Coréia do Sul.

Ao longo de todo o filme, a precariedade do bairro dos Kim é fortemente contrastada com a segurança adquirida pela riqueza acumulada dos Park. Sem o conhecimento do Sr. Park, antes de serem contratados pelos ricos, Kim Ki-taek e sua família haviam tentado vários empregos para sobreviver. O filme começa com os Kim sentados em sua cozinha, dobrando caixas de pizza para um restaurante próximo — um bico precário para ganhar alguns trocados. Ki-taek também menciona anteriormente a operação de uma franquia de frango frito e uma confeitaria taiwanesa de bolos castella [um tipo de pão de ló], além de trabalhar como motorista daeri.

Motoristas daeri levam pessoas bêbadas para casa em seus próprios carros tarde da noite, uma forma comum de prestação de serviço itinerante realizada por subempregados nas cidades sul-coreanas. Eles são forçados a ficar de plantão o dia inteiro, geralmente esperando na rua sem um lugar para descansar, se abrigar do mau tempo ou até usar o banheiro. A maioria dos motoristas em turno integral recebe pouco mais de um salário mínimo por mês e relata sofrer diversos problemas de saúde, incluindo problemas osteomusculares, fadiga e estresse.

Os motoristas da cidade de Daegu formaram seu próprio sindicato já em 2005, mas tiveram seus direitos sindicais negados em nível nacional sob as administrações de Lee Myung-bak e do recém deposto Park Geun-hye. Apesar das promessas do atual governo Moon Jae-in, os motoristas daeri foram novamente impedidos de se registrar como uma organização nacional em 2017 pelo Ministério do Trabalho.

No entanto, isso pode estar mudando. Em uma série de decisões judiciais em novembro de 2019, respondendo à crescente pressão exercida pelo trabalho organizado, os motoristas daeri, assim como entregadores de delivery e caddies (carregadores de tacos de golfe), foram reconhecidos como "trabalhadores" em vez de "prestadores de serviço" segundo a constituição sul-coreana — abrindo caminho para o direito de formarem um sindicato. Para os motoristas daeri que lutam pelos direitos de sindicalização há mais de uma década, a capacidade de negociar contratos coletivamente pode significar o fim dos salários de fome. Sem esses direitos, seria um grande desafio para os motoristas daeri "trabalharem na mesma área por muito tempo", o que o Sr. Park tanto admira.

A Castella-mania

Em uma reviravolta dramática na metade do filme, a governanta demitida Moon-gwang retorna enquanto a família Park passa o fim de semana fora e implora a Chung-sook que a deixe entrar em casa. Aparecendo desgrenhada, machucada e incoerente, ela corre para uma sala secreta no porão, onde os espectadores descobrem que seu marido, Geun-sae, está se escondendo de agiotas há quatro anos. Depois de escaparem do seu próprio porão para a propriedade palaciana dos Park, os Kim descobrem que outra família da classe trabalhadora estava levando uma vida ainda mais miserável no porão logo abaixo dos seus pés.

Geun-sae explica que é tudo culpa dele. Ele havia feito um empréstimo com um agiota para abrir uma confeitaria "king castella" — uma modinha que começou em Taiwan e explodiu na Coréia do Sul em 2017. Devido aos baixos custos iniciais, essas confeitarias eram relativamente baratas de se abrir e vários sul-coreanos apostaram suas economias esperando ficar ricos com essa moda passageira. O mercado logo ficou saturado e a bolha do "king castella" estourou, deixando centenas, senão milhares de pessoas com dívidas enormes e nenhuma condição de pagá-las.



Divulgação/internet

Esse tipo de história é comum na Coréia do Sul, onde a falta de emprego estável e com carteira assinada impele as famílias a abrirem seus próprios negócios, na esperança de mandar seus filhos para a faculdade e se aposentar com algumas economias. Em 2017, 25,4% dos sul-coreanos eram autônomos, geralmente operando estabelecimentos como restaurantes de frango frito e lojas de conveniência — significativamente acima da média de 15,3% dos países da OCDE como um todo.

Com mais de 8.000 lojas de frango fechando as portas no país todos os anos, para a maioria dos trabalhadores que já se esforça para sobreviver, o fracasso dos negócios da família muitas vezes os afunda ainda mais em dívidas e desespero. Esse desespero, uma experiência familiar para milhares dos espectadores sul-coreanos, é o pano de fundo em que se desenrola a vida das duas famílias "de porão" retratadas em Parasita. No caso extremo de Geun-sae, o desespero o leva, literalmente, à clandestinidade subterrânea.

Ganhando "respeito"

Quando o pai da família Kim, Ki-taek, acaba se escondendo no porão secreto da casa dos Park, ele testemunha o estranho ritual de Geun-sae, que transtornado e de olhos arregalados, agradece a Park. Geun-sae fica na frente de uma página arrancada de uma revista financeira que apresenta o Sr. Park como "CEO do ano", e agradece a ele por "me alimentar e me alojar" — seguido de uma exclamação de "Respeito!". Ki-taek, perplexo, pergunta: "Você faz isso todos os dias?" Geun-sae então revela que, ao manipular interruptores de luz no porão, ele envia à família Park mensagens diárias de agradecimento usando código Morse. Incapaz de traçar os paralelos entre a situação de Geun-sa e a sua, Ki-taek pergunta: "Como você consegue viver em um lugar como este? O que você vai fazer no futuro? Você não tem um plano?"

Cenas de agradecimento e gratidão imerecida pela "benevolência" dos ricos se repetem ao longo do filme. Depois de toda a família Kim ser empregada pelos Park, Ki-taek sugere em um jantar que "façam uma oração de agradecimento ao grande Sr. Park" pelos rendimentos que ele fornece à família.

Os personagens da classe trabalhadora em Parasita internalizam a lógica do capitalismo tardio — o que leva pessoas como os Kim a considerarem a pobreza uma consequência de suas próprias falhas morais, não o resultado de um sistema construído sobre a exploração e a precariedade perpétua. No filme, essa lógica resulta em um "respeito" não merecido pelos ricos — impedindo que os pobres que vivem no porão se identifiquem entre si e encontrem força na solidariedade.

Planejar para vencer

Além de simplesmente ser um ótimo filme, Parasita ressoa com o público porque coloca os holofotes sobre a injustiça econômica, repetidamente evocada pelo semi-porão em que mora a família Kim. Em uma cena tensa, o caçula dos Park comenta que o motorista da família, a governanta e os dois professores têm o mesmo cheiro — uma consequência do odor mofado e úmido que o "apartamento" dos Kim deixa em suas roupas. Em uma série de artigos, tweets e postagens no Facebook após o lançamento do filme, o "semi-porão" passou a simbolizar as experiências coletivas das classes menos privilegiadas de Seul, experiências que são totalmente alheias a quem nasceu na riqueza e com todas as oportunidades sob a mesa.

No entanto, o que torna a crítica de Bong Joon Hon à vida sob o capitalismo tão condenatória não é o mero fato de ele destacar as desigualdades, mas sua representação da desmoralização dos trabalhadores sob o neoliberalismo de maneira geral. Presos em eternos ciclos de pobreza, os Kim estão constantemente à procura de emprego, um sinal de Wi-Fi grátis e uma maneira de escapar do cheiro de "trapo cozido" que os marca como pobres. Eles constantemente inventam novos esquemas para escrever uma história de vida digna de respeito.

A vida dos Park, por outro lado, exala permanência e estabilidade. Eles moram numa casa histórica projetada por um arquiteto famoso — um motivo de orgulho constante em conversas com visitantes. Eles desfrutam do luxo de passar tempo juntos à noite e viajam nos fins de semana para comemorar aniversários.

Os Kim e milhões de trabalhadores sul-coreanos estariam sob menos pressão trabalhando em empregos tão precários se o país aplicasse melhores proteções trabalhistas. A Coréia do Sul tem um movimento trabalhista forte e orgulhoso, mas nunca teve um governo de esquerda para reescrever as leis trabalhistas do país. Apesar das promessas de campanha do atual presidente Moon Jae-in, pouco foi entregue até agora e as pessoas da classe trabalhadora continuam a conciliar vários empregos apenas para chegar ao final do mês.

Dessa forma, o filme de Bong Joon Ho satiriza magistralmente a cultura neoliberal da autoconfiança que permeia a sociedade sul-coreana, forçando os trabalhadores a assumir a total responsabilidade econômica por si próprios, ao mesmo tempo em que os estigmatiza como indignos de respeito e humanidade quando o capitalismo põe suas vidas de cabeça para baixo. A afirmação de Ki-taek de que é melhor "não ter plano" é um diagnóstico da vida na Coréia do Sul após a reestruturação neoliberal: quando os trabalhadores são atomizados e isolados, eles perdem a capacidade de planejar com antecedência, de se sentir seguros e de identificar significado e propósito em suas vidas. Cedo ou tarde, alguns deles atacam.

O filme foi recebido positivamente na Coréia do Sul, onde uma série de questões sociais, como gentrificação desenfreada, "revitalização" urbana em bairros de baixa renda, poluição do ar, aumento dos preços dos alimentos e da habitação e insegurança no trabalho, geraram um sentimento de traição entre muitos jovens. Segundo um estudo de setembro de 2019, apenas 23% dos jovens de vinte e poucos anos da classe média baixa para baixo afirmaram estar otimistas de que sua qualidade de vida melhoraria.

Nesse contexto, não surpreende que o público sul-coreano reconheça a hipocrisia de uma situação em que as pessoas são instruídas a "ter um plano", mas não recebem um caminho claro para a estabilidade. O fato de Parasita também ter se saído tão bem com o público do Ocidente sugere que as condições descritas em Seul não estão tão distantes da realidade das pessoas ao redor do mundo.

O Fauvismo de MAURICE DE VLAMINCK



Divulgação/internet



Personnage dans la rue, Unknown
Gouache on paper
12 3/5 × 17 7/10 in
32 × 45 cm

Maurice de Vlaminck nasceu em 1876 em Paris de pais que eram músicos boêmios. Ainda adolescente, Vlaminck planejou fazer carreira como ciclista profissional.Como seus pais, ele também possuia um talento musical e se sustentava com o violino.Maurice tinha um interesse apaixonado na pintura, o que era estimulado por Robichon, um artista francês. Ele se casou com Suzanne Berly em 1894, mas contraiu febre tifóide o que pôs fim a sua carreira ciclística em 1896.

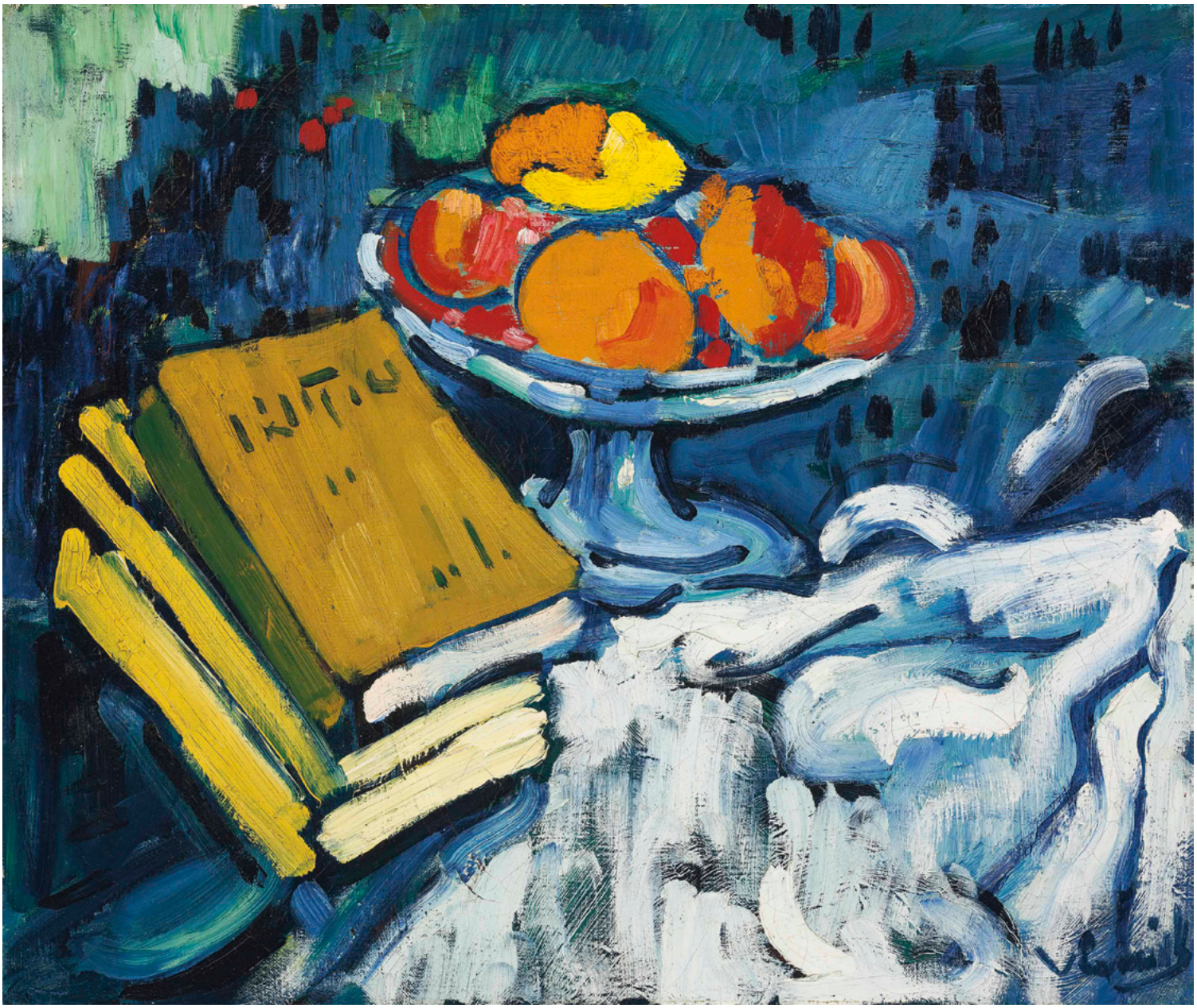


Maurice de Vlaminck (1876-1958, French), ‘Paysage a la Route,’ oil on canvas.

Obrigado a sustentar a família , ele dava aulas de violino mas acabou ingressando na carreira militar.Foi durante uma de suas viagens de serviço em Chatou que ele conheceu Andre Derain em junho de 1900. Esse encontro marcou o início da escola de Chatou e, na prática, o nascimento da arte Fauvista.

Vlaminck pintou com os Fauves e se exibiu com eles nos Salon des Independants e d´Automne.Ele também publicou alguns contos para os quais Derain fez as ilustrações, e chegou mesmo a escrever alguma poesia.O pintor se casou novamente e teve duas filhas. Ele continuou a viajar com Derain durante os últimos anos de sua vida e publicou dúzias de relatos autobiográficos da sua vida e das suas experiências com outros artistas.

De 1925 em diante, ele viajou pela França, mas continuou a pintar, principalmente ao longo do rio Sena, próximo a Paris.



Maurice de Vlaminck (1876-1958)
Nature morte aux livres et au compotier



Divulgação/internet



Self-Portrait - Maurice de Vlaminck

MONTINI

Studio arte

2021

você começa com novas PERSPECTIVAS

Aulas com planejamento individual e turmas com no máximo três alunos

MATRÍCULAS ABERTAS A PARTIR DE 08/02

ARTE & CRIAÇÃO



Idade: 9 e 10 anos

INICIAÇÃO AO DESENHO



Idade mínima: 12 anos

DESENHO ARTÍSTICO





Idade mínima: 13 anos

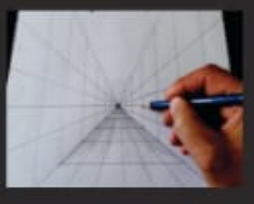
PINTURA EM TELA



*Óleo/Acrílica
Idade mínima: 13 anos

CURSO DE DESENHO - UEL

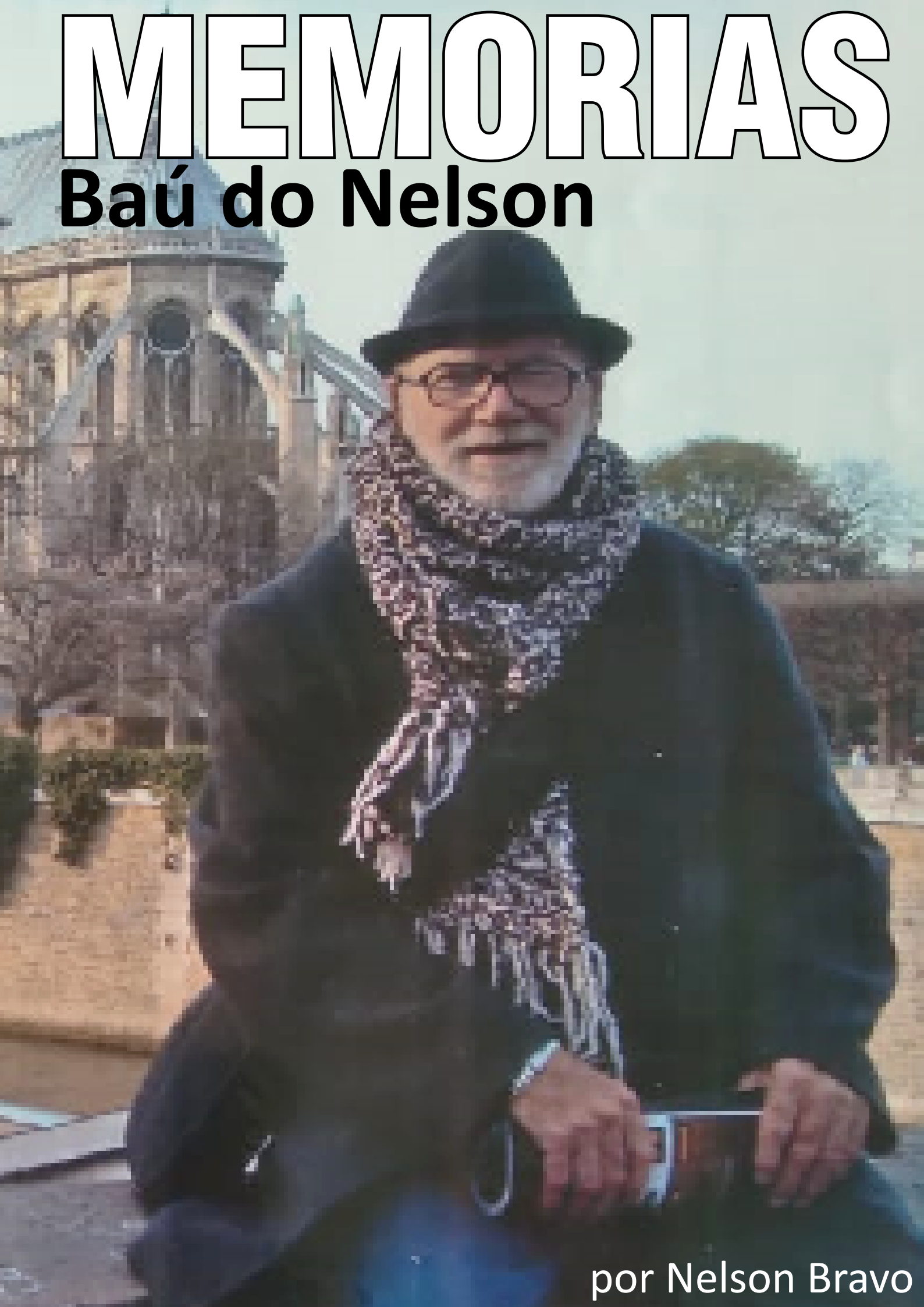
Curso preparatório para as
Provas de Habilidade Específica (UEL):
ARQUITETURA, ARTES VISUAIS, DESIGN E MODA



Rua Dinamarca, 1645 - 1º Andar - Centro - CAMBÉ/PR
Telefones: (43) 3312-5661 / 99641-7642

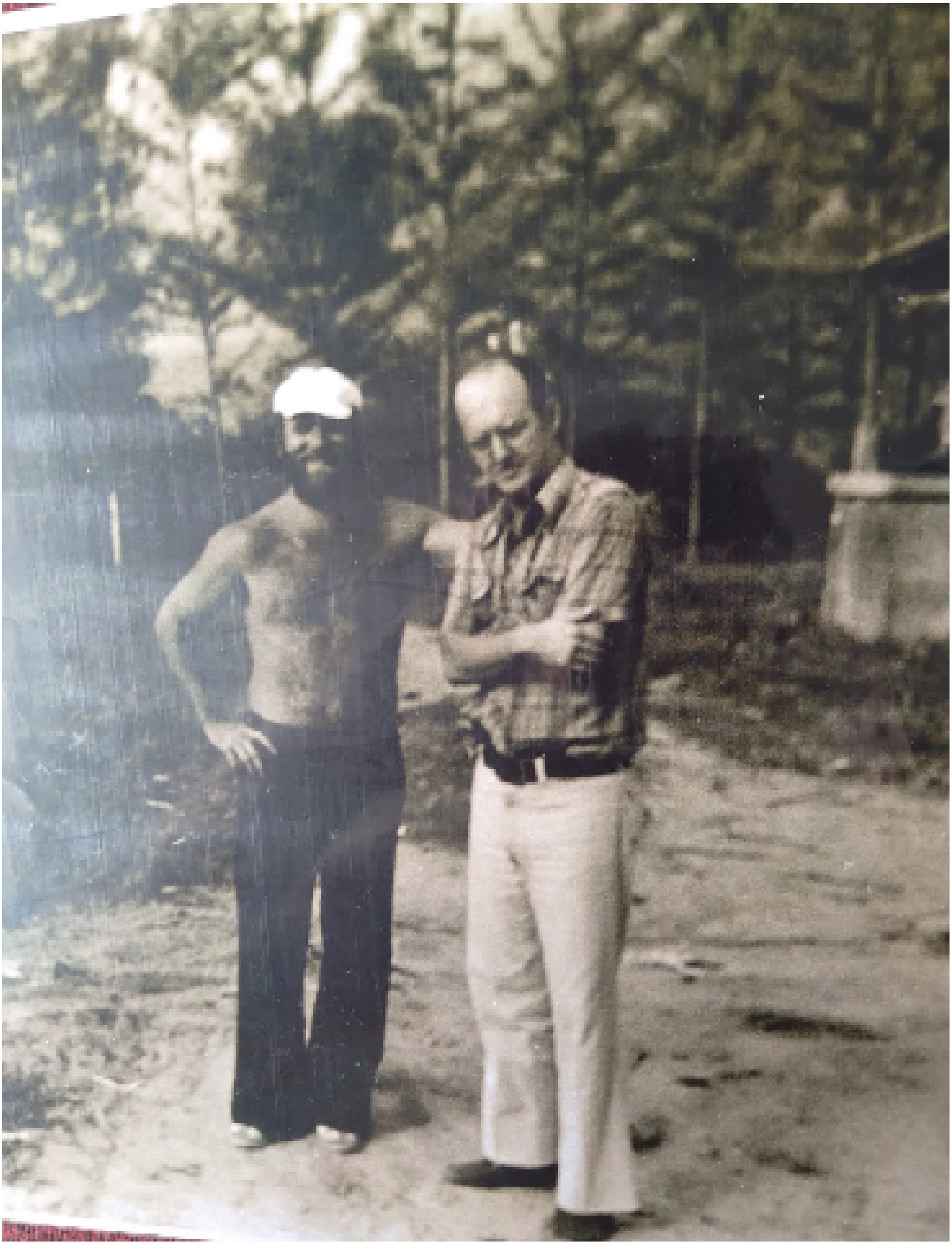
MEMORIAS

Baú do Nelson



por Nelson Bravo


Um vespeiro chamado Rocinha
PASQUIM
DRUMMONIANA
Jeferson de Andrade
Moacyr Félix
Mara Teresa
Nelson Bravo
Augusto Doré
Pitzalis
Jaguar
Dois poemas
especiais
para o Pasquim



Com o Jaguar, aí por 1977, numa roça no Rio.



Com Drummond e duas amigas dele, jovens, Rio, 1982, nos 80 anos do poeta



Com nosso amigo Ziraldo véio-de-guerra, Rio, mais ou menos em 1983.

Caro Policarpo Nelson Quaresma Bravo.

Com atraso, mas de coração venho agradecer o seu telefonema afetuoso quando fui operado.

Já estou em relativa forma e envio-lhe esse recorte do "Mineiro Jacuí", que deve interessar-lhe.

Abraço amigo do ex-prostático

Drummond







Com o amigo Ricardo Cravo Albin, fundador do Museu da Imagem e do Som, e seu antigo Presidente, no Rio.

Com nosso genial Raul de Souza e sua mulher francesa, Paris, 2005, quando nos conhecemos e ficamos amigos.

Série de FOTOPOESIA - ARQUEOLOGIA DE UM NÃO LUGAR

Trata-se de uma experiência fotopoética na qual exploro o encontro com os lugares. São encontros ocasionais, ou da persistência do trajeto. Os corpos fotografados ESTÃO, e basta. Pertencem ao lugar. A série nasce a concepção do Não-lugar do antropólogo Marc Augé. São percalços não-relacionais, e toda forma de consciência se constrói no encontro.

André Camargo



objeto1

02.01.2021
Não há nada de novo à meia noite
A novidade traz sobras
Mágoas
Tristezas
A novidade é sempre a extensão do que se foi
Entre pinos e restos de garrafas
Traz a embriaguez do tempo ido
Às 00 horas
Continuamos ser a tampa
Amassada
À sarjeta



A festa não nos faz iguais
Continuamos miseráveis
Arrastados no Tempo
Tristes
Entorpecidos
...
Iludidos
Que se abraçam
Beijam
Até transam
...



Felizes com o giro do ponteiro
Mantemos nossas sarjetas
Cheias
Ocupadas
Abastecidas

Elemento 09

07.06.2020
O sol cobrou seu preço
Na sarjeta
Ressecou
Não és mais tão desejável.
...

Ao menos para o faminto

Elemento 04





27.10.2020
A fé marca o tempo.
Conta-se em gotas.
Mas, a fé, perde-se.
Frágil.
Perde-se em desejos.
Perde-se em orações.
Perde-se em intenções.
Perde-se próximo a um campo de futebol.

Elemento 08



NAS HQS PERIFÉRICAS, O VIGOR CRIATIVO DAS QUEBRADAS

por Ponte Jornalismo

Editora Mino lança seis livros de quadrinhos criados por jovens dos bairros periféricos de SP. Nas histórias, relações familiares, violência policial e ficção científica. Autores sentem que, ao narrar seu mundo, resgatam-no da invisibilidade

Por Caê Vasconcelos, na Ponte Jornalismo

Oportunidade é a palavra-chave para definir as seis histórias que compõem a série Narrativas Periféricas, publicadas em 2020 pela Editora Mino. Era apenas isso que os seis talentos, moradores das periferias da cidade de São Paulo, que escreveram e desenharam as seis HQs precisavam. E a Mino deu. A ideia do projeto surgiu após a primeira edição do Perifacon, a Comic Con das Favelas, em abril de 2019, que reuniu mais de 4 mil pessoas no Capão Redondo, zona sul da cidade de São Paulo.

Assim nasceram os quadrinhos Thomas – La Vie en Rose, de Arthur Pigs, 19 anos, morador do Jardim Eliza Maria, na zona norte, Pomo, de Eryk Souza, 29 anos, cria da Cidade Tiradentes, na zona leste, Crianças Selvagens, de Gabú Brito, 27 anos, morador do Jardim Noemia, zona leste, Shin, de Isaac Santos, 33 anos, morador da Cohab Brasilândia, na zona norte, Quando a Música Acabar, de Isaque Sagara, 30 anos, morador de São Miguel Paulista, na zona leste, e Para Todos os Tipos de Vermes, de Kione Ayo, de Salvador, mas moradora de São Paulo até se formar na USP.

A ideia do projeto era selecionar quadrinistas periféricos para publicar uma HQ com a Mino. Inicialmente eram oito vagas, mas no fim foram fechadas seis publicações, sendo que quatro eram de autores negros. Durante 8 meses o time se reuniu em encontros presenciais em um programa coordenado por Janaína de Luna, editora-chefe da Mino, uma das principais editoras de quadrinhos do país.

“O processo de criação foi feito a base de muita conversa, entre os autores e a editora, muita edição. Eu peguei uma história toda e joguei fora, quando refiz saiu o que eu publiquei e eu achei fantástico”, define Arthur Pigs, autor do Thomas – La Vie en Rose, em entrevista à Ponte.



Da esq. para dir.: Arthur Pigs, Eryk Souza, Gabú Brito, Issac Santos, Isaque Sagara e Kione Ayo| Foto: Editora Mino / Divulgação

“Eu aprendi muita coisa no processo, eles deram muito quadrinho e emprestaram outros. Eu aprendi muito, ia demorar bastante para achar isso na internet. Saímos de lá autores. Eu me lembro que ficamos discutindo uma vez se iríamos colocar que éramos quadrinistas, aí o Pigs disse que tinha colocado. Agora somos quadrinistas de verdade”, completa Kione Ayo, autora do Para Todos os Tipos de Vermes, única mulher do grupo de artistas selecionados.

Eryk Souza, autor de Pomo, conta a sua inspiração: “O meu quadrinho é de ficção científica e ele fala um pouco sobre questões relacionadas a minha vida, mesmo que seja de uma forma floreada, é como se fosse um autorretrato das experiências e das impressões que eu tive sobre a minha sexualidade e sobre a relação com a minha família”.

Assim como Gabú Brito, autor de Crianças Selvagens. “A história é um apanhado de vivências que eu tive no teatro, de opiniões que eu tenho sobre meio urbano, família, sensibilidade e o que eu entendo ser poesia. Tentei colocar um monte de símbolos e metáforas na história, por mais que ela seja meio simples ela remete muitas coisas. O jeito que os personagens falam é o jeito que a molecada daqui fala, as gírias e os palavrões”.

Autor de Quando a Música Acabar, Isaque Sagara pontua que fez seu quadrinho para ver o lugar onde cresceu representado em uma HQ. “Eu nunca vi nas histórias que eu lia um bairro que parecesse o meu, a rua. É ruim você viver em um lugar que parece que não existe, que você nunca vai ver ele em lugar nenhum. É uma história que fala sobre drogas, DST [Doenças Sexualmente Transmissíveis] e dramas. Eu quis contar algo real, de pessoas que eu conheci”.

“Eu, como artista, me via isolado de uma sociedade por ser de periferia e ter poucas pessoas que pensavam em fazer alguma coisa com arte. Essa HQ é para mostrar que somos capazes, é para mostrar que temos voz. Não somos números, não somos estereótipos. Somos plurais, cada um é um universo”, completa Issac Santos, autor de Shin.

Leia a entrevista:
Arthur Pigs: Para chegar no Narrativas, eu apresentei um trabalho totalmente diferente. Era um trabalho sobre violência social, sobre o meu bairro, sobre violência policial. Não tinha nenhuma pegada de humor. Quando eu cheguei lá, a Jana foi me levando para o lado da comédia, do humor, e eu comecei a entregar as atividades nesse estilo.

Eu já fazia tirinha para internet e acabei abraçando o estilo de humor para fazer o quadrinho. Eu não entrei de primeira [na seleção], entrei na repescagem como a nona pessoa. Era para ser só oito, mas me colocaram também. No final saíram seis HQs. O processo de criação foi feito a base de muita conversa, entre os autores e a editora, muita edição. Eu peguei uma história toda e joguei fora, quando refiz saiu o que eu publiquei e eu achei fantástico.



Foto: Editora Mino / Divulgação



Foto: Editora Mino / Divulgação

Eryk Souza: O meu quadrinho é de ficção científica e ele fala um pouco sobre questões relacionadas a minha vida, mesmo que seja de uma forma floreada, é como se fosse um autorretrato das experiências e das impressões que eu tive sobre a minha sexualidade e sobre a relação com a minha família. O quadrinho, mesmo que seja de ficção científica, de fantasia, é muito inspirado na minha vida e na vida de pessoas que eu conheço. O nome pomo tem a ver com o fruto proibido e uma relação com o "Pomo de Adão", essa relação com a masculinidade.
O personagem vive em uma sociedade pós-apocalíptica e ele tem o contato com um ser que vive na Lua e a nave desse demônio caiu na Terra e esse contato muda as impressões do que ele acreditava ser absoluto.

A história brinca um pouco com a ideia de mecanização, de sentidos, de personagens que vivem na Terra, e o personagem parece um pouco humano e o restante da sociedade é meio robótica. Foi a forma que eu pensei que pudesse demonstrar algum tipo de emoção que não fosse só sobre expressão. Os personagens robôs quando ficam nervosos desfragmentam. Eu quis falar sobre as impressões e os medos que tive na minha vida. Quando eu mandei para a Mino, a HQ era bem diferente, não chamada Pomo, era outro contexto. Eu acabei mudando para ficar mais fácil para caber no processo. Eu tive que deixar o desenho mais simples para caber na proposta e para dar tempo. Antes eu criava muitas coisas coloridas, depois eu percebi que podia experimentar mais, trazer coisas P&B, trazer coisas mais pessoais.

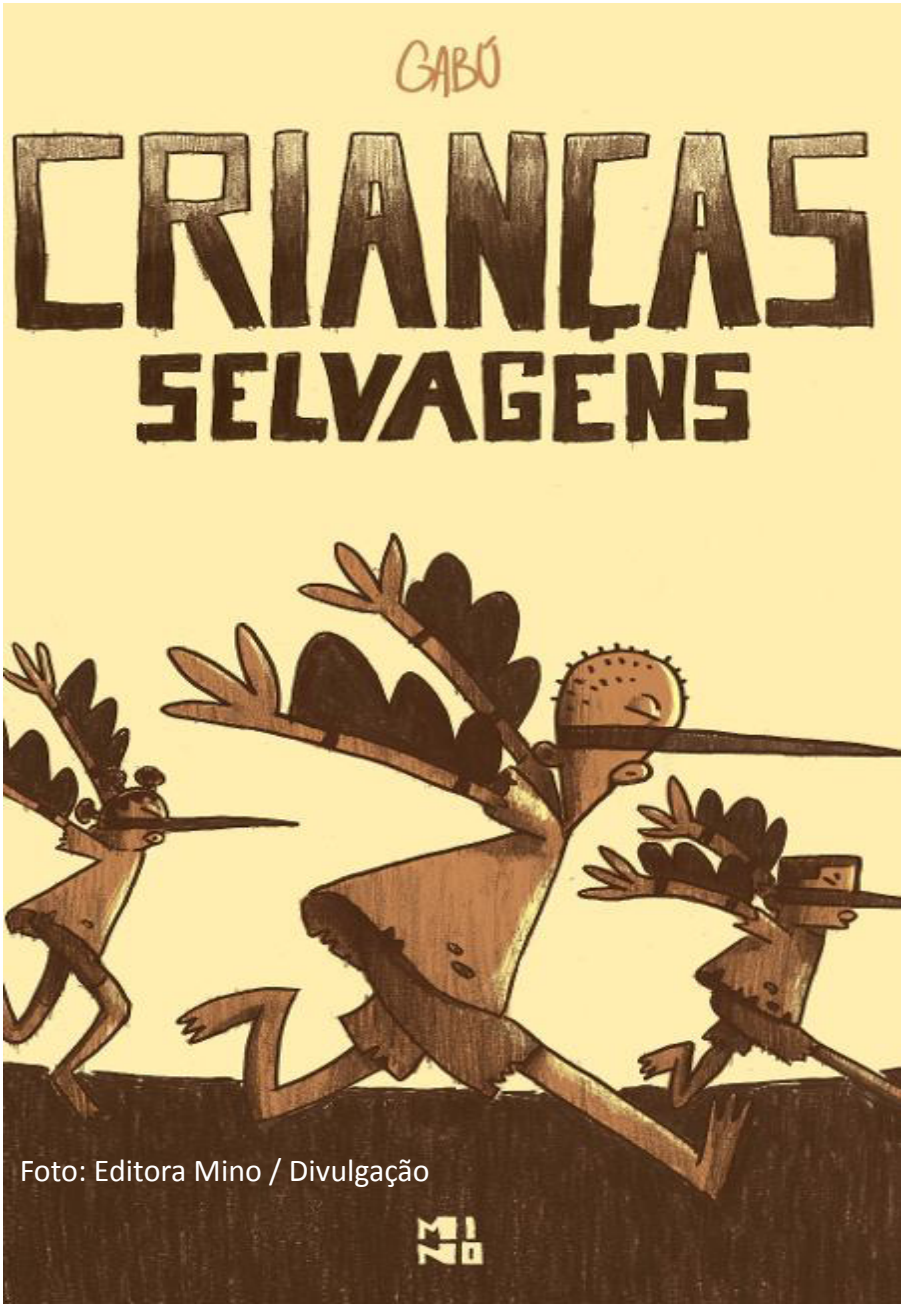


Foto: Editora Mino / Divulgação

Gabú Brito: Histórias de três crianças de rua, que vivem diversas situações. A história é um apanhado de vivências que eu tive no teatro, de opiniões que eu tenho sobre meio urbano, família, sensibilidade e o que eu entendo ser poesia. Tentei colocar um monte de símbolos e metáforas na história, por mais que ela seja meio simples ela remete muitas coisas. O jeito que os personagens falam é o jeito que a molecada daqui fala, as gírias e os palavrões. Eu escrevi ele baseado em Capitães de Areia [romance de Jorge Amado] e Aventuras na Ilha do Tesouro [quadrinho do Pedro Cobiaco].

Com a Mino, eu não levei essa história de primeira, eu levei uma que era do folclore, que eu abandonei, e aí segui com essa dos pássaros, que já vinha de umas brisas que eu vinha tendo no teatro. O processo com a Mino foi muito bom para mim, porque algumas coisas que eu achava que estavam muito boas, a Janaina olhava e falava que não estava legal, aí eu refiz e ficou melhor ainda. Todo mundo sabia escutar um não, que a ideia dava para ser lapidada. Eu aprendi muito com a Janaina e com o Pedro, que é um entendedor de quadrinho impressionante. Estou lendo muitos quadrinhos e livros, não produzindo tanto.

Isaac Santos: A minha HQ conta a história de um pai solteiro que mora em uma metrópole futurista com a sua filha pequena e ele tem mais de um trabalho. No período da manhã ele trabalha em um escritório e de noite ele é um espião. Eu queria, nesse quadrinho, falar sobre paternidade e relacionamento dentro de um contexto de um quadrinho de ação. Eu queria contar mais de um tipo de história, queria que fosse muito humana, que trouxesse a minha experiência como pai. Eu tinha participado do Perifacon em 2019 e eu estava pensando em parar de trabalhar com arte, por conta do bebê, e acho que isso refletiu de certa forma com o personagem.

Muitos amigos me incentivaram a participar da Mino, e eu já era fã de alguns quadrinhos da editora, me senti motivado a me inscrever. Já tinha feito outras feiras anteriormente. Quando cheguei lá, achei que conhecia um pouco de quadrinhos e foi muito mais libertador e abriu os meus horizontes para entender quadrinho de uma outra forma. Eu ficava ansioso para as aulas. Essa experiência foi muito importante para continuar trabalhando com arte e produzindo. Agora é continuar trabalhando, meio que tenho uma ideia de carreira projetada, não só com quadrinhos, mas também com animação, continuo estudando escrita, roteiro e desenho para quadrinhos.

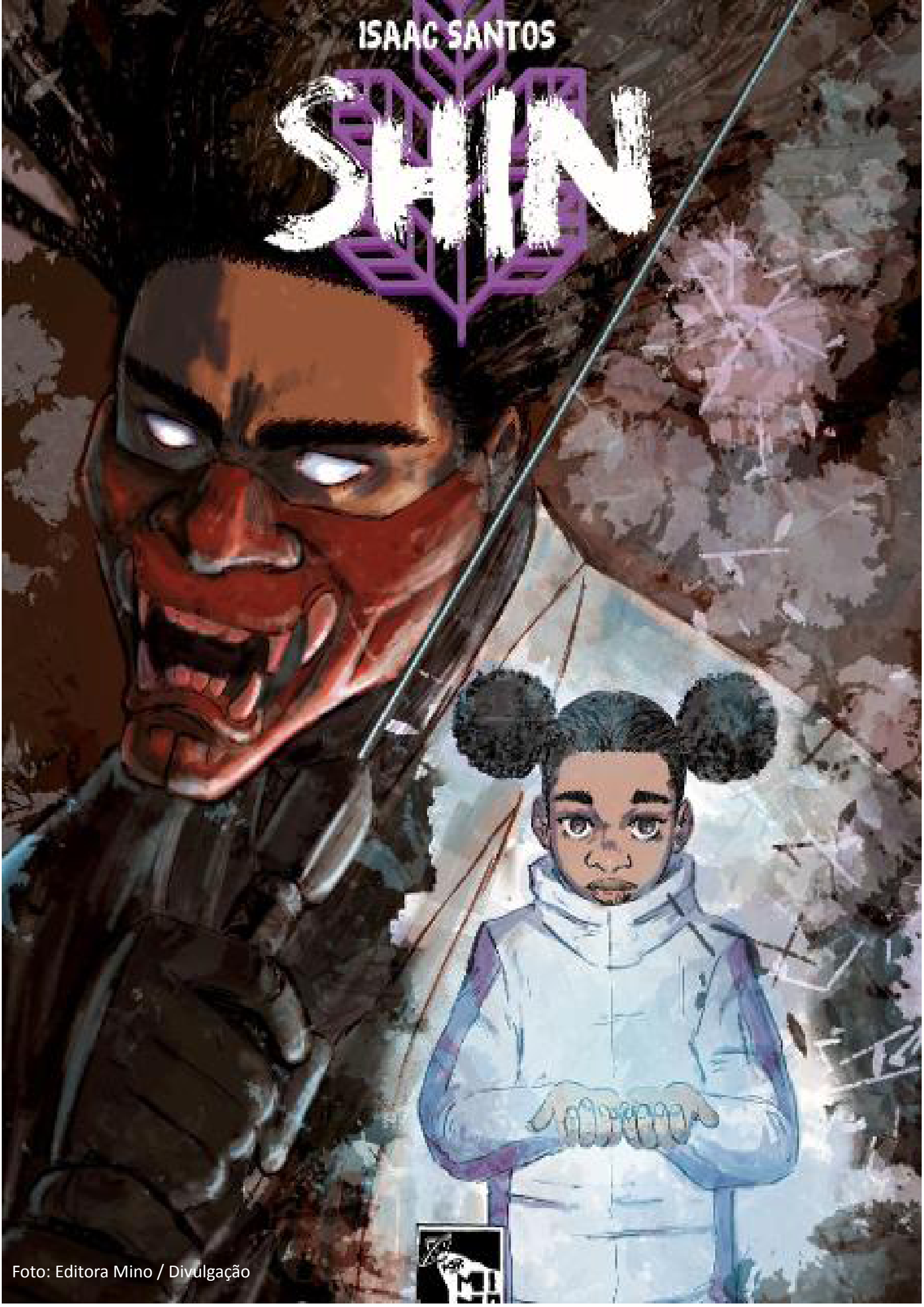


Foto: Editora Mino / Divulgação

Isaque Sagara: Quando eu entrei nas Narrativas Periféricas, eu ia fazer um quadrinho sobre o Robert Johnson, pela minha ligação com a música, e eu queria trazer uma história que eu achasse bacana. Na Mino fui incentivado a desenvolver minha própria voz e meu texto. Esse foi o meu primeiro roteiro, primeira história que eu criei. Eu tinha abandonado a arte, antes da Mino, inclusive eu voltei a desenhar no ano passado. Esse projeto foi um resgate.

A história tem muito a ver com o lugar onde eu cresci e eu me incomodava muito com as histórias em quadrinho, principalmente quando eu tava no ensino médio, porque onde eu cresci não tinha super-herói, as coisas aconteciam e ficava daquele jeito, ninguém podia fazer nada. Eu nunca vi nas histórias que eu lia um bairro que parecesse o meu, a rua. É ruim você viver em um lugar que parece que não existe, que você nunca vai ver ele em lugar nenhum. É uma história que fala sobre drogas, DST e dramas. Eu quis contar algo real, de pessoas que eu conheci.
A Mino foi uma escola, aprendemos na prática e saímos de lá como autores.

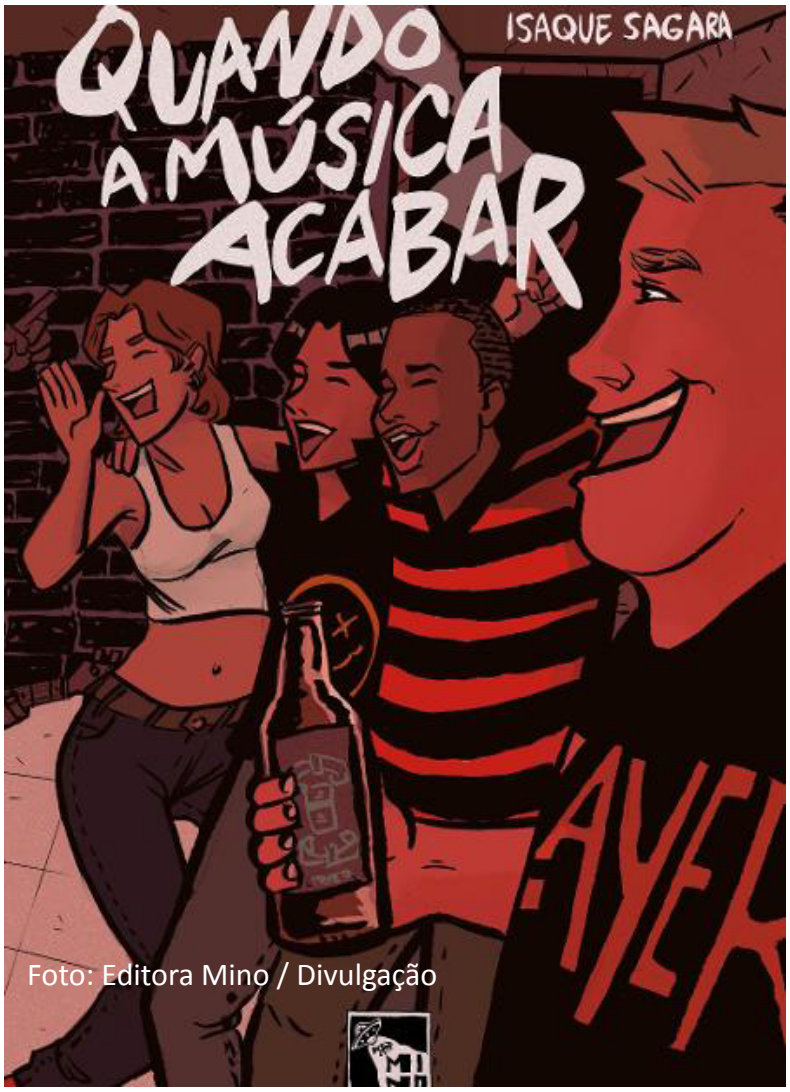


Foto: Editora Mino / Divulgação

Kione Ayo: Fiquei sabendo do projeto com alguns colegas do Perifacon da faculdade. Eu fiquei pensando que ia ter um monte de gente muito boa que ia ser chamada, que eu não tinha chance de passar, mas minhas amigas ficaram me incentivando e deu certo. Fiquei pensando 'não pode ser'. Para a concepção do quadrinho, fomos trabalhando os projetos durante as aulas. Uma coisa bem legal é que eles conversavam com todos juntos, falando o que podia melhorar na história de cada um e fomos aprendendo juntos, fazendo os quadrinhos juntos. Quando eles vinham falar para a gente melhorar, eles falavam de um jeito que empolgava. Para o Pigs, por exemplo, a Janaina falou que o Pigs que ela conhecia podia fazer uma coisa muito melhor. Bem motivador. Isso foi vital pra gente conseguir. Eles apontavam os pontos onde éramos fortes para aprimorar a partir dali.

Eu gosto bastante desses cenários estranhos, doidinhos, nessa história eu queria falar sobre um monte de coisa. Falei sobre racismo, desigualdade social, saúde da população pobre, fascismo. Joguei as ideias para que as pessoas que lessem pensassem nesses temas e ao mesmo tempo fazer algo divertido para entreter. Eu aprendi muita coisa no processo, eles deram muito quadrinho e emprestaram outros. Eu aprendi muito, ia demorar bastante para achar isso na internet. Saímos de lá autores. Para quem não publicou nada foi uma transição bem mais forte. Eu me lembro que ficamos discutindo uma vez se iríamos colocar que éramos quadrinistas, aí o Pigs disse que tinha colocado. Agora somos quadrinistas de verdade.



Foto: Editora Mino / Divulgação

Qual a importância desses quadrinhos serem feitos por pessoas periféricas para mudar o imaginário que ainda persiste sobre as periferias, o da violência?

Pigs: Ainda tem esse conceito de que na periferia só tem crime e violência. Isso acabou refletindo muito no meu trabalho, entrei para fazer uma HQ disso, mas acabei saindo de lá com um quadrinho sobre humor. Eu parei para pensar que, quando a gente nasce na periferia, não nos sentimos livres o suficiente para falar de tudo igual as pessoas de classe média e classe alta, que já nasce livre para estar em todos os espaços. A gente tem que conquistar essas coisas, conquistar que o periférico é livre.

Isso é algo que vejo muito no rap, os caras começam fazendo um som porrada e depois fazem um som mais artístico. A periferia tem que estar em todo lugar. Tem que falar sobre comédia e sobre amor. A gente vive tudo isso. Não é por que temos violência que não vamos viver as coisas que todo ser humano vive, só temos que começar a jogar isso para a nossa arte. A gente já faz isso, pagode é sobre amor e é um jeito para conquistar os nossos espaços na sociedade.

Eryk: A gente consome várias coisas: lemos mangá, lemos quadrinhos, vemos clipes no YouTube. Temos uma série de outras influências e queremos falar de uma série de coisas que não são só relacionadas à violência. A periferia está na gente, mas somos todas essas outras coisas. Ao mesmo tempo que podemos falar das questões do cotidiano, também podemos falar de uma questão um pouco mais abstrata. Tudo passa pela vivência na periferia, mas, no meu quadrinho, eu queria falar a minha vida, as questões que envolviam as minhas angústias, mas, ao mesmo tempo, eu também queria falar sobre coisas que eu gosto, sobre robôs e coisas abstratas. Também podemos falar sobre isso. Isso mostra que somos diversos e criativos como qualquer outro artista que mora no centro.

Pigs: E é muito difícil, né galera? Passar por esse processo todo de fazer algo mais artístico e menos no estereótipo que a galera já conhece. Você se desprender, brincar no parquinho deles e sair do nosso.

Eryk: É difícil, porque você brinca e depois deu a sua hora e você tem que voltar. Tem que pegar o trem para conseguir voltar.

Gabú:Também tem essa coisa de você ligar a televisão de tarde e só vê programa sensacionalista metendo papo de violência. Fica essa ideia, de que só existe isso. Isso cria uma visão animalizada da coisa, parece que só tem selvageria, medo de sair na rua. Fica pouco espaço para falar que são pessoas que vivem nas periferias, que tem inseguranças, que pode estar em uma bad vibe em um relacionamento ou estar feliz com um relacionamento. Tem felicidades e tristezas na vida.

É importante a gente falar nas nossas produções o nosso ponto de vista porque ele mostra um contexto não só social, mas humano. Eu falo sobre crianças de rua e muitas vezes eu escuto falar que a galera que tá na rua tá na rua por culpa deles mesmos, é algo que não se entende como uma engrenagem social que joga as pessoas para lá e acaba não considerando elas como pessoas. Um papel importante de contar essas histórias é pelo papel da sensibilidade, essa humanidade para os personagens que colocamos no mundo.



Da esq. para a dir.: “Shin”, “Thomas – La Vie en Rose”, “Pomo”, “Quando a Música Acabar”, “Crianças Selvagens” e “Para Todos os Tipos de Vermes” | Foto: Editora Mino / Divulgação

Kione: A imagem que se mostra das periferias em tudo que é canto do Brasil é imagem de crime, de violência, mas tudo que se tem por cultura brasileira é das periferias. Quando eu pesquisava o meu bairro em Salvador no Google, só aparecia coisa de violência, mas foi de lá que o pessoal do Olodum saiu. A gente tá fazendo cultura o tempo todo, assim como das questões sociais. Tem também uma ideia de não quererem que isso pareça arte, toda vez que tem alguma arte da periferia o pessoal fala que é qualquer coisa.

A gente vê isso com o grafite assim como vimos com o samba. Minhas avós falavam que samba era música de quem não tinha cultura e agora é parte da identidade nacional. É o mesmo que está acontecendo com o funk agora as pessoas criticam, mas está em todas as propagandas. Eu vi esse processo acontecer. Estamos fazendo arte, e arte boa, eles só não querem reconhecer. Eles [sociedade e imprensa] querem invalidar tudo que é produzido nas periferias. É importante dizermos que esses trabalhos são feitas por pessoas periféricas, por minorias.

Isaque Sagara:Parece que há um esforço para aumentar o estereótipo, não para mostrar como realmente é. O nosso trabalho é importante para que as pessoas daqui também se reconheçam nos quadrinhos. Nada é fácil, além do distanciamento geográfico, temos o distanciamento econômico. Toda vez que vamos produzir arte, temos que ir longe para comprar e é caro. Muitas vezes nos sentimos intimidados nesses espaços, porque não fomos apresentados ali. Quando produzimos alguma coisa aqui, isso tem um significado enorme. Todo mundo atrapalha a sua produção. Eu sou professor de arte, do Ensino Fundamental I, e eu estava fazendo uma oficina de quadrinho com os meus alunos. Quando eu publiquei o meu, eles viram que era possível. Para eles, no futuro, isso será inspirador.

Isaac Santos: É, a representatividade é importante. Eu, como artista, me via isolado de uma sociedade por ser de periferia e ter poucas pessoas que pensavam em fazer alguma coisa com arte. Ter essa oportunidade é mostrar para outras pessoas de periferia. Essa HQ é para mostrar que somos capazes, é para mostrar que temos voz. Não somos números, não somos estereótipos. Somos plurais, cada um é um universo. Para as pessoas que vão ler os quadrinhos, que são de periferia e são pretos, veem uma parada assim, que talvez, lá atrás, a gente teve que buscar referência e tomar para si e mostrar que podemos contar as nossas vivências de forma diferente. Isso humaniza nossas histórias.

E qual a importância dos quadrinhos na vida de vocês?

Eryk: Esse é o meu terceiro quadrinho, eu tinha feito mais dois antes. O Pomo foi o primeiro quadrinho que eu pude lidar com o processo de editoração. Eu tenho os quadrinhos na minha vida desde a minha infância. Começou com aquela coisa inocente de contar histórias, de ir para caminhos malucos de criação. O quadrinho é algo muito pessoal, é mais fácil para se contar uma história. É sobre desenhar as coisas que eu gostaria de ver e falar.

Issac Santos: O quadrinho pra mim tem uma importância absurda, tenho contato com esse universo desde muito novo. O primeiro presente da minha avó foi um livro de arte. Só de falar de quadrinhos eu fico animado. Antes de pensar em trabalhar com animação e cinema, que são coisas que eu ainda quero fazer, o quadrinho vem em primeiro lugar na minha vida, pela facilidade, pela linguagem. Se não fosse o quadrinho eu estaria trabalhando de outra coisa e estaria muito infeliz. Eu também já tinha publicado anteriormente, um quadrinho que fiz com amigos e tenho dois fanzines. Eu tava pensando em parar, mas a Mino me incentivou a continuar.

Gabú: Eu leio quadrinho desde criança. Parei e voltei. Comecei lendo Dragon Ball, tinha uns números quebrados, tipo o 3 e 26, eu lia e relia, pintava os quadrinhos. Depois eu fui ler mangá. E hoje estou em um trabalho fixo que me dá muito trabalho, não estou me cobrando de fazer quadrinho. Eu tô lendo muito quadrinho, vendo possibilidade, mas não estou levando como uma responsabilidade muito grande porque, financeiramente, eu não acho que consigo me manter. Essa foi a minha primeira publicação.

Pigs: Eu optei por fazer quadrinho porque é um jeito de extravasar a minha imaginação. Sempre gostei muito de escrever, de contar histórias. Descobri os quadrinhos com Mickey e Pato Donald, aqueles gibis que você compra por R$ 1. Eu percebi que podia fazer isso quando me deparei com páginas de tirinhas no Facebook. Aí comecei a fazer uns quadrinhos tristes, que não tinha nada a ver comigo, e aí fui montando as características que tenho agora. Entrar na Mino recomeçou tudo, foi a minha primeira publicação.

Kione: Foi o meu primeiro quadrinho, mas não quero parar. Eu lia muito A Turma da Mônica quando era pequena, lia bastante, bastante

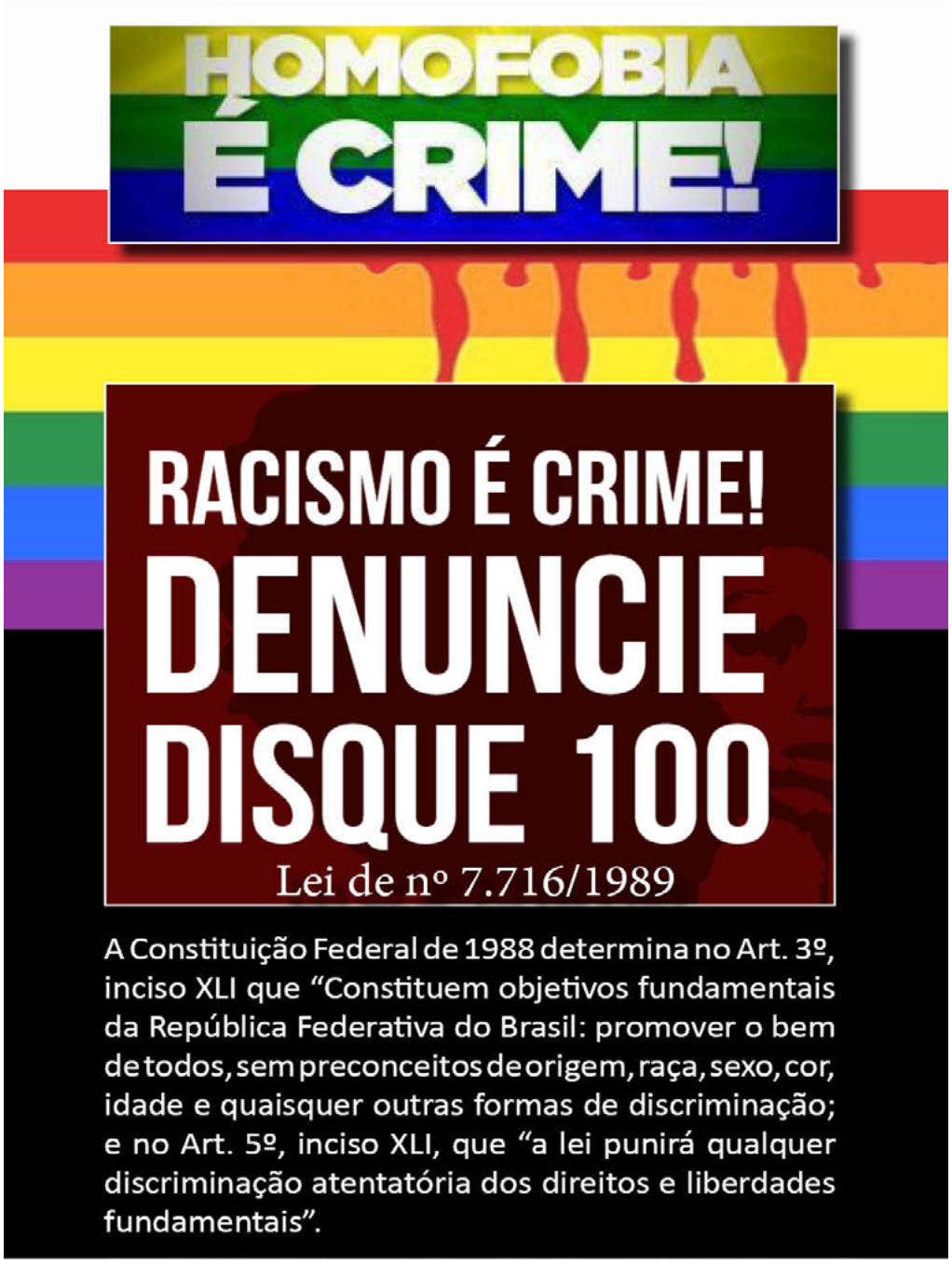
mesmo. Era uma coisa que todo mundo dava para as crianças da família, eu tenho uma pilha de gibi. Eu tinha um quadrinho do X-Men, que não sei como veio parar em casa, mas eu gostava muito, ficava tentando reproduzir as páginas. Também sempre assisti bastante animes e também ficava querendo desenhar. Aí eu comecei a criar umas historinhas. Os quadrinhos são um espaço perfeito para experimentar coisas. Eu quero publicar depois e quero publicar até morrer.

Isaque Sagara: Eu comecei a gostar ainda no Ensino Fundamental, tinha alguns gibis que ficavam na minha sala de aula. A minha professora era muito contra ler quadrinhos e isso me incomodava muito. No Ensino Médio, voltei a ler quadrinhos em casa. Eu sou formado em Artes Plásticas e fiz um TCC sobre a importância dos quadrinhos na sala de aula. Em seguida eu me graduei em História da Arte e falei sobre três momentos em que as histórias em quadrinhos influenciaram a sociedade. Acho que era um problema que eu tinha por ter sido reprimido. Eu não queria ler os livros da escola, eu queria ler quadrinho. Eu desenhava, sempre desenhei, mas achava que tava muito distante de mim publicar alguma coisa.

Nessas passagens de ano, de 2018 para 2019, eu prometi que eu ia dedicar um ano para fazer o que eu realmente gostava, ai decidi que iria fazer quadrinhos. Me inscrevi em uma oficina na Biblioteca de São Paulo, em que o Lourenço Mutarelli ia fazer uma oficina. Lá eu conheci o Alexey Dodsworth, fizemos uma amizade e ele me chamou para fazer a A Máscara Da Morte Branca, em que ele fez o roteiro e eu o desenho. Nesse meio tempo, eu entrei no Narrativas Periféricas e aí comecei a ter aulas sobre roteiro e comecei a produzir.

ESPAÇO DE LEITURA
lêmocian




HOMOFOBIA
É CRIME!
RACISMO É CRIME!
DENUNCIE
DISQUE 100
Lei de nº 7.716/1989
A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

ALMALONDRINA
rádio web

#ouça
RÁDIO
ONLINE

https://almalondrina.com.br/

Cultura930
PORTAL DE CULTURA

https://www.radios.com.br/aovivo/radio-cultura-930-am/12410

VACINE-SE CONTRA O NEGACIONISMO



Arte de rua, trincheira da luta anticolonial



Por Roberta Traspadini, na coluna Diálogos Pedagógicos | Imagem: Robinho Santana

Em toda a América, sobre os muros cinza, pretensamente “limpos” e “neutros”, uma profusão de cores, estilos e mensagens. A insubmissão é por vezes cooptada, mas é expressão das opressões e da multiplicidade ancestral toda autêntica obra de arte deveria ser revolucionária, isto é, subversiva da percepção e compreensão, uma denúncia da realidade estabelecida, a manifestação da imagem da libertação.

(Marcuse, A dimensão estética: crítica à ortodoxia marxista)

Alguns elementos iniciais

O que define a condição estrutural de dependência da América Latina é a dinâmica geral de produção social de riqueza capitalista em sua fase imperialista. A dependência é condicionada por um processo maior e, ao mesmo tempo, condicionante de relações sociais particulares, próprias de cada realidade nacional.1

O imperialismo estadunidense — após duas grandes guerras mundiais e uma crise que reestruturou o sistema monetário internacional — configurou um novo regime de poder, associado à hegemonia do dólar, e organizou, a partir do Norte, a estrutura de dependência latino-americana no século XX.

Uma das características marcantes de propagação da ordem hegemônica dos capitais estadunidenses na América Latina é a construção de imagens como produção simbólica e geral de um processo que deve ser copiado, digerido como padrão, gravitando por cima dos conflitos sociais, como se tudo, no que diz respeito ao desenvolvimento capitalista naquela economia, tivesse dado certo.

A produção das imagens das guerras, dos nacionalismos e das marcas que dimensionavam o sonho americano no mundo — como a bandeira dos EUA e do Brasil nas janelas nos remetem à invasão reprodutora do mito do desenvolvimento — assentou-se, sempre, na educação pelos sentidos, especialmente os visuais e auditivos. Propagandas, jingles, produções estéticas de perpetuação de verdades, vendiam coisas e, através destas, solidificavam sonhos de pertencimento a um projeto introjetado de fora para dentro.

A era das marcas define, assim, um tipo e sentido de inclusão via reprodução dos sonhos. A galera da nike, da coca-cola versus as bandas dos consumos comuns, o popular, que estão à margem. A imagem e o discurso vindos do poderio continental disseminam verdades absolutas com a pretensão de serem reproduzidas ao longo de toda territorialidade produzida mais ao Sul.

Ao mesmo tempo, também ao longo do século XX no interior dos EUA, à medida que as contradições emanadas do apartheid social contra negros e latinos acentuavam-se, surgiam, nos guetos, nas periferias e demais espaços públicos, as potências rebeldes dos gritos destes grupos na forma da música, da arte de rua, como forma de reação à exclusão. A composição étnica e racial dos Estados Unidos não corre longe da realidade que a alimenta: a diversidade dos seres latinos e africanos que habitam o continente após séculos de invasão colonial.

A dinâmica desigual é tão potente na economia mantenedora do dólar, controladora com ares de dona do mundo do século XX que, quanto mais os gritos nas ruas ecoavam como contestações reais à ordem, mais os financiadores das guerras tornavam-se intencionalmente fomentadores da arte. Rockefeller, Coca-Cola, Pepsi-Cola, Nike, entre outras, apresentaram-se ao longo dos anos 1970 e 2000 como financiadoras da arte de rua, dos cantores pops e como patrocinadores de diversas modalidades esportivas.

As contestações à ordem estão presentes: nos desenhos nos muros dos guetos; nos choros e risos que emanam dos saxofones através dos sons negros e populares do blues; na potência grave e aguda dos corais compostos por mulheres nas igrejas protestantes dos bairros latinos e negros. O popular e a arte não se divorciaram ao longo das história, ainda que possam ser separados pelos reguladores da ordem ou pela midiática ideia de certo e errado propagada para ser reproduzida como verdade, socialmente.

Os guetos estadunidenses foram, aos poucos, tornando-se espaços-tempos do financiamento privado das grandes corporações monopolistas. Produtores de cercas, os grandes capitais instituíram nos próprios territórios populares, a concreção da arte de rua, desde que não saíssem destas fronteiras delimitadas.

A arte de rua no capitalismo excludente, tanto do Norte como do Sul, significa existência, resistência, potência dos de baixo. Talvez seja a demarcação mais evidente de que a arte de rua em todo o continente americano é latina e caribenha. Isto ocorre por conta dos fluxos migratórios inerentes à lógica espoliadora do capital. Nos Estados Unidos, no Canadá, na América Latina e Caribe, arte de rua é expressão popular, tanto a pintura sobre seus processos, como os pintores e suas raízes.

A exclusão, ainda que mais severa do lado de cá, não implica ser inexistente do lado de lá. Essa diversidade da desigualdade conforma e confirma que existem sujeitos que tendem a romper com a sujeição, em uma sociedade que tende a apresentar o moderno nos tons questionadores das cores, em nome a arquitetura e estética clean. Neste movimento de tese e antítese produz-se muitas sínteses no processo coletivo de produção da arte de rua. O pulsar da diversidade das cores presentes na pintura de rua, inclusive nisso que intencionalmente propagam como neutro, contrapõe-se ao intencional sentido do cinza, do branco (como sinônimo de limpo e avançado) e do preto como reprodução simbólica de uma desigual ordem social (como obscuro, sujo, atrasado).

Os donos da ordem e seus perpetuadores tendem a apresentar as cores branca, cinza e preta como ausentes de diversidade, quando em realidade, estes tons são a expressão concreta da mistura como possibilidade. Assim como na vida, na arte as cores, seus significados, usos e sentidos estão em disputa. Entre a imagem e visão dos transeuntes correm mundos de histórias possíveis sobre a mesma imagem.

O cinza a partir da determinação mercantil é a conformação nas paredes, de uma real segregação social que não suporta a mistura, a diversidade, ou sequer a presença da diferença. Condição histórica, social e cultural que se origina de uma economia política cujo desenvolvimento para poucos parece afirmar-se como possível de prescindir muitos e muitas vidas.

A criminalização e a cooptação, via recursos, sempre foram armas potentes de silenciamento cultural, político e social, resultantes da hegemonia econômica do capital. Em plena era neoliberal, nascida das crises econômicas dos anos 1970 – demarcadas pelo crescimento da guerra imperialista e o peso da era do petróleo – a arte de rua denuncia a desigualdade e anuncia a existência dos/das de baixo. Isto vale para o Norte e para o Sul do continente.

No entanto, frente à intencional forma de manipular, dando dinheiro e construindo uma ideia aparente de inclusão, também mantém-se a arte engajada das pessoas que dizem não. Esta parece ser fruto de muitos processos em que o popular toma para si o direito à cidade, à vida, à voz e à tinta. Frente aos históricos saques, os artistas de rua colocam-se, a partir dos tons de suas consciências e coletividades, como protagonistas em vozes e cores do real significado de se viver à margem.

É na margem de uma sociedade que combina poucos dentro, muitos fora com sonhos de fazerem parte, e outros tantos excluídos da real condição de sobrevivência, que precisamos entender a arte de rua — na qual se insere o grafite, a pichação,





e outras expressões – como encarnação do movimento dialético existente em duas dimensões violentas historicamente determinadas: – o público e o privado; – autonomia versus subordinação. Portadores de tudo o que opera na margem, é sobre eles e elas que serão definidos os estereótipos de marginais, marginalidades, contraventores perigosos à ordem do moderno Estado de direito – penal — do capital.

O público e o privado

Na primeira dimensão violenta que emana da relação entre o público e o privado, a arte de rua coloca em movimento o debate sobre o direito à cidade em plena condicionante da primazia do direito à propriedade privada originada, desde sempre, pelo latifúndio, pelo monopólio da terra (no campo e na cidade) e das diversas dimensões da escravidão (colonial e moderna) que resultaram do passado colonial. Mais do que isto, o público privatizado, ao privar os sujeitos de bens, espaços e estruturas comuns, reitera a vida como um grande negócio demarcado pela compra-venda.

Ante a potência das via públicas, dos espaços públicos e das estruturas públicas como espaços-tempos do convívio, do comum, do social como possibilidade para todos, a arte de rua é demarcada pelos diferentes tons da desigualdade.

Ao mencionar isto, precisamos recuperar uma história pouco contada no Brasil, sobre a incidência da arte mural mexicana após a vitória da revolução (1910-1924). Foi como política pública que José Vasconcelos potencializou a pintura mural como elemento substantivo de educação popular para camponeses, indígenas e demais importantes protagonistas da luta social daquele então.

O México, economia dependente, tocada em todos os moldes pela violência da invasão colonial espanhola e posterior violência de guerra dos Estados Unidos sobre seu território – cuja guerra fez com que o México perdesse mais de 40% de seu território no final do século XIX -, foi o protagonista da arte mural, arte de rua, como história, geografia e economia política da resistência.

No México de Zapata e Villa, das soldadeiras e dos artistas de diversas partes engajados no Partido Comunista Mexicano, o muralismo apresentou-se como arte pública, oriunda de política pública, dando centralidade ao popular na voz, nas imagens, na história anterior e posterior à invasão colonial.

A arte pública como um programa de Estado. A arte pública como um instrumento político de alfabetização e educação dos sentidos para o novo que, naquele então, nascia: a revolução mexicana, a potência dos camponeses, dos índios e dos negros presentes na história do continente.

Utilizar os espaços públicos como céu aberto para a reescritura da história, dando ênfase aos até então oprimidos e superexplorados. Essa era a consigna presenta na arte pública orientada pela história da revolução. As escolas, os palácios, a universidade, viraram páginas em branco que ganhariam as cores da fusão entre o passado pré-colombiano e o posterior processo de constituição de uma nação sequestrada, mutilada, mas, ainda assim, viva.

A arte mural foi tão central e importante que, entre os 1940 e 1960, ganhou os Estados Unidos e projetou, em museus, galerias, e espaços públicos e privados, a potência da riqueza da comunicação e expressão dos artistas-intelectuais mexicanos. Entrou, inclusive, na seara das disputas sobre o papel do artista e da arte em uma sociedade de classes. David Alfaro Siqueiros, Aurora Reyes, Diego Rivera e Clemente Orozco, eram alguns dos grandes nomes. Ao lado deles, Tina Modotti, Frida Khalo, José Revueltas, Juan Rulfo, Alberto Hijar, entre outros grandes nomes das artes e das lutas políticas, neste momento fundidas.

Foram mais de 40 anos de produção coletiva de imagens como artes públicas murais, associadas a jornais (el Machete)2, fotografias e demais sentidos estéticos. Mas, bastou que a aceleração do tempo histórico chegasse na aerodinâmica da produção flexível, para que essa história fosse rapidamente substituída pela sociedade de consumo presente nos shoppings centers. No México coexistem esses vitoriosos processos da revolução e a ofensiva neoliberal e seus outdoors. Ambos plasmados nas ruas das cidades.

À medida que o neoliberalismo ganhou força, também o privado apropriou-se, de forma intensa, dos domínios que até então eram públicos. Empresas, escolas, espaços públicos foram cedidos, apropriados, cercados pela lógica privada do capital.

A arte, como potência comum disponível nos espaços públicos, passou também a ser submetida à política dos cercamentos contemporâneos. Não há farpa maior do que a produção violenta de um imaginário coletivo acerca de quem são os criminosos, quais suas cores e como devem ser tratados.

A apropriação privada de processos públicos foi tão acelerada a partir dos anos 1970 que é impossível trabalhar a arte de rua sem mencionar a aceleração e intensificação do saqueio, da pilhagem, dos extrativismos presentes no campo e na cidade, subordinados à lógica do capital financeiro monopolista.

Autonomia x subordinação

Na América Latina a violência do privado sobre o público demarca a segunda esfera de reflexão sobre a arte de rua. O Estado no capitalismo dependente atua para responder a uma dupla determinação: a dos interesses dos capitais hegemônicos internacionais, e a dos interesses da oligarquia agrária que atua no espaço-tempo físico e simbólico nacional. Nesse sentido, a arte pública após os anos 1970 na América Latina é igual a contravenção contínua à ordem do capital.

No Brasil, até a abertura democrática de 1984, a arte de rua se mistura com a luta contra todo tipo de violência emanada da ditadura, da cassação das liberdades de expressões e das torturas que culminam em mutilações do ser social. Em 20 anos de ditadura formal, a arte de rua não poderia ser outra coisa, que não um contraponto à perversidade da ordem vigente. Os uniformes dos militares e as cores das paredes davam o tom da tirania de um único sentido para o verde e o cinza como camuflados para impor-se coercitivamente na ordem social. O cinza e o verde como as cores dos anos de chumbo.

Ao terminar o período de ditadura formal – 1984 – e entra em cena a democracia formal, porém não real, a arte de rua se mescla com o cotidiano das ruas como casas para os/as sem tetos das cidades. Tanto a arte como a vida demonstram a história dos/das que vivem à margem. É dessa mescla entre artistas de rua e uma marginalidade construída e controlada presentes em uma sociedade desigual no direito e paritária nos deveres, que se intensifica a visão coletiva da arte de rua como "suja", "criminosa", "delinquente". E não poderia ser diferente, afinal, as cidades foram feitas para a circulação de mercadorias e de dinheiro sobre e contra as pessoas.

Manter fora do campo de visão os sujeitos que estão à margem, torna-se vital para a perpetuação da lógica do capital. Essa propagação da violência estrutural sobre os corpos e sentires da população como um todo, demarca a vitória das ideias dominantes de segregação social, racial e de gênero nos nossos países latino-americanos e caribenhos. O Estado, responsável formal pela garantia de uma ordem ancorada no direito à propriedade, na qual não cabem determinados sujeitos, pune, projeta e mantém fora das ruas, os populares. Estabelece o encarceramento simbólico e concreto de muitos sujeitos. Isto vale para os produtores de feiras, de artesanatos, para os artistas e suas diferentes expressões artísticas. A arte de rua é difamada, destruída, estereotipada.

A rua transformou-se, rapidamente, em espaço privado. Assim, tanto o urbano apresenta-se como a capital da ideia de modernidade, como esta somente existe eliminando do imaginário coletivo o papel protagonista das populações do campo.
As cidades tragam as contradições na mesma velocidade que produzem imagens de consumo velozes.
Em uma população sem tempo para comer, conviver e compartir, a mutilação dos sentidos é apenas uma arma a mais de dominação. Arma que corrói as histórias presentes no processo de dominação. Mas, ainda que a dominação reine, isto não significa existência sem outras resistências, respiros, insistências em poder ser.
No corre-corre intenso das cidades reinam: o não me toque, o não te conheço, nem reconheço. A sociedade que há séculos constrói o individualismo, enfim, pôde vivenciá-lo em seu mais alto estágio: o da exclusão entre os excluídos. Sem necessidade de cercas visíveis, as cidades materializam a potência da segregação nos corpos e mentes dos transeuntes apressados para chegar a seus destinos.

Alguns elementos a serem considerados

A arte de rua, na América Latina, é herdeira das revoluções e contestatária das múltiplas fraturas históricas, feituras de uma classe sobre outra, com matizes de raça e gênero que perpetuam os estereótipos de violência. Em Minas Gerais, o Circuito Urbano de Arte (CURA-BH) coloca em movimento as contradições das muitas expressões que habitam as cidades. E provoca reações esperadas, afinal, o Brasil foi, ao longo de mais de 500 anos, educado para a manutenção violenta da segregação.

A beleza da arte de rua presente nos prédios altos da capital, é interpelada na história contemporânea como agressora simplesmente por deixar gigante aquilo que no dia a dia tem existência majoritária nas cidades, mesmo que nossos olhos não queiram ver, existem: mulheres, famílias e culturas negras, índias e camponesas. O grafite quando as pinta, agride a moral estabelecida! Mas por quê? Porque somos um povo que teve historicamente negada a diversidade que nos compõe e que foi educado para celebrar a cópia de uma modernidade mal feita à custa de muito ódio, chibata, e, na atualidade, demasiadas armas de fogo contra os povos.

O que parte dos moradores, proprietários privados dos prédios em que as artes foram modeladas reforça, é a reprodução da história hegemônica dos barões do café, dos escravocratas que ainda habitam nosso (in)consciente cotidianamente. Nesta afirmação da práxis dominante, negam o que realmente são, para reproduzir o que jamais alcançarão ser: proprietários privados dos meios de produção.

O CURA expõe as veias abertas do nosso continente. E demarca que na era do agronegócio, que se acha pop e tec mas não anuncia as próprias sequelas que produz à luz dessa nova fase de expansão da fronteira agrícola no continente, o que está em jogo é a margem de disputa que ainda temos sobre o sentido do público, em uma sociedade cujas cercas estão por todos os lados. E com elas a violenta lógica do sensível e do concreto da primazia da propriedade privada sobre a vida.

O capitalismo dependente latino-americano, do qual o Brasil faz parte e se destaca como potência intermediária reprodutora dos anseios hegemônicos no continente (subimperialismo), hospeda terrores antigos. Entre eles, o fascismo, a tortura e os desaparecimentos contínuos.

A arte de rua é a forma-conteúdo do grito. Demarca as histórias, as memórias e a cotidianidade que pulsa nas cidades de forma sempre plural em sua singularidade latina. Como tal, a arte de rua necessita manter-se viva como potência dissonante à ordem do capital, mesmo quando não seja seu viés majoritário, dada a necessidade de sobrevivência dos/das próprios/as artistas.

Manter-se firme, ante todo tipo de violência e opressão, assegurar sua autonomia em pleno berço de reprodução da condição de dependência, burlar a ordem da superexploração com cores, cantos e contos nos muros e nas ruas. Eis uma tarefa que expõe para o pensamento crítico latino o quanto, se todo artista tem que ir onde o povo está, como canta Milton Nascimento, por onde têm, então, andado os intelectuais e militantes dos partidos de esquerda, frente a esta andança solitária da arte de rua.

Entender a arte como uma ocupação urbana protagonizada por aqueles/aquelas que são descartados na sociedade individualista do espetáculo, é uma questão de ordem. Quanto mais sujeitos sem direito o sistema cria, mais potentes às ocupações físicas das pontes, para moradia, ou da cidade, para poesias concretas.





Grafite “Criola”

Será que a arte de rua de Robinho Santana, na potência pintada de uma família negra que habita o cotidiano das cidades, como exemplo de milhões de famílias em Belo Horizonte e no Brasil, fere mais do que historicamente foram e seguem sendo feridas estas famílias pela exclusão, segregação, postas à margem, com fome, sede, impotentes no direito a ser e viver? Se fere, por que fere? Quais os grilhões mantidos para que os próprios trabalhadores, ou parte disso que se concebe equivocadamente como classe média, se negam a ver e reconhecer? Por que o espelho plasmado no muro, de uma sociedade composta majoritariamente por homens e mulheres negros, índios e camponeses é um atentado à imaginação e à propriedade?

E a pintura da artista Criola? Que lapidações cirúrgicas instituíram a cegueira social a ponto de nos deseducarem historicamente com o afã de não vermos nesta gigantesca obra de rua que corta a cidade pelo ar, e se materializa em cores nos muros dos prédios privados de BH, algo diferente de história, memória e beleza?

Caso não haja espaço para a reflexão sobre o belo, as contradições, a vida cotidiana, torna-se necessário reinstaurar a pedagogia da pergunta em meio às disputas societárias, uma vez que temos perdido de goleada, no âmbito político, para a reprodução das forças fascistas nos nossos meios. Quiçá isto ocorra porque há muito a educação e a formação, que deveriam ser ancoradas na educação popular, processo marcadamente vivo na economia capitalista dependente, não andam juntas – se é que em algum momento da construção institucional do Estado isto ocorreu -.

A hegemonia está materializada sobre processos desiguais e violentos, mediados por segregações, que imperam na constituição de um povo sofrido, oprimido, superexplorado e excluído. Mas, por que nossa parte índia e negra, responsável por construir a ferro e a fogo o propalado desenvolvimento do triste trópico Brasil, ao aparecer gigante nas cidades, torna-se um insulto? Robinho e Criola são duas importantes expressões da comunicação visual do nosso tempo. Quanto mais alto voarem as imagens que saem de suas formações, e tomarem as cidades, que insistem em esvaziar de sentido a diversidade, mais espaço haverá para disputar e questionar, no tempo presente, o verbo intransitivo do capital.

A arte de rua nos ajuda a transitar entre a intransigência do intransitivo. A plasmar o histórico para produzir o possível processo emancipatório. Tenham estes artistas consciência de classe, ou não, fazem parte da história das contradições de um país que insiste em desenvolver na base da superexploração e da exclusão. Integram a história latino-americana da subversão, colocando-se ao lado daqueles/daquelas que o sistema insiste em jogar para fora da nova ordem mundial.

Os artistas de rua, no tom do grafite, são herdeiros da arte engajada e projetores de sonhos. Tenham consciência disto ou não. Na arte pública, o resultado parece assumir uma forma-conteúdo que vai além das pretensões do/da artista. A tal ponto que aparenta deixar de pertencer ao pintor e passa a ser patrimônio histórico e público da sociedade.

A arte de rua chega onde os livros não chegam, nos espaços e campos de visão em quem a educação formal insiste em ausentar-se. A arte de rua alfabetiza, embeleza e emudece, no espanto, o retrato colorido das histórias negadas pela história oficial. Nas ruas, a arte volta a tensionar para a importância do público, reproduz e/ou reacende a chama dos questionamentos. Um olhar atento pelas cidades, suas pontes e seus muros denunciam as opressões e os silenciamentos cotidianos, tanto pelos corpos que habitam estes lugares, como por aqueles que passam sem questionar o viver coletivo no mesmo tempo e espaço.

A arte de rua abre o horizonte para o pensar. Por isso um olhar atento às imagens gigantes, pode e deve anunciar a revanche, a denúncia contra as opressões reais em meio à formalidade do poder do capital que emana dos nossos estados repletos de direito penal sobre muitos corpos.

A arte de rua nos convoca à reflexão acerca das cercas presentes no direito à cidade. Grita diversidade, reitera, no desenho gigante, o campo presente no cotidiano da cidade.

Os cimentos, as mentes e os sentidos são desafiados. O cinza como adormecimento das cores é burlado. Os processos públicos voltam a ser revitalizados. Por isso e por muito mais necessitamos da arte de rua como um convite para dançar, para o abraço coletivo nas ruas, mediado pela história dos nossos ancestrais.

A arte de rua deve ser prioritariamente pública e revelar a diversidade que compõe as cidades. E como tal, deve ser encarada como disputa na produção do simbólico e do concreto. Pois não basta ser público. É necessário ser público e politicamente ser o espaço-tempo da construção da diversidade. Os espaços públicos como bens comuns precisam ser revitalizados, caso não, ficaremos à mercê dos juízes do capital que imperam sobre e contra os corpos e mentes dos/das trabalhadoras das ruas, das casas, das fábricas e das motos.

https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/arte-de-rua-trincheira-da-luta-anticolonial/

D-ARTE

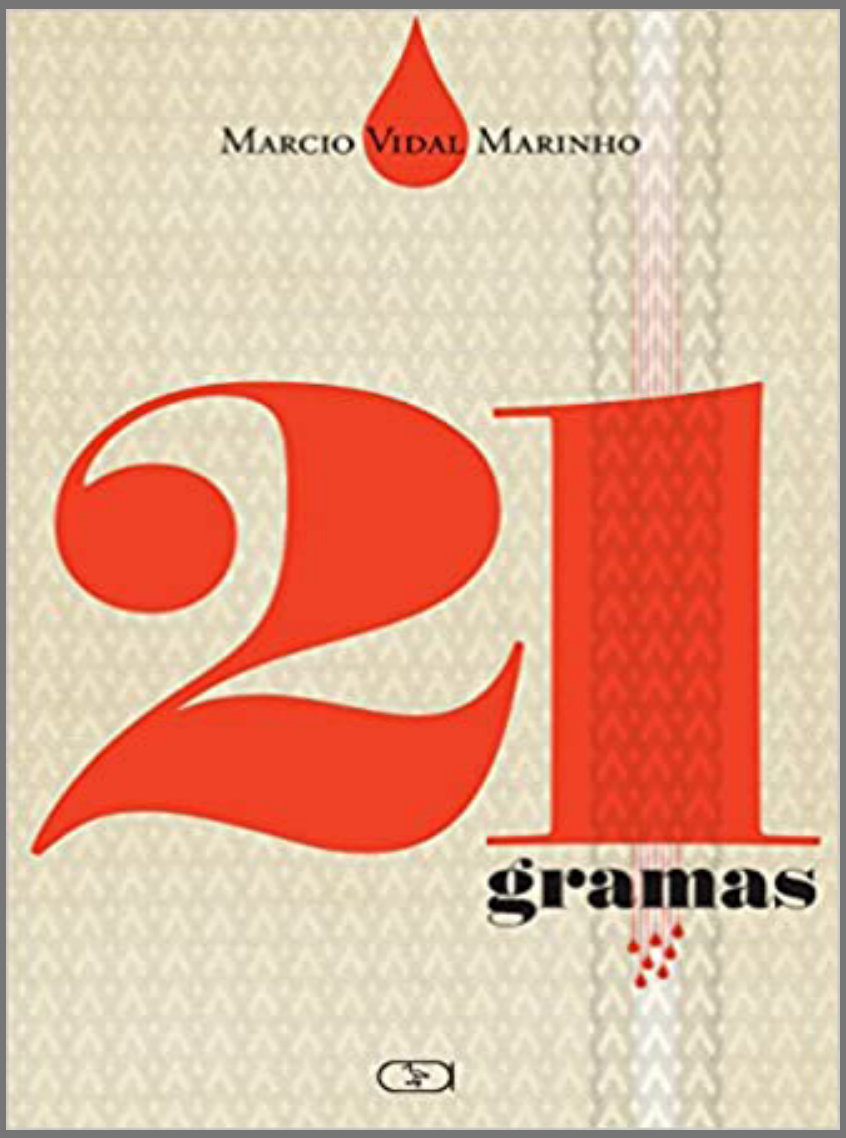
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#14

Literatura



amazon.com.br



A poesia de Marcio Vidal, essa que o aguarda neste livro que tem nas mãos, irá chegar aos seus olhos, e verá que a palavra tem o dom de fazer carinho na alma, com a mesma força de quem empunha uma espada em nome da paz. Entenderá, então, para que serve, finalmente, o coração: um depósito de poemas. E, assim, como um peregrino em busca de sua alma, ele vai roubando as nossas, para nos devolver, novamente, a nossa insanidade, que habita o cotidiano de pessoas que não cabe, muitas vezes, no mundo da literatura. E, no meio dessa guerra toda, da poesia contra a vida dura que nos impõe a realidade, ele constrói castelos onde o destino pede barraco de madeira. Derruba muros e levanta pontes com os entulhos, planta o trigo e nos devolve em forma de pão para nos matar a fome de um mundo melhor. Já no seu poema de abertura, “Velho canto brasileiro”: “Sob a negra noite/ deusa dos sonhos/ não saberei cantar a vida/ que é breve...”, que sua Nau navegará sem piedade sobre a covardia dos tiranos e dos que dormem em silêncio nas calçadas frias das cidades brasileiras. Apresentação de Sergio Vaz.

Vidro

Carmo Bráz de Oliveira

Os estilhaços
No chão jogados
Cortantes sob os pés
Descalços
De tantos percalços
Construídos
Recolhidos
Inatos
Ingratos
De sentimentos
Forçados
Desesperança
De cacos que
Já não se colam
Pontiagudos
Sons agudos
Tímpanos destruídos
Pensamentos isentos
Carcomidos
Em transe
Sem argumentos
Incompreensível
Impossível
Impassível
Ilusão da vida
De viver

De amar
De querer
Sem sonhar
E esquecer
Se conformar
E esperar
Para morrer.

Oblação
Os dias se vão
Triste e distante lua
Neste mundo imensidão
Oblação tua carne nua
Caminhantes em redemoinho
Cujo ao mesmo raio volta
Desencontro
Da mão que então se solta
Piedade que falsa engana
Com mentira delira e treme
Triste ser que orgulho emana
Nem pecado desviado teme
Acreditar em nada que existe
Pesadelo de uma vida torta
E em amar deveras insiste
Fiel resiste fagulha morta
Das águas que agitadas correm
Marinheiro na escuridão navega
Flores que não regadas morrem
Sem recados ou entrega
E neste incauto torpe vagar
Falsa alegria que a rede insiste
Continua sem encontrar
Este amor que sequer existe.

Carmo Bráz de Oliveira - Biografia Literária

Autor de dois livros de poesias: “Por Amor (Recanto das Letras)” e “Mosaicos de Gelo (Becalete)”.Classificado no Concurso Nacional de Novos Poetas (2018 e 2019), Conexão Brasil 2019 - Concurso da Câmara Literária de Pomerode; FLIST 2019 (Festa Literária de Santa Tereza – Rio de Janeiro – Revista Phillos dedicada a Chico Buarque); Revista LiteraLivre; Revista Eco das Palavras; Antologias: “Ao Intento do Vento 2” da Academia Mineira de Belas Artes; Poesia Sem Fronteiras (Academia de Letras Sociedade dos Poetas Virtuais; “O Livro Mágico 3” (Editora Becalete).Membro da Academia de Ciências, Letras e Artes do Brasil (cadeira 306). Prêmios: Medalha Patrono das Letras de das Ciências– Comenda D.Pedro II;Comenda do Mérito Histórico Guanabara – Diploma de Mérito Cultural e Social; Prêmio Caneta de Ouro (FEBACLA).
1º Lugar (Poeta Local) do Prêmio Cataratas de Contos e Poesias (2019-2020)
Página do Autor: https://www.recantodasletras.com.br/autores/carmobraz

Belarmino do Depósito



– Pode dar meia-volta, Belarmino, hoje você não trabalha. Vai descansar a carcaça por um bom tempo. Pode até ficar mais bonito, sabia?

Só de ouvir a voz enfadonha do gerente, Belarmino sente um arrepio. É uma aversão que se avoluma a cada encontro. De repente, vem aquela vontade danada de perder a paciência, mas, talvez por intercessão de todos os santos, desvia o corpo e entra na loja. Se o infeliz imaginasse a angústia que o subalterno enfrenta a cada minuto da vida, se ele vestisse a pele do outro por um dia apenas, não seria tão impiedoso. O sorriso mangador, afetado, há muito tempo está entalado na garganta de Belarmino. Uma hora, isso não vai dar certo.

Empurra a porta do escritório:

– Licença, patrão...

– Entra, Belarmino, senta.

– O senhor vai me dispensar?

– Que é isso, homem? Ficou louco? É o seguinte: recebi orientação de que, a partir de hoje, o empregado que tem mais de sessenta anos deve ficar em casa. É exigência trabalhista, essa pandemia traz muito risco. Vamos obedecer, não é, meu velho amigo?

– O senhor que sabe.

– Pode ficar tranquilo, você vai receber o pagamento e a cesta básica na sua casa. Não precisa sair. Nada de correr riscos. Vai acompanhando as notícias, não demora muito e tudo isso passa. Confia em mim?

– Claro que confio, patrão! O senhor é cópia do seu pai, que Deus o tenha... Direito que nem ele.

Segurando a sacola com a marmita ainda morna, e estranhando inverter o percurso àquela hora da manhã, o empregado obedece. Se bem que sente um alívio gigante de saber que poderá ficar em casa, enfurnado. Sem horário, sem compromisso. E, o melhor de tudo, sem exposição.

Bota fé no patrão, ele tem os mesmos olhos mansos do pai. E o velho Deodato lhe traz saudade.

Entrou na vida de Belarmino quando este ainda era moço, num tempo em que ele mais a mãe

vendiam ovos com a carrocinha de mão. O velho era cliente. E, quando Belarmino ficou só, já madurão, Deodato ofereceu o trabalho na loja. Na loja,
não. No depósito, ao lado. Logo o empregado compreendeu a razão de ser colocado lá.
Realmente, não era uma figura agradável de ser vista. Isso não foi falado, foi entendido. Sabia que era extremamente feio. Não só feio, era estranho. Desengonçado, excessivamente alto e magro. As pernas compridas se encontravam apenas nos joelhos voltados para dentro, o que lhe conferia um andar arrastado. Não lento, apenas arrastado. E os olhos eram apavorantes, horrendos. Grandes, desmedidos e saltados das órbitas. Mas Belarmino não era mau, nunca foi. Apenas ressabiado, arisco. Resmungão.
Caminhando em direção de casa, sentia novo ânimo. Teria dias e dias para trabalhar com seus carrinhos de brinquedo. Para estimular a sua intenção, avista ripas de madeira descartadas na lixeira da floricultura, do outro lado da rua. Não pestaneja, cruza o asfalto e junta a quantidade que cabe nos imensos braços. Com isso, o estoque de matéria prima estaria reforçado.
O percurso é relativamente curto, menos de hora. Mérito do velho Deodato. Assim que empregou Belarmino, mediou a venda do terreno deixado pela mãe do empregado e que ficava muito distante, com uma casa de fundos, bem mais centralizada, de quatro cômodos amplos e um quintal acolhedor, sombreado por generosa pitangueira. Esse era o reino de Belarmino, sua guarida.
No quarteirão seguinte, avista um camburão da polícia quase atravessado na rua, o que traz desassossego a Belarmino. É um mal-estar que o acomete sempre que vê alguém fardado. Jamais foi abordado, mas a fala corretiva da mãe ressoa na cabeça: “se não fizer a coisa certa, a polícia prende!”. Um verdadeiro pavor. Ainda mais desengonçado e sem querer saber a razão do cerco, Belarmino procura sair de cena pela esquina mais próxima.
Quando abre o portão e caminha pelo corredor, é tomado pelo sentimento de libertação. Como se grilhões dos pés fossem rompidos. Até pouco tempo, saía de casa ainda escuro, e só retornava quando o sol desaparecia por completo. Era o último a deixar o depósito. Preferia andar na sombra, a escuridão não exigia acanhamento, livrava-o dos olhares de repulsa ou de piedade. Ultimamente, como por milagre, essa preocupação ficou arrefecida. A idade passou a exigir mais tempo de cama, acordava mais tarde, o sono ficara mais esticado. O mudar de calçada ou o horror estampado nos olhos das pessoas que o avistavam não trazia mais o desconforto de antes. Aquele tormento que abalava as ideias sempre que precisava amortecer no peito um gesto de repúdio, a necessidade de assimilar a abominação, tudo isso passou a ser detalhe de somenos importância. Não deixou de machucar, mas a ferida secava instantaneamente.
Em casa, retira o uniforme, macacão marrom com emblema da loja de material de construção apenas no bolso. Tem vários, três novos e outros bem usados. Cuida deles no final de semana, lavados e passados com desvelo. Agora, ficarão esquecidos por um tempo. Terá início a era do calção. E da montagem de carrinhos de brinquedo. Sua fábrica terá produção acelerada.
Belarmino trabalha bem com artesanato em madeira. Faz caminhões, carriolas, automóveis, tudo com perfeição. Desde sempre, quando buscava ovos para revenda, no mercadão, recolhia ripas para a sua obra. E, repetidamente, ressoava a voz de reprovação da mãe: “isso é coisa de moleque, não é coisa de homem”. De começo, usava apenas canivete, lixa e tachinhas. Mas, com o fazer constante, especializou-se: faz carrinhos tão caprichados que até as rodinhas giram. Também fazia pandorgas, mas parou. Para que fiquem perfeitas, é necessário usar bambu verde. Bambu seco não dá o mesmo envergamento, o voo não fica apurado. Belarmino já não tem a mesma disposição de buscar bambu pelas beiras das estradas, caminhada que, ida e volta, leva meio dia. Então, deixou de lado.
É morador silencioso, não tem bichos de criação. Coloca o rádio sempre em volume baixo, e a televisão é só para os jogos de futebol.
Quando se mudou para a nova casa, percebeu que os muros laterais, instantaneamente, foram erguidos. As janelas ganharam grades, a vizinhança reforçou a segurança. Aborrecia-se quando ouvia, em sussurros, opiniões sobre ele. Pela figura, todos o viam como louco,

perigoso. Protegiam-se uns aos outros, as crianças o olhavam de esguelha, amedrontadas. Mas acostumou-se. Isso já não importava mais.

Enquanto transforma os paus em brinquedos, pensa em qual árvore irá colocar o próximo carrinho. Sempre assim. Terminado um trabalho, ajeita-o num saco plástico, desses de supermercado, e dependura em árvores perto de escola, creche, parque. Alguém encontra o brinquedo e uma criança ganha o presente. Claro que tem vontade de entregar nas mãos de um garoto, mas teme assustá-lo. Além de constrangedor, a criança poderia recusar o brinquedo. Nem pensar.

E, então, vem a lembrança dos colegas do depósito. São cinco. Alegres, fortes, dispostos. Não fossem as piadas grosseiras, Belarmino até poderia ser mais chegado. Se bem que, há alguns anos, ele trabalha na parte de distribuição e controle de estoque. Os oito anos de estudo serviram para que tivesse bom entendimento da escrita, e aprendesse rápido todo o processo de entrada e saída do material da loja. O serviço pesado, de carregar e descarregar mercadoria, já não lhe cabia. Apenas comandava. Mas, por mais

que evitasse ficar aborrecido com as brincadeiras cruéis dos companheiros, brotava aquele incômodo recorrente quando, das conversas cruzadas, escapava o som de palavras como: mal-acabado, zé bonitinho, belzebu, belafera, zumbi...

Um dia, quis saber da mãe a razão de ser tão estranho. Perguntou: “mãe, por que eu sou tão feio?”. A mãe, sem buscar o olhar dele, respondeu: “você não é feio, só é muito parecido comigo”. Esta resposta selou tudo. Nunca mais questionou, nunca mais perdeu tempo com essa indagação. Se era parecido com a mãe, seria amado. Ele a amava, outras pessoas a amavam. A mãe também não era bonita. Tinha o mesmo rosto comprido, traços estranhos, braços exageradamente compridos, mas os olhos em nada se igualavam aos dele. Os olhos da mãe eram pacíficos, um tanto vazios, mas serenos. As mãos eram imensas. Belarmino, quando criança, ficava assustado quando via a mãe carregando oito ovos na mão. E pensava que aquela mão poderia dar conta de cobrir, por inteiro, a sua cabeça num afago. Mas nunca soube, não conseguiu medir, não havia afagos. Mesmo com toda estranheza e secura no trato, a mãe era retidão, amparo. Ele também seria.

E Belarmino amava com serenidade, um amar que o tranquilizava. Amava o velho Deodato, e também amava o patrão. Amava a primeira professora, única pessoa, além da mãe, que lhe segurou a mão. Isso quando o ensinou a desenhar as letras. Professora Izabel foi o anjo que procurou minimizar o terror que brotava no peito dos coleguinhas quando estes olhavam para Belarmino. Eles temiam aqueles olhos esbugalhados querendo saltar do rosto, entendiam como olhos de louco. Além do que viam, era o que ouviam: o filho da “oveira” é doido, cuidado com ele! Mas não era. E provar isso foi a luta de toda uma vida.

O pior acontecia quando, na época de calor inclemente, Belarmino não escapava dos surtos de piolho que se alastravam pelas cabeças da molecada da escola. No sol, as lêndeas prateavam a vasta cabeleira encaracolada do menino. E para a mãe, sem saída, só sobrava o raspar da cabeça. E doía. No couro todo ferido com as constantes picadas dos parasitas, a lâmina discorria feito lixa, deixando a pele quase em carne viva. E, como se fosse possível, Belarmino ficava ainda mais assustador. A cabeça estreita e comprida, totalmente disforme, ficava totalmente exposta, perdia o disfarce da cabeleira.

O último domingo de maio amanhece muito mais bonito que de costume. Belarmino completa sessenta e dois anos, acorda disposto. O dia merece um passeio, o sol não está forte. Olhando no espelho, percebe que o cabelo carece, urgentemente, do

cuidado do Lazinho da barbearia. Aliás, em março, quando seria o combinado, declinou do compromisso. Depois disso, a quarentena chegou e a cabeleira só se agigantou. A barba, propositadamente, deixou de aparar desde que não precisou mais ir ao depósito;

cuidado desnecessário, não tem compromisso que justifique o sacrifício. Ajeita a casa, prepara o arroz e quando ele está ainda secando, desliga o fogo, embala a panela em duas folhas de jornal e guarda no forninho. Aprendeu com a mãe. Fazendo isso, o arroz ficará aquecido e totalmente

cozido. Corta os tomates e a cebola, deixa a salada na geladeira. Retira a vasilha de feijão do freezer e coloca sobre a pia. Quando voltar, o almoço será finalizado num instante.
Escolhe a bermuda mais nova, a camiseta tricolor, calça chinelos, ajeita a carteira no bolso com documentos e dinheiro suficiente para, na volta, comprar um frango assado. Se encontrar... Mais uma vez, não era uma figura bonita de se olhar, ainda mais com a profusão de pelos da barba e do cabelo. Sim, era estranho, um quê de assustador.
Antes de sair, o mais importante: coloca cuidadosamente um carrinho de madeira na sacola plástica, mas não sem antes admirar a beleza do brinquedo. Perfeito! Confere o fogão desligado, janelas fechadas, passa a chave na porta. Hoje quer andar. Caminha em direção contrária daquela que sempre segue. E tem tanta coisa para olhar. Lugares diferentes, casas diferentes, pessoas diferentes. Sente-se tão satisfeito, tão absolutamente em paz, que nem percebe o rosto das pessoas com as quais cruza. Se percebe, não revela. Mas nada mudou. O trocar de calçada, os olhares piedosos, os arroubos de aversão, a apreensão no desviar de corpo, o temor por um ataque. Tudo tão visível até para os menos avisados. Mas Belarmino releva. Hoje não vê. Ou não quer ver.
Depois de mais de hora caminhando, chega numa praça enorme, arborizada, entre o colégio e a igreja.
Com a sacola plástica na mão, senta-se num banco mais isolado. Há muita gente na praça, contrariando as orientações das autoridades. As gangorras não sobem e descem, não há o vaivém dos balanços. A área dos brinquedos está toda abraçada por fitas pretas e amarelas, acesso proibido. Apenas os triciclos das crianças se esbarram. Um amontoado de vozes, gargalhadas e gritos alegres das crianças. Nada de pipoca, sorvete, balões coloridos.
Apenas um menino, infringindo a regra, está na areia. Só ele. Belarmino aperta nas mãos a sacola com o brinquedo. Sente vontade enorme de, pela primeira vez,
entregar um brinquedo assim, olhando para a criança. Mas teme que o menino fique assustado, que chore.
Procura um banco mais próximo dele. Precisa de tempo para tomar coragem. Em nenhum momento percebe o olhar enviesado dos adultos. Nem se preocupa com isso. Está maravilhado. Finalmente irá entregar nas mãos de uma criança um brinquedo feito por ele. Deseja ver o sorriso, sem susto.
Sem que perceba, os adultos começam a se juntar em conversas paralelas. Ele não vê. Aos poucos, as crianças vão sendo levadas pelos pais, pelos avós... E houve quem acionasse o guarda da praça e, então, uma viatura policial chega.
Belarmino só percebe algo estranho quando a mãe, bruscamente, retira a criança da areia.
E então vê, na sua frente, o policial com uma arma apontada para o seu peito. − Você é louco, homem? Como se atreve a chegar perto da criança? O que quer com ela?
− Não, eu não sou louco...
− Largue a sacola no chão e ergue os braços, vamos!
Desesperado, Belarmino obedece. Solta a sacola no chão e começa a erguer os braços. O pavor sem medida quase o paralisa, os braços pesam. Sente a cabeça rodar, pensa na mãe, no velho Deodato, no patrão... Quer ajuda, precisa de ajuda. Mas, ali, não tem ninguém. Atormentado, num repente, gira o corpo e tenta correr. Só ouve um tiro.

Regina Ruth Rincon Caires

A Falta

Deixa a falta doer
Que a saudades ensina.
Eu, sei, menina,
A, saudades, implica,
E, não, saber, é, de, moer,
Faz, o, peito, re-moer e
R-
E-
M-
O-
E-
R
Pra ver se a palavra esfarela
E o vento leva.
Pois falta revela
que toda sina
No fundo é su-SINTA.
Deixa doer, menina
Que a falta aproxima
Releva e descomplica.

Jéssica Iancoski

Precipitação

Amei três vezes na vida.

Na primeira,
Sem saber usei das palavras para prender.

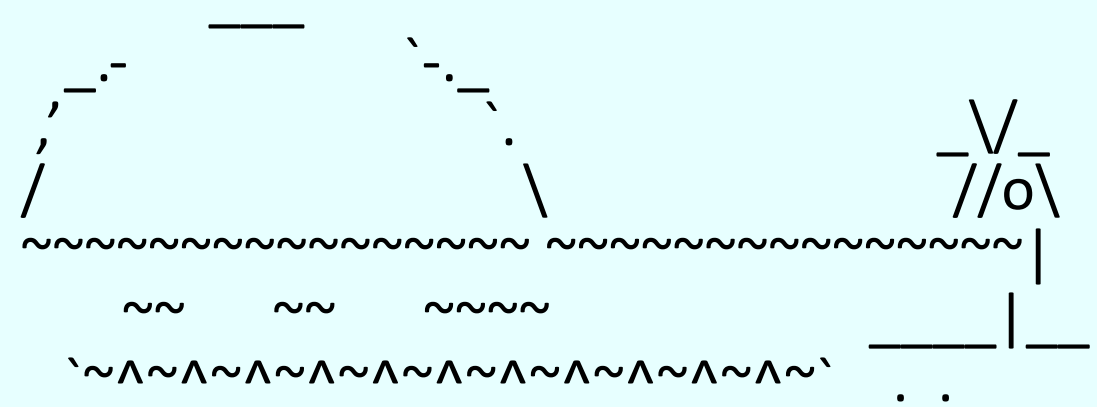
Na segunda,
Achando que sabia,
esCALEI para ficar.

Na terceira,
Tentando acertar,
Procurei maneiras que fossem boas
De dizer tudo o que era ssssssilêncio para mim.

Mas a verdade
É que é impossível.
Toda palavra,
Dita ou não,
É precipício.
E só a poesia,
P-
R-
E-
C-
I-
P-
I-
T-
A-
__ ÇHÃO_

Jéssica Iancoski

Caminhada



A mulher passeia pela praia . . .
Afundando feridas passadas na areia . .
. . . .
C a d a p a s s o .
marca o contra-tempo do sol. . .
. . . . . .
O tempo se põe . . .
A maré apaga as m e m ó r i a s, . .
As ondas levam os pés, . .
E o sal lava a a l m a . . . .
Para uma nova caminhada, . . .
Mais leve-calma. . .

Jéssica Iancoski

Do que mata

Poetas já não morrem de tuberculose ou boemia
Hoje
poetas morrem de exatidão
na planilha de excel
Link de reunião
Morrem de prédio
De fila para pagar
Atrasos médicos
Morrem de jogo
do bicho
Ligação para o SAC da operadora do celular

Não tá fácil contar dos fantasmas que assombram a casa
Reformá-la tem sido em vão
Por isso hoje
poetas morrem de insônia
Realidade de mais
Morrem do preço
da carne de terceira
Do açougue de gente preta que a polícia faz
Morrem de arte vilipendiada
Democracia ameaçada
Surto de boa-fé
Morrem de gente
de bem
Do valor de um dente
De vergonha alheia
Do negacionismo
Hoje
o que mais mata poetas
é presidente

(Rodrigo Bezerra)

A Poesia na Selva de Pedra

Como uma audaciosa flor desabrochando,
Por entre a indiferença do voraz concreto,
Em frestas improváveis, vai desapontando
Irrisoriamente, uma poesia nua e sem teto.

Cercada por arranha-céus imensos e frios,
Por mudos corações, de quem já tanto faz,
De seres-humanos empedernidos e vazios,
Endurecidos como o rude cimento mordaz.

No entanto, eis que dentre a multidão esvaecida,
Surge um poeta ainda com forças para declamar,
Fazendo-nos lembrar da verdade já amarelecida,
De que nesta vida, tão somente nos cabe amar.

Agora mais do que nunca, é preciso ressignificar.
Dentro da caótica selva de pedra, resiste a poesia,
Em solo cáustico, claustrofóbica a se multiplicar,
Expondo lúcidas epifanias da aspirada harmonia.

Aline Bischoff

Arroubo juvenil e decorrências

Evandro Valentim de Melo

Jamais gostou do próprio nome, Pérola. “Meu pai deve achar que eu devo viver trancada em uma concha, por eu ter esse nome” - pensava.

Guiada pelo desejo de liberdade, tão logo completou dezoito anos, Pérola saiu de casa. Furtou dinheiro do pai. Partiu sem se despedir de ninguém.

A seu lado, no ônibus interestadual, sentou-se Afonso, simpático senhor de cabelos grisalhos. A jovem achou-o ótima companhia para conversar durante a longa viagem.

Cavalheiro, Afonso custeou as iguarias consumidas por Pérola nas paradas para o lanche:

— Sou um homem à moda antiga, por favor, deixe-me lhe fazer essa gentileza – dissera.

Ao se recordar do pouco dinheiro que surrupiara de seu pai, Pérola não se opôs.

Finda a viagem, Afonso telefonou à esposa. Explicou-lhe que havia conhecido Pérola durante a viagem e que a jovem precisaria de algum tempo para se organizar. Até que isso acontecesse, ela se hospedaria com eles. Pérola ouviu um trecho da conversa:

— Será bom para nossa filha. Ela e Pérola têm a mesma idade. Não se preocupe com o jantar. Comeremos algo por aqui. Em breve chegaremos, amor. Beijo. Te amo.

A expressão facial e o sorriso de Pérola, demonstravam gratidão.

— Não serei um fardo para sua família? – ela perguntou.

— De jeito nenhum. Você e Beatriz farão companhia uma à outra. Ela vai gostar, tenho certeza.

Durante o percurso, o motorista perguntou a Afonso se a moça estava bem.

— Minha filha sempre cai no sono quando toma antialérgico, mas está tudo bem, obrigado.

Torpor. Ambiente sombrio. Pérola se viu nua, refletida no grande espelho do teto. Lembrava a letra X, amarrada pelos pulsos e tornozelos, braços e pernas abertos.

Já consciente, sentia-se uma idiota ao rememorar todo o ardil, quando Afonso reapareceu. Ela o xingou de todos os palavrões conhecidos. Em vão.

Cuidadoso, com carinho extremo, ele banhou o corpo da jovem. Água morna, rico e perfumado sabonete líquido. Deixou-a imaculada e cheirosa.

— Você é muito bela, Pérola. Tem a pele tão macia... Terminei. Vou banhar-me também. Preciso estar à altura de nossa noite. Será inesquecível.

Pavor, pânico, horror, aversão, ojeriza... Esses e todos os demais significados de medo orbitavam os pensamentos da jovem. Tardiamente arrependida, seus olhos arremedavam uma queda d’água. Pérola pressentia estar, literalmente, no inferno e, para comprovar, uma de suas portas se abriu impregnando o ambiente com o forte cheiro do perfume de Afonso. A cantarolar, ardente de desejo, ele se despiu. Aproximou-se da moça e a acariciou com terno olhar. Ela o encarava aterrorizada. Pôs-se a gritar a plenos pulmões.

— Grite, Pérola, grite. Gritos me excitam ainda mais.

O alguidar navegante

Trabalho de campo urgia no feito com precisão e eficácia e se bem pensado foi, pelo monte acima lá se caminhou até chegada à nascente para a limpeza envolvente ficar concluída para mais uma temporada. Lá bem no alto, perspectivava-se aldeia quase toda e até montes diversos e bem dispersos mais para sul. Mas tarefas para cumprir diziam estar preparadas rumo ao começo que teria de lhes ser anunciado preferencialmente no breve e, portanto, não se poderia contemplar belas paisagens naquela ocasião. Uma vez defronte aparente límpida nascente, haveria que dar início ao propósito dessa subida ao monte e a esse natural lugar em concreto numa aproximação a revelar limpidez aparentemente não a mais desejada, ou seja, o que realmente se esperava. A tampa fechada a um forte cadeado que não se descobriu seu poiso à primeira tentativa devido ao pó e acrescentos a sugerirem o não só devidamente antecipado, revelava circular depósito cheio de água na cor vigente nada cristalina. Mas com força de braços e esfregona no preceito de limpeza que se pretendia exemplar e brilhante, rapidamente pareceu ficar asseado com recurso à água da levada ali mesmo a sorrir em grande abundância. Pois acrescente-se que não, quanto à empreitada supostamente concluída pelo sucesso, sem no antes ter sido estiçado o tubo vindo da nascente, esta ali mesmo a seguir em proximidade no controlo aparente da situação, com arame de metros, talvez dois, no extrair de outrora bem escondidos, admirados inúmeros raposos com ordem de saída. Retirados foram com delicadeza e saíram eles nas formas de novelos, talvez assim por instinto de própria defesa ou então pela notória surpresa feita uma quase estupefacção. Outrora raízes provenientes da terra, arrastadas eram pela corrente da água, avolumando-se na designação de raposos até essa vez descrita num fim de viagem, o seu, muito bem regado. Mas ainda havia demasiada água no fundo do depósito, a qual recolhida foi com recurso a pequeno alguidar de cor verde alface, sendo acompanhada por incontáveis grãos de areia a fazerem lembrar prospecção de ouro que só deveria acontecer em longínquas paragens. Diversos insectos rastejantes foram encaminhados para distinta improvisada casa que apenas seria definitiva se eles assim o entendessem na vegetação abundante junto ao curso de água, incluindo duas lesmas que estariam por ali devido ao fresco que certamente as cativava mais que os trinta e muitos graus de temperatura diária. O alguidar não se cansou de tanta água encher e vazar logo de seguida, até que com pontual descuido não premeditado, escapou-se ele para a levada, com a corrente rapidamente navegando-o por um cano de um metro na sua altura, cilíndrico e passando por baixo do campo, quinze metros bem medidos uns minutos depois, até à sua extremidade na saída, uma leira por visual apreciação, apenas ligeiramente mais abaixo, contrariamente ao que era usual nos restantes campos da aldeia. Ainda se olhou para o prolongamento da levada, dentro do cano, mas lá ia ele, o alguidar sem hipóteses de ser alcançado, com segurança agarrando-o, obviamente para bem dele. Na precipitação seguinte por leira fora, abriu-se um portão, fechado para campos seguintes não receberem, supunha-se, visitas de esfomeados cavalos selvagens, os garranos, ou distintos animais de porte vistoso como bovinos, javalis ou raposas. A parte final do cano estava logo a seguir ao portão mas infelizmente o alguidar não saiu. Talvez no entretanto tivesse conseguido rapidez inimaginável, pelo que mais à frente se procurou por ele até se receber por conclusão que em determinado ponto, uma curva para campo outro uns vinte metros mais adiante, com pouca água e umas cinco pedras ele não poderia continuar, ficando ali retido. Mas não era o caso e, portanto, estaria preso algures debaixo do campo, como quem dizia ou pensava, dentro do cano. Foi-se espreitar para a saída mas pouco mais que nada se percebeu tal a escuridão existente a indicar procura urgente pela entrada onde ele desapareceu e, uma vez aí, conseguia-se avistá-lo quase na outra ponta, da claridade avistada relativamente perto, uns dois metros em cálculo de suposição. Talvez se tivesse sucesso puxando-o às escuras por intuição quanto ao seu paradeiro de improviso, esperava-se, com um pau de dois metros e aproximadamente meio acrescentado, tal e qual foi encontrado nas imediações. Mas não, pressenti-lo não parecia acontecer, insistindo-se em remexer água circundante para ver se ele prosseguiria o caminho antes iniciado com o tal descuido. Nada feito. Deveria estar assustado o alguidar e não seria questão para menos, entrar pelo cano adentro e ficar bloqueado da saída pelo antes desejado. Até que se encontrou de mente pensante solução que poderia dar resultado, no eventual certo adiante. Bloqueou-se a entrada, aquela por onde o alguidar começou a navegar contra vontade sua, estava-se por crer, com pedras o suficiente de tal modo que a água da levada ficaria ali retida e aumentando de volume. Quando este já era o bastante talvez necessário, intencionou-se para o retirar de tais pedras em barreira «Abrindo-se a barragem da levada» dito com expressão certeira, levando a corrente em força e desbloqueando o assustado alguidar até à saída. Fora uma viagem de quinze metros, no tanto empolgante, mas o recipiente de alface verde tom não quereria, por óbvio, repetição tão cedo, percebia-se bem no semblante de susto do ofegante e descuidado alguidar navegante.

Autor: Luís Amorim

Paleta de Cores

Todo caminho possui encanto
Diversidade atributo da vida
Fraternidade estanca o pranto
Pintura sempre mais colorida

Cada artista escolhe a paleta
Liberdade concessão divina
Amar anuncia a trombeta
Obreiro que se ilumina

Paisagista cultiva o jardim
Flores adornam o painel
Empatia promove festim
Resiliência melhor pincel

Espinho surge no cenário
Conjuntura de aprendizagem
Obstáculo um fato temporário
Artífice aprimora a imagem

Traços de nova gravura
União da gama de cores
Associação de arte e cultura
Exaltação de lindas flores

Moldura complementa a obra
Decoração com sensibilidade
Brilho do afresco redobra
Valorização da humildade.



POMAR IMPERIAL

MAmão na alvorada
Abacaxi social
Maturação? JABUTIcaba

MEU PÉ DE LARANJA COM RIMA

Poh! Mar no cerrado?
Cofre irrigado
Fruto cítrico

ROLA BOLA NOS CAMPOS TUPININQUINS

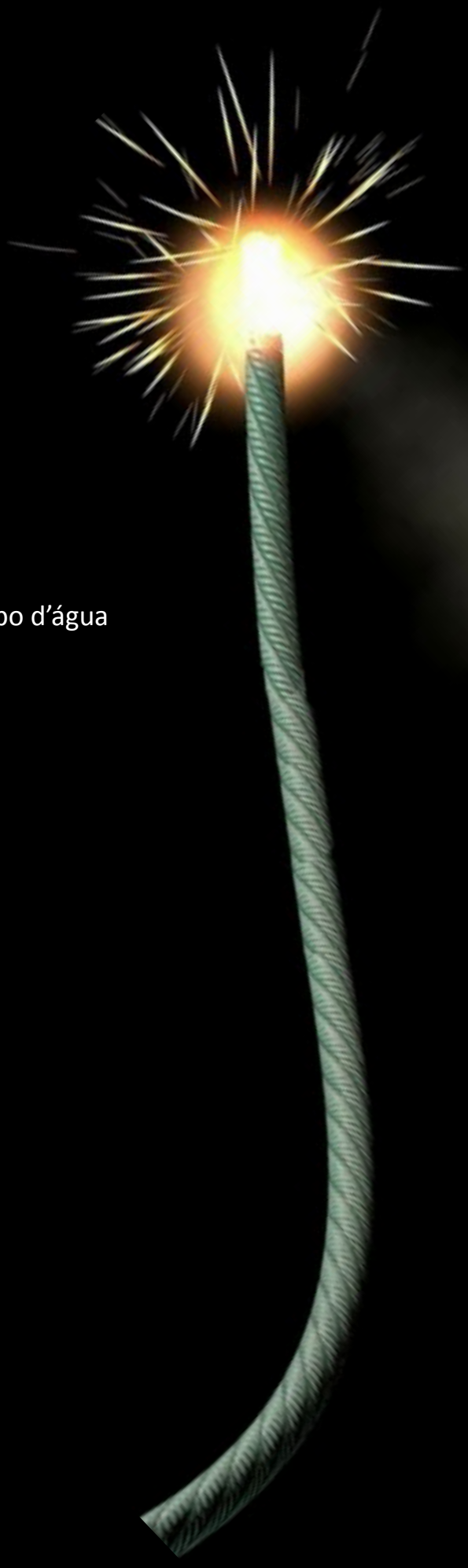
BotaFOGO nos campos
Santos no camarote
Vasco da Gama, cadê a índia?

Autor: Luciano Izidoro de Borba.

Biografia:

Luciano Izidoro de Borba, nascido no município de Tombos, em Minas Gerais, é servidor público estadual. Possui mestrado na área de educação; e graduação em Administração, Economia e História. É apreciador de poemas, especialmente textos em versos, tendo alguns poemas publicados em antologias.

POESIA: DO FIO AO PAVIO



Pessoas com vidas tão diferentes

Repertórios comuns...

Encontros carentes

Conversas incomuns!

Sob a luz de vela

Ou na beira do mar

Intimidade que se revela

Quando se busca o que é amar.

Onde quer que esteja

Umedecendo palavras com um simples copo d'água

Ou saboreando o vinho que goteja

O olhar se entrega... deságua!

Caminhos diversos

Mundos loucos... roucos

Pensamentos imersos

Que emergem aos poucos.

E nos esbarrões da vida

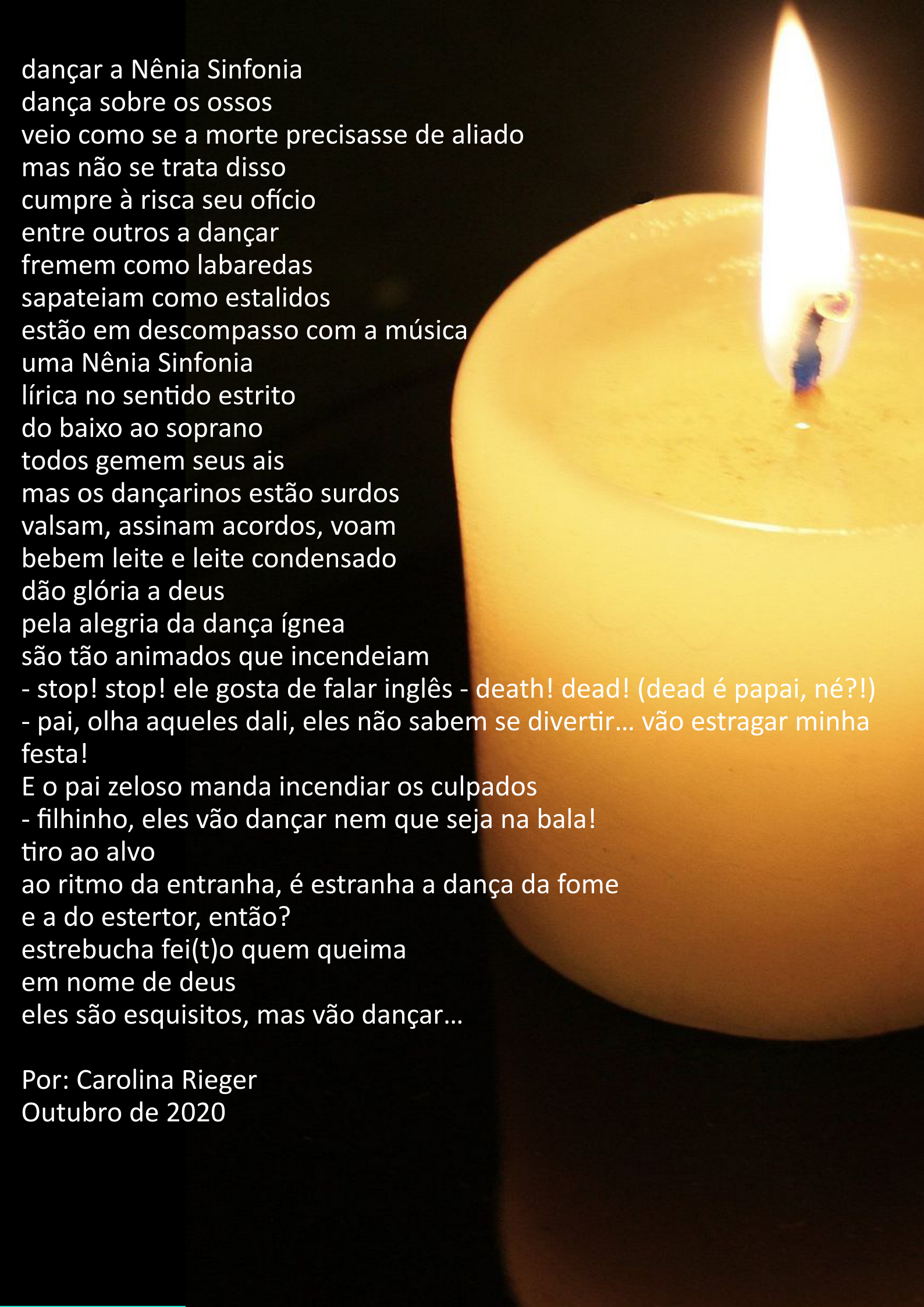
Conexões em desvios

Onde enlaces de forma atrevida

Percorrem do fio ao pavio.

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro



dançar a Nênia Sinfonia
dança sobre os ossos
veio como se a morte precisasse de aliado
mas não se trata disso
cumpre à risca seu ofício
entre outros a dançar
fremem como labaredas
sapateiam como estalidos
estão em descompasso com a música
uma Nênia Sinfonia
lírica no sentido estrito
do baixo ao soprano
todos gemem seus ais
mas os dançarinos estão surdos
valsam, assinam acordos, voam
bebem leite e leite condensado
dão glória a deus
pela alegria da dança ígnea
são tão animados que incendeiam
- stop! stop! ele gosta de falar inglês - death! dead! (dead é papai, né?!)
- pai, olha aqueles dali, eles não sabem se divertir... vão estragar minha festa!
E o pai zeloso manda incendiar os culpados
- filhinho, eles vão dançar nem que seja na bala!
tiro ao alvo
ao ritmo da entranha, é estranha a dança da fome
e a do estertor, então?
estrebucha fei(t)o quem queima
em nome de deus
eles são esquisitos, mas vão dançar...

Por: Carolina Rieger
Outubro de 2020

“Meu Pastor”

O importante é andar por aí
sem explorar a fé de ninguém
sem pedir nenhum vintém
enquanto todos dizem amém.

O amor
nem sempre esquecido
é pele
é tecido
tecido nas tramas
emaranhado
que arranha

Prazo de validade

Nos mercados da vida
somos meras
mercadorias baratas
se troca
se vende
se enlata

Ao caminhar sereno
passos pequenos
de um corpo moreno
de chuva
de garoa
de sereno

Wilson Inacio

Vida de solidões

A solidão, como um vago olhar pelas frestas da alma.
A solidão é o resultado cabal
Da vontade de sumir no horizonte.
Desespero silencioso do espírito,
Na imensa e encantadora vida.

Ir ou não ir?
Viver ou morrer?
Existir ou não existir?

O eu interior é absorvido pelo vácuo
Dessas tristes impressões.
Liberta-te! Foge logo desse
Labirinto opaco: a vida solitária!
O sol brilha forte lá fora.
Há tanto frio e chove aqui dentro.

Atônito, reverbera tua infinda dor.
Densas gotas de desesperança...
Um abismo fatal que impede de ver o amanhã.
Toda essa paisagem cinza te fez chorar. Pra quê olhar mais?
O pranto te circunda, convergindo o teu pensar:

Ir ou não ir?
Viver ou desviver?
Existir ou não existir?

Reflexos indescritíveis da criatura dita humana.
Insolentes versos do taciturno cotidiano.
Será tudo isso mesmo realidade?
Ou apenas inópia existencial?

Maroel Bispo

A vida é bela

Acreditando sempre no porvir,
Como na luz do amanhã.
Sim, seguiremos em frente,
Pois a vida é muito bela,
E deslumbra nossos olhos.

O tempo onde estaremos,
É o lócus da existência.
Onde viver bem,
É um misto de alegria,
De amor e harmonia.

Do encontro com o outro,
Logo nasce a empatia,
E os homens encontram paz.
Os males taciturnos logo,
Logo se vão e não voltam mais.

Palavra

Por trás e sob as árvores
Densas da alma, ela surge.
Não se aquieta sozinha.
Não cede à impávida solidão.
Ela abre seus braços
E me toca: suspiros...
Quase se torna humana,
Querendo afetos e toques.
Sim, aspirando inspirar.
Ou quiçá, se libertar.
Sair da bolha de
Vidro que volteia.
E se deitar, ancorada,
No coração que sorri.
Oh palavra que me
Incita...vem logo.
Oh palavra que afeta,
O teu eflúvio me aquece.
E nesse devaneio,
Até minha alma desfalece.

Maroel Bispo, membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana e membro correspondente da Academia de Letras do Brasil, seção Mato Grosso do Sul, editor-chefe da Revista Literária Inversos – ISSN 2527-1857.

Prazer!

Meu nome é Marcelo Rabelo de Souza Menezes, sou brasileiro, nasci a 4 de dezembro de 1941 e desde pequeno eu trabalhei como marceneiro em Caiena - capital da Guiana Francesa -, que foi para onde a minha família se mudou depois de ter sido perseguida pelo Estado Novo de Vargas (mais tarde a minha família também veio a ser perseguida pela Ditadura Militar brasileira). Lá, vivíamos numa pobreza imensa, num quarto dum militar da Marinha Francesa (que alugou-nos, porém, odiava-nos e abusava da nossa presença), pois não tínhamos condição de comer nem de vestir, e por isso vimo-nos obrigados a trabalhar em marcenaria com o fim de ganharmos dinheiro para sustentarmos o que fosse básico. Nesse tempo, foi quando eu tive o primeiro contato com a literatura, quando pegava na estante de livros do militar tomos de Rimbaud e de Alexandre Dumas para ler e tentar afastar a angústia e dor que vivia.

Depois, fiquei frustrado com a vida de miséria que levava que fugi do aposento e fui tentar a vida em Rémire-Montjoly, onde tive a sorte de conhecer uma rapariga portuguesa do Porto, a Ana Bolena Martins - que era rica e filha dum fazendeiro português radicado na Guiana Francesa -, com quem eu vim a casar-me aos 17 anos de idade. Esse casamento ajudou muito a melhorar a minha vida. Depois, consegui concluir de fato os meus estudos e ingressei na Universidade de Caiena, onde cursei Letras em homenagem a Rimbaud. Porém, como sempre fui uma pessoa humilde, mesmo depois de formado, ainda continuei exercitando a minha profissão de marceneiro, da qual aposentei-me há pouco.

Agora que finalmente estou aposentado, dedico a minha vida escrevendo contos, crônicas e poesias, e pretendo o mais rapidamente possível vir a lançar um livro. Tive o meu conto “O Padrinho; ou As Peripécias de Melquisedeque” lançado na 25ª edição da Revista LiteraLivre.

Hoje, envio para vocês um conto meu intitulado “Itaclíada: A Lenda de Ítaca” (escrito por mim, mas está no meu heterônimo Orestes de Sousa Tsipras - um heterônimo que traduz contos que escrevi em latim-celta por outro heterônimo meu, Anônimo). Espero que gostem!

Com os melhores cumprimentos,
Marcelo.

Itaclíada: A Lenda de Ítaca
Anônimo
(encontrado num tablete de pedra às margens do rio Tibre)
Traduzido do latim-celta por: Orestes de Sousa Tsípras

Era uma vez uma paradisíaca aldeia de pescadores chamada Ítaca.

Ítaca era o lugar com o mais lindo pôr do sol do Mundo e era também onde tinha uma lagoa com os mais deliciosos peixes e camarões que existem (só não vou comentar mais sobre isso para não dar água na boca).

Mas, afinal, quem descobriu Ítaca?

Ora, Ítaca foi descoberta por ninguém mais, ninguém menos que um líder do Condado Portucalense chamado João Silva, quando ele decidiu deixar o trono ao seu filho mais velho para poder se aposentar. O Conde Silva tinha passado a ter desgosto da vida na Realeza desde que ficara viúvo da rainha Joana de Castela. Ao deixar seu antigo lar, o Conde Silva pegou um barco e fugiu do porto de Vigo para desbravar os mares nunca antes navegados à procura de uma nova terra para curtir a vida. Encontrou-se erradio por um longo período, eis que se encontrou em São Tomé e Príncipe, próximo ao desaguadouro de uma lagoa conhecida como Lagoa Augusta, lugar em que se deparou com Ana, a filha do homem que ali comandava.

Do encontro entre Ana e o Conde Silva resultou um matrimônio e chegaram duas filhas gêmeas, as quais posteriormente administrariam São Tomé e foi conduzindo de tal modo eis que Ana deu à luz às meninas Valentina e Semprônia.

Na altura em que essas gêmeas vieram ao Mundo, mais um imperador, desta vez um cruel homem chamado Lico, havia tomado São Tomé, ou conquistado, do modo que se fala. Temendo, no entanto, que tais gêmeas amadurecessem e o banissem de lá, o

imperador Lico ordenou que as colocassem num cesto e as lançassem pela correnteza da Lagoa Augusta. Lico o fez aproveitando que o Conde Silva tinha saído para caçar e Ana estava adormecida.

A sábia deusa Palas Athena, a Minerva, vendo do alto do Olimpo as gêmeas errando pela correnteza da Lagoa Augusta, apiedou-se delas e resolveu, pois, ajudá-las. Conversou com o líder olímpico Zeus Onipotente, o Jove (ou Júpiter) – de quem era filha partenogênica – para que ele a permitisse que ajudassem as bebês mortais e, tendo sido permitida, resolveu de[s]cer [as]sumindo a forma de uma onça-pintada para, assim, ajudá-las ao resgatar as gêmeas, tirando-as [d]o cesto e amamentando-a[s]. E Palas desceu.

As meninas, pois, resgataram-se – e de uma maneira muito singular. O cestinho seguiu o rio ao arbítrio da corrente e veio a parar numa orla em que se achava uma onça-pintada, que apanhou as meninas do cesto e as aleitou em simultâneo com a sua filharada de oncinhas e com o amparo de um pica-pau que lhes levava amoras da selva para as bebês comerem.

Um pastor, afinal, achou-as, direcionou-as para seu lar e ali as instruiu. A coincidência é que esse pastor era ninguém mais, ninguém menos que o próprio Conde Silva. Quando Valentina e Semprônia completaram 10 (dez) anos de idade, decidiram edificar e fundar uma cidade. Trocaram ideias acerca dessa questão e não alcançaram uma resolução. Em síntese Valentina solucionou a discordância de uma singela maneira – exilando Semprônia para o Canadá, onde ela mais tarde viria a fundar a cidade de Ottawa.

Deu início, em seguida, à edificação de uma cidade próxima à Lagoa Augusta, precisamente no lugar onde foram pela tigresa salvaguardados. E, primeiramente, batizou-a como Hípata como um tributo ao nome da antiga cidade grega da Tessália, mas, com o passar do tempo, o nome virou Ítaca e tornou-se, pois, um tributo à terra do rei Ulisses, o Odisseu (Οδυσσεύς) – protagonista da Odisseia, de Homero. Todavia, era necessário habitar a cidade, posto que sem pessoas não existe cidade plausível. Valentina pensou na solução de avisar que acolheria todos os expatriados e imigrantes que errassem atormentados nos distintos países próximos e nas cidades próximas também. Mas sucedeu que a sua cidade se habitou apenas de mulheres. De qual modo encontrar homens? Para esse povo todas as coisas eram descomplicadas. Solucionaram a conjuntura do sequente jeito: Convocaram para um ilustre festejo um povo expatriado que existia próximo, os yahoos e os houyhnhnms, e pediram-lhes que levassem os devidos homens. E tanto eles curtiram o festejo e apreciaram imensamente o lugar que por ali permaneceram e até os dias atuais estão – vivendo felizes para sempre. Seria em Ítaca onde nasceria um menino e, por causa dele, a Era de Ferro findaria e o Tempo de Ouro se iniciaria no Mundo.

Foi em Ítaca onde tempos depois viveu um menino chamado Kullervo, que desde pequeno foi educado a gostar de livros. Por isso, durante toda a sua vida, Kullervo foi um apaixonado por leitura e por cavalaria também, tendo este sido o último dos últimos cavalarianos da Távola Quadrada. A Távola Quadrada foi fundada por um dos discípulos de Cristo, um cavalariano bastante religioso, que obteve de Pôncio Pilatos os restos mortais de Cristo e sepultou-o. Tal cavalariano venerava a Cristo com tamanha intensidade na iminência de o povo judeu tê-lo importunado e feito copiosos desfortúnos. Após o ressuscitamento de Cristo, tal cavalariano mudou-se a um despovoado, juntamente com a companhia da maioria dos seus parentes, e vários outros indivíduos. Ali eles suportaram tantos desprovimentos e diversos pereceram famélicos. Sublevaram-se, pois, em desacordo com o cavalariano, seu senhor. O cavalariano viu os desprovimentos pelo qual suportava seu povo e veementemente rogou a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, a suplicar para que Ele o amparasse a pôr um desfecho a todas essas carências. Nosso Senhor determinou-lhe que fizesse uma távola, precisamente análoga àquela na qual Ele tomara a Santa Ceia conjuntamente aos seus apóstolos. Tal távola careceria ser perfeitamente adornada e acobertada com alvas teias macias. Em cima dela havia de ser posto uma taça áurea, que o Senhor em

si encaminharia ao cavalariano. O Senhor determinou também que ele cobrisse a taça e dela atendesse da melhor forma possível. Tal taça encaminhada por Deus simboliza a congruência e a eucaristia dos benevolentes e dos malditos, e que os benevolentes que possuíram o alcance a tal távola atingiram o êxito de todos os seus desígnios. Todavia, um assento à tal távola permanecia a todo momento desocupado, e simbolizava o Judas Iscariotes que atraiçoou Nosso Senhor e se abancou juntamente com os apóstolos para a Santa Ceia. E no momento em que Nosso Senhor falou: "Em verdade vos falo que um de vós há de atraiçoar-me; aquele que pôr a sua mão na travessa comigo, tal indivíduo é que há de atraiçoar-me", Judas alevantou-se da mesa constrangido e deixou-a. E o assento da mesa continuou vago até que Cristo autorizou que um outro, Matias, nele se abancasse. De tal modo igualmente um assento à távola desse cavalariano teve que permanecer desocupado. Até que Kullervo nele se assentou e purificou a alma de todos traidores. Por isso que ele foi o último dos últimos cavaleiros.

Tal távola fora bastante reverenciada por todos aqueles que agregado a ela se abancaram, e foi por eles denominada de Novo Graal. Reproduzindo o molde de tal távola, fora feita uma outra, análoga a ela. E depois o Conde Silva fez a terceira em nome da Santíssima Trindade. E recebeu o amparo do sábio mago Merlin – o filho do Demônio – e de sua coruja Mérope, tendo sido estes aqueles que contaram a história da távola ao conde e o instruíram a reconstrui-la, para tal obra. Foi uma obra através da qual o Conde Silva alcançou a graça de Deus, tais quais aqueloutros que ele propiciou que ocupassem um assento junto a ela. Todavia, aquela taça áurea arribou em rumo para o Ocidente e atualmente nem mesmo os zeladores da taça conhecem o destino para o qual ela alcançou. Eles o acompanharam só até aquela região. Depois disso, o Conde Silva, que era um cristão fanático e, por causa disso, leitor voraz da Bíblia, após ler um excerto desta no qual Deus diz uma tolice e depois se arrepende de tê-la dito, ele perdeu a sua fé, tendo chegado à conclusão na maior das verdades: se Deus é perfeito e não erra, por que Ele teria dito então uma tolice para conseguintemente se arrepender? Logo, Deus é perfeito, mas a perfeição tem seus erros e, por isso, Ele (ou melhor, ele, com e minúsculo mesmo) é uma força maior que a dos espíritos que andavam outrora na terra e se declaravam deuses – mas que não passam de demônios! –, mas ainda assim não é a mais correta; logo, nem Deus nem os deuses são os caminhos corretos. E que provavelmente o que há é uma força ainda maior que a de Deus, que o teria criado, e que, sendo Deus perfeito, tal força ainda maior seria mais-que-perfeita, e temos que nomeá-la de Além-Deus. Adoremo-lo, que o Além-Deus é o melhor caminho que há neste Mundo! Glórias ao Além-Deus, a paz esteja com Ele, sim!

Certo dia, numa das leituras que Kullervo fazia, ele leu a seguinte frase do grande escritor americano Mark Twain: "Daqui a vinte anos, tu não hás de ter arrependimento das coisas que realizaste, e sim daquelas que deixaste de realizar. À vista disso, navegue distante de teu porto seguro. Siga os ventos. Explore. Sonhe. Descubra." E essa frase marcou-o e mudou para sempre a sua vida: Kullervo, então, decidiu desbravar o Mundo e nele conheceu vários povos e diferentes culturas dos mais diversos lugares. E Kullervo criou coragem para fazer isso porque entendeu que: No princípio havia o Caos. O Caos era informe, bagunçado… Deus tocou no Caos e fez dele a Terra. Ao criar a Terra, fez dela a pátria de todos os homens./ Quando o homem se apoderou da Terra, ele fez na Terra as fronteiras./ Deus criou a Terra, o homem é que inventou as fronteiras. Não existem fronteiras para o verdadeiro ser humano: O Mundo é de todos nós, desbrave-o!

(Um texto dedicado àqueles que sonham alto, mas têm medo de colocá-lo em prática.)

Tocar o que evapora
Sem fazer sentido escapava também
o som do vazio as marcas
Do copo
E o gosto embebido de conhaque
Enquanto ouvia coltrane
Atenta apenas ao não-dito da música
E ao resquício de domingo que partia
Com o inexorável caminhar do sol
Sabia-te inteiro no recanto da janela
O mundo do meu corpo mergulhado
em ar revolto
Suspirava teus olhos de paisagem

- queria saber- te os passos,
qual o rumo do longínquo
Você me perguntou sereno
Apenas sorri. Talvez seja a ausência
De estradas
Ou talvez se perder
E escrever seu gosto
seus traços
seu rosto
No canto do papel
e no centro de tudo
Soprar no seu ouvido
a resposta

Paula Albuquerque



Sobrenome do autor / Título / 12
POR AQUELE CAMINHO…

Caminho e Guardiões
Nada me restou daquele lugar…
Uma foto apenas, talvez.
Mas não é minha, não pertence à ninguém…
Por aquele caminho onde andam seres místicos e míticos,
Fadas, anjos e demônios…
Desistentes já andaram por entre aquelas árvores,
Os grandes nomes já deitaram naquele gramado…
Só não vimos aqueles cujo nome foi dado àquela trilha de asfalto…
Talvez estivessem cantando e dançando,
Talvez nos observassem da copa das árvores,
Guardando toda e qualquer criatura viva que se agregasse àquele mundo verde… Ou talvez não estivessem mais lá.
Um nome agregado à uma rua cercada de árvores…
Um nome deixado em tributo aos invisíveis…
Mas…
Sobrenome do autor / Título / 13
Não é preciso ser visto para ser falado,
Para ser respeitado.
É preciso apenas oferecer uma segunda opção para os humanos perdidos… Por aquele caminho, onde seguíamos…
…
Talvez fosse impressão, mas jurava ter ouvido…
Uma risada por entre as árvores daquela manhã…
Voltaram todos para casa?
Os elfos, eu digo…

Rubens Pinheiro

A doçura de um olhar

Rosangela Mariano

“Sentia-se como uma folha seca, pendente de uma árvore qualquer, expulsa do aconchego de um galho acolhedor...”

“Mais um Natal em sua curta vida; mais um Natal na cidade; mais um Natal na favela...”
Ele caminhava cabisbaixo, olhando as vitrinas de vez em quando; vitrinas essas decoradas de maneira bastante luxuosa. Nesta época, as pessoas pareciam dispostas a acreditar que o mundo era fantástico e que as luzes coloridas eram o espelho de uma vida deslumbrante e farta...

Porém, para ele não era. Não, para ele, o Natal existia apenas nas lojas enfeitadas ou até mesmo na figura daquele Papai Noel que acabara de cruzar a rua e ficara em pé frente à loja de brinquedos natalinos. Distribuía sorrisos e balas saborosas para as crianças que teimavam em se agarrar às suas pernas. Pensou que também poderia pedir algumas doçuras a ele. Deu dois passos na direção do bom velhinho, mas algo o deteve. Papai Noel nem mesmo o enxergaria!! Quem poderia ver um menino maltrapilho como ele?

Mas, depois de longos, longos minutos, decidiu, por fim, aproximar-se. Algumas crianças, irritadas com a presença dele, empurraram-no com violência. Olharam-no com desconfiança. A roupa suja, a toca de lã desfiada, cobrindo parcialmente os cabelos revoltos e escuros, só inspirava mesmo muita piedade, até certa repulsa por parte das outras crianças.

Vendo-o ali, parado, Papai Noel pegou um punhado de balas do pacote que trazia junto ao corpo e estendeu-as para o menino. Não havia muita emoção neste gesto. Refletiu, por um momento, comparando-o a outro indigente qualquer. Eram tantos a perambular pelas ruas! Tantas crianças solitárias em uma época de tanta luz e amor!

O garoto retribuiu o sorriso e agarrou, quase com violência, o que lhe estava sendo oferecido. Havia um brilho diferente em seus olhos. O bom velhinho até se assustou. Aquele menino possuía uma luz interior que não reparara nos demais. Meu Deus, o brilho do Natal estava todo contido nos olhos do garoto! Os gestos rudes, as roupas surradas não combinavam com a doçura do olhar! Um olhar puro, quase espiritual...

Seu coração se apiedou pelo menino. Encolheu-se o coração, de repente... Num movimento inesperado e espontâneo, afastou as outras crianças, pegou o saco de balas e entregou-o todo ao menino.

O garoto ficou paralisado, sem atinar bem no gesto do Papai Noel. Engasgou, tentou lutar contra a timidez e ensaiou um fraco “muito obrigado”. A voz saiu trêmula, porém o olhar compensou todas as palavras que não foram ditas... Um momento mágico eterno, perdido por aí, em mais um Natal...

Miséria

— Miséria!
Oh, sentimento apunhalado
Nas entranhas
Que escorre
Lama podre por dentre os ossos.

A morte em sua
Toda forma de esplendor,
O esqueleto esguio
Que rompe para fora da pele
Derrete em angústia.

A maldade serpenteia
Junto do crânio de seda
Estilhaçado
Pelas mãos que sangram.

Morto estou, dentro do meu ser
Invisível á nojeira escarrada
Dos olhos mortais,
Que insistem em permanecer
Sem o esquecimento.

— Mate! Mate!
Parte. Vai-te.
O azul consome,
Infame
As flamas erradicas
Da existência que se apaga.

Noite.

As cascatas deslizam em um rio calmo de veneno,
Os dentes rangentes rodeando a noite severa.
Deixo que a lama fria e escura perfure meus céus e terra,
Afogando seu vil pecador em seu amor delicado,
Como as facetas de satanás.

A nota escorre pelo piano criando uma linha de cores
Mórbidas, sofridas, esperançosas.
Crescendo em minha mente como raízes de um salgueiro,
Meu desejo por ela se faz obscuro, sim, estirpe viscosa.

A devoção me prende com correntes, e gritando peço:
— Leve-me em seus braços!
Sua voz delicada me sussurra, na morte pereço,
A noite serpenteia meu viver, como correntes de aço,
E com meu âmago agradeço,
Que logo ela, tu, ó nobre noite, me trarás.

Julián M. Corelli.

Sutileza

Notável arguição e sutil ironia,
Misturam-se com a insipidez, nulidade e empáfia.
Defeitos e qualidades mesclam- se em favor de sua sutileza!
Estaria em apuros caso expusesse sua opinião!

Invalidez

Presa a invalidez emocional fazia de sua Vida luto constante.
Compaixão de si era seu lema constante.
Humilhava-se com frequência e veemência!
Pelo simples medo de sua própria e reclusa ausência.
Lágrimas tateavam seu enlutado âmago!
De súbito certo dia despertou.
Acordou para a Vida!
E no desenrolar dos dias amenos e sombrios.
Descobria-se, encontrava-se e desencontra-se sorrateiramente!
Eterna mania de desvencilhar-se da letargia e solidão.

Marcia da Luz Leal- Professora de Língua Portuguesa/Espanhola, nasceu em Iretama-Paraná, Brasil, é escritora e revisora crítica em revistas literárias digitais no Brasil, América Latina e México. Participantes de inúmeras Antologias poéticas e livros publicados com a temática ambiental e educacional.
e-mail: marcia_lleal@yahoo.com.br
Instagran- @marcia_lleal
Facebook- https://www.facebook.com/marcia.leal.37604/

José Pedro e o Carrinho de Rolimã

(Baseado no bizarro e talvez mentiroso relato de Fernando Zaueta)

Valter Resende

Para as crianças do topo da pirâmide econômica, o conceito de diversão está rigorosamente ligado ao quanto os pais delas têm de dinheiro e tempo para as oferecerem. Então o entretenimento infantil classe A, são férias na modorrenta Flórida com seus parques insípidos, que podem sim encher os olhos de beleza, mas nunca vão completar a alma pueril de fantásticos desafios.

Mas apontando a seta de nossa reflexão para o Jardim Monte Kemel, periferia de São Paulo que faz uma transição em fade com o rico bairro do Morumbi e de geografia acidentada com muitas ladeiras, vemos que lá as crianças têm uma condição ideal para a brincadeira que mais depende da gravidade, o carrinho de rolimã.

A década de 1980 galopava no sudoeste de São Paulo, e nas férias escolares lá no Kemel, onde as ruas estavam quase todas asfaltadas, a criançada estava se divertindo em uma das maiores instituições de entretenimento infantil, os carrinhos de rolimã, estes verdadeiros Himalaias de alegria e fraturas.

A diversão de um carrinho de rolimã começa bem antes do aspirante a Senna descer pelo asfalto, com o risco iminente de se acidentar e ter a sua pele e sangue espalhados pelo pavimento. De início é necessário se construir o carrinho, operação que envolve madeira geralmente roubada de alguma construção, rolimãs velhas para um caminhão mas ainda ótimas para o brinquedo, prego, martelo, serrote, parafuso e uma furadeira emprestada. Aí depois de um dia serrando e martelando, está ali um garoto cheio de orgulho do projeto, e pronto para deslizar pelas ladeiras do bairro e quem sabe ouvir o som do próprio fêmur se partindo.

Para o garoto José Pedro não era diferente, pois no início de todas as férias, ele construía o seu bólido roletado e passava o dia inteiro nas ruas do Kemel, hora subindo a ladeira puxando a porra do carrinho, e hora descendo com o vento na cara. José que já tinha um histórico de ferimentos que muitas vezes envolvia gesso, cagava baldes para o perigo, e sempre voltava para casa depois de um dia de brincadeira, com alguns mililitros de sangue a menos no corpo.

Mas correr de carrinho de rolimã não é uma brincadeira solitária, pois a graça do negócio é juntar uma cabeçada de moleques e promover valentes competições. Então José sempre se reunia com os amiguinhos Cabeção, Zé Paulo, Rafaela e Cu de Sapo - todos na casa dos doze anos -, e era certa a diversão pelas ladeiras do bairro. Que dias maravilhosos!

Mas é da natureza do humano superar limites, pois o que hoje é impossível, na terça que vem se tornará pateticamente banal. Então a trupe de José Pedro para salgar mais a brincadeira, se baseavam no fabuloso carro de corrida Mamute da série Speed Racer, e montavam um carrinho articulado enorme. Essa adaptação era feita se tirando o eixo dianteiro de cada um de seus carrinhos – exceto o primeiro – e prendendo por um parafuso cada um na traseira do outro, formando um trem de carrinhos. Aquilo era realmente um adicional de perigo e excitação, pois a maravilhosa aventura descontrolada, causava a sensação de que, em algum momento, eles poderiam não ter mais o privilégio de se manter os dentes da frente. Era uma sensação inquietante. Mas aquilo depois de alguns dias, também começou a ficar entediante, e era hora de dar um upgrade na aventura. Eles todos foram para um local bem alto no Jardim Monte Kemel, onde ficava a ladeira mais bruta do bairro. Lá em cima os pilotos engataram os carrinhos, formando um único veículo. Pilotos sentados no platô e começam a remar no asfalto com as mãos para o carrinho vencer a inércia. Já neste procedimento, José Pedro teve as unhas dos dois polegares esmagadas pelos rolimãs. O carrinho começa então a descer e pegar velocidade, e o peso da madeira nos veículos somado com os das carcaças das crianças, eliminavam qualquer possibilidade dos ineficientes freios pararem aquela usina de ossos quebrados. Já com o veículo em velocidade máxima, o barulho das rolimãs era ensurdecedor, e a comunicação entre os pilotos se tornou impossível. Havia um cagaço coletivo por conta da velocidade nunca atingida, que até se esqueceram que estava se aproximando uma curva bem acentuada. Então naquele momento, todos perceberam que a possibilidade deles jantarem através de tubos no Hospital Santa Casa naquela noite, era enorme. Logo na entrada da curva, aquela tripa de carrinhos já começou a derrapar, e José que estava pilotando o trem assassino, achou que todos rolariam no asfalto se destituindo da pele do corpo. Mas como tudo pode piorar, começou a apontar na curva um enorme caminhão FNM. Ai naquela altura não se dava para fazer mais nada, apenas rezar para Deus perdoar todos os troca-trocas, e o carrinho entrou debaixo do caminhão com todos os seus ocupantes batendo nas duras peças de aço.

Depois disso não se ouvia mais nada... nem barulho de rolimã no asfalto... nem o motor do caminhão. Um silêncio sepulcral se instalou na cena, que foi rompido segundos depois pelos gemidos das crianças, que começaram a ser ajudadas a sair debaixo do caminhão por alguns populares que passavam por lá.

O body count foi o seguinte, Cabeção teve um braço quebrado e ralados até no tímpano. Zé Paulo quebrou um nariz e um dedo, seguido por um descolamento de retina. Rafaela perdeu um mamilo ralando o peito no asfalto, e anos depois amamentou os seus dois filhos só com uma mama. José Pedro quebrou duas costelas. Só o Cu de Sapo que deu sorte e teve apenas alguns arranhões, pois não bateu em nada muito duro do FNM. Aquelas férias para aquela garotada do Jardim Monte Kemel não teve mais carrinhos, pois ficaram se recuperando de castigo até a volta às aulas. Mas no ano seguinte estavam todos novamente nas ladeiras. Ah minha periferia agridoce... berço de maravilhosas histórias e tantas outras tragédias

Crônicas de uma adoção

Dia de Shopping

Por Jacqueline Coriolano

Eu estava morando em Bangu. Depois de alguns meses no abrigo em Duque de Caxias, fui adotado e fui morar com minha nova família, aliás, a família era nova mesmo, eles tinham acabado de decidir juntas as escovas de dentes, como dizem. Pode imaginar o que é ter o próprio quarto? Estava me sentindo no auge da riqueza. A liberdade era quase a mesma, a diferença estava na comida, não faltava. Todos saiam para trabalhar e eu ficava com minha nova avó. Eu podia sair à vontade! Lembram que meu sobrenome era Rua? Nessa casa eu também podia ficar na rua atrás de pipa o dia todo. Se não era pipa, era jogando bola e nisso, modéstia à parte, eu sou "o cara".

A vida no abrigo não era tão ruim como muitos pensam, mas só podíamos sair para ir à escola e tinha as regras, os horários de acordar, de tomar banho, de comer... rotina mesmo! Isso era um pouco chato, contudo eu gostava das amizades que fiz por lá. Meu melhor amigo, Thiago, torcia para o Botafogo e me convenceu a abandonar o meu time do coração, bem, não tão do coração assim, e torcer com ele. Sabe como é? Às vezes vale mais um amigo do que um time de futebol. Na minha casa nova todo mundo torcia para o Flamengo. Era muita zoação! Eu e meu Glorioso contra todos. Vida de torcedor não é fácil, é melhor deixar esse assunto de lado, ainda mais no Rio de Janeiro, só tem apaixonado! Fiquemos assim: todos torciam para o Flamengo para lá, eu torcia para o Botafogo para cá.

O jogo de toda semana era de lei, meu novo pai era torcedor, contudo, não arriscava no jogo. O incentivo era legal, aliás minha nova família me apresentou essa palavra: in-cen-ti-vo. A nova família era legal, ganhei primos, primas, tios e tias. Era muita gente e acostumei rápido com todos! Só uma coisa era ruim, eu sentia saudade do meu irmão, não sabia como ele estava e pensar nisso me entristecia, então guardava esses sentimentos para mim, não pensava... vivia. Havia dias em que queria que tudo não passasse de um sonho ruim, desses que a gente acorda suado e com respiração ofegante. Fiz uma promessa para mim e Deus como testemunha, eu iria encontrar meu irmão um dia, não importava quanto tempo levaria, mas seríamos nós dois novamente. Quem sabe? Ninguém sabe as surpresas que nos aguardam nessa vida, logo ali, dobrando a esquina. Eu tinha esperança.

Íamos bastante no Shopping, tinha um próximo a nossa casa. Diversas vezes íamos apenas pelo prazer de passear, nem comprávamos nada, era só andar e passar o tempo mesmo, por isso, não foi muita novidade quando minha nova mãe disse que iríamos ao Shopping naquele dia. Era um dia de janeiro e o ano era 2014. Só que aquele dia era diferente, era especial! Eu só não sabia... Ainda! Fui calado, olhando atentamente o trajeto, o Shopping não era o mesmo que estava acostumado.

O dia estava quente e com cara de que ia chover, sabe aqueles dias típicos de verão do Rio de Janeiro? Aqueles dias que somos despertados pelo sol de 40º, escancarado, nos dando a sensação de que algo muito bom vai acontecer e, do nada, cai aquela chuva torrencial? Pois é, aquele dia amanheceu assim. A ansiedade fazia meu coração bater tão forte! Se fosse possível um coração sair pela boca, o meu tinha saído, sem dúvida nenhuma. Graças a Deus, não choveu!

– Para onde vamos mesmo? – não aguentava mais esperar, perguntei só para quebrar o gelo.

– Ao shopping, não falei? – minha nova mãe respondeu.

– Vai demorar para chegar?

– Um pouco, mas não se preocupe, você vai gostar.

Não estava preocupado, estava ansioso. Pareceu uma eternidade! Não chegava nunca! Nem acreditei, quando, enfim, entramos no estacionamento. Fiquei tentado a correr e fiquei imaginando se ela correria comigo ou atrás de mim, na pior das hipóteses. A segunda opção era a mais provável, então não arrisquei. Quando entramos no shopping, fomos direto para praça de alimentação. Um mar de gente a minha frente e, mesmo de longe, o reconheci imediatamente.

Meu irmão! Estava tão diferente, não tinha mais aquele cabelo grande e liso, havia crescido. Andava! Eu não sabia se chorava, não sabia se ria, acho que fiz tudo ao mesmo tempo. Aproximamo-nos. Foi um pouco formal, afinal, não conhecíamos o casal que havia adotado meu irmão. Minha nova mãe e a nova mãe dele haviam trocado algumas mensagens e conversaram uma ou duas vezes por telefone e isso foi tudo.

– Oi, André! – falei.

– Não é mais André, agora é Miguel – disse a mulher, a mãe do meu irmão.

– Vou tentar acostumar – respondi.

Eu fui sincero, iria, com toda força, tentar acostumar, enfim, a mudança não estava restrita a aparência dele. Meu irmão tinha um novo nome, uma nova família, na mesma hora me ocorreu se haveria espaço para mim na vida dele, será que aquele casal permitiria minha aproximação? Miguel... o nome dele era Miguel. Combinava com a nova vida, tenho que admitir. Fiquei feliz por ele, por saber que meu irmão havia saído do abrigo e tinha uma família que cuidava dele. Concluí que isso era mais importante do que minha presença na vida dele.

Passado esse momento inicial de emoção e timidez, fui brincar com meu irmão. Ele não falava ainda e já havia passado tanto tempo desde a última vez em que nos vimos que parecia que eu era um estranho para o Miguel, até que, depois de brincar para valer, veio o sono, ele pediu colo com os braços levantados, se aconchegou no meu pescoço, fechou os olhinhos e dormiu. Exatamente como fazia antes! Naquele momento, num shopping na Av. Brasil, diante das novas pessoas que entraram em nossas vidas, tive a certeza de que meu irmão não esqueceu de mim e os laços que nos uniam eram fortes o suficiente para permanecerem atados para sempre, não importando a distância.

A POLÍTICA AGRIDOCE

Vai vendo... olha a ponta do iceberg aí! Se bem que a canalhice do governo é escancaradamente uma catástrofe anunciada. É previsível. O presidente sem o menor talento para governar e os seus deficientes ministros já estão telegrafando há muito tempo a sua explícita incompetência. Só não vê quem é cego, alienado ou está inconsciente.

O governo brasileiro gastou 15 milhões em leite condensado e mais 2 milhões em chicletes. Estão dizendo por aí que o presidente "nosso senhor do genocídio" é tarado por um docinho. Talvez seja no leite condensado e no chiclete que encontrarão a salvação do Brasil; só não sei como... mas, alguns malucos, ainda acreditam que o "sabe tudo" do Bolsonaro que vive curtindo a vida tranquilamente enquanto o povo está sucumbindo diante de uma pandemia e dos problemas econômicos, vai nos liderar pelo glorioso caminho da vitória.

Leite condensado para os milicianos do governo, chiclete para a turminha do presidente, dinheiro sujo na conta de Michelle Bolsonaro; e para os bolsominions (o gado), vai restar somente grama para pastar, enquanto fazem aquele sinal de arminha com as mãos. Muitas pessoas já se sentem arrependidas por terem votado no energúmeno; tudo bem, errar é humano e reconhecer é aprender a evoluir. Infelizmente, outras pessoas ainda acreditam piamente na redenção política do guloso ceifador da nação.

Há quem diga que as "indispensáveis guloseimas" são para as tropas das Forças Armadas; e o argumento é que o leite condensado e os chicletes são para a sobremesa dos militares; agrados para elevar a moral. Francamente... por que os militares das Forças Armadas merecem pudim de leite condensado, chicletinho e outras gordices? Se estivessem combatendo em alguma guerra, seria até aceitável. Acontece que as Forças Armadas do Brasil são compostas por militares ociosos de farda engomadinha. Se a moral das tropas precisa ser elevada com "estímulos gastronômicos", me desculpem, mas me parece algo vergonhoso. Sugiro que deixem a preguiça de lado e experimentem, por exemplo, saírem do conforto do quartel e fazer trabalhos sociais; certamente a moral subirá rapidinho. É preciso evoluir e abandonar algumas convicções militares que já estão ultrapassadas. Ordem e Progresso de verdade.

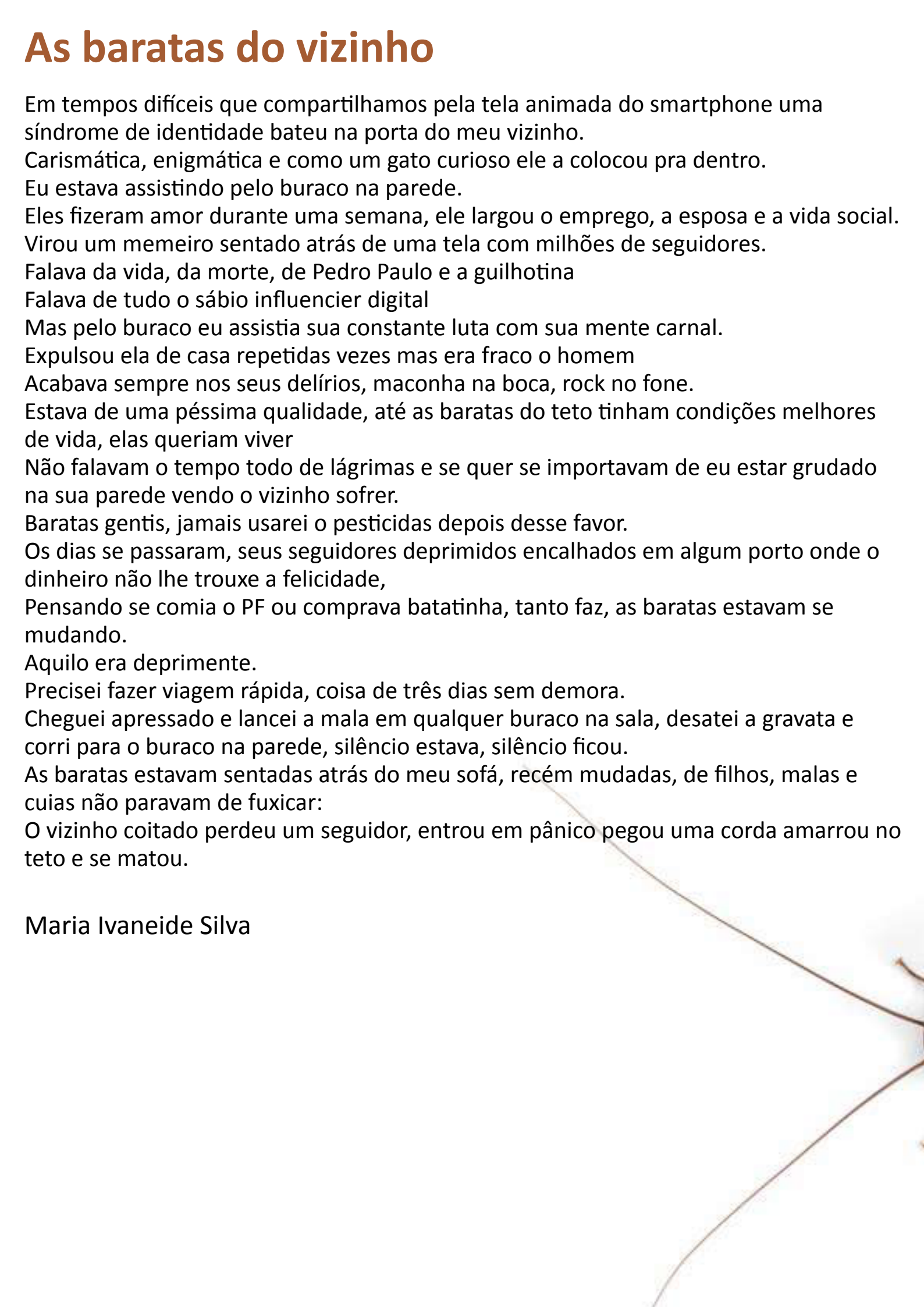
Esse desgoverno é incapaz de sublinhar prioridades justas para a nação. O que fica evidente é que o pouco educado Bolsonaro quer comprar o apoio militar com "docinho na chupeta"; típico dos governos autoritários. Lamentável. O atual governo chegou ao poder através da mentira; e é pela mentira que está ruindo. O presidente fake news e seus comparsas lançaram as sementes venenosas da discórdia e da corrupção pelo país inteiro e agora está chegando o momento da colheita... e inevitavelmente, eles vão colher o que plantaram. E enquanto esse governo amargo se adoça com leite condensado e chicletinho, debochando da nossa cara, nós pagamos essa conta.

Adriano Besen

As baratas do vizinho

Em tempos difíceis que compartilhamos pela tela animada do smartphone uma síndrome de identidade bateu na porta do meu vizinho.
Carismática, enigmática e como um gato curioso ele a colocou pra dentro.
Eu estava assistindo pelo buraco na parede.
Eles fizeram amor durante uma semana, ele largou o emprego, a esposa e a vida social.
Virou um memeiro sentado atrás de uma tela com milhões de seguidores.
Falava da vida, da morte, de Pedro Paulo e a guilhotina
Falava de tudo o sábio influencier digital
Mas pelo buraco eu assistia sua constante luta com sua mente carnal.
Expulsou ela de casa repetidas vezes mas era fraco o homem
Acabava sempre nos seus delírios, maconha na boca, rock no fone.
Estava de uma péssima qualidade, até as baratas do teto tinham condições melhores de vida, elas queriam viver
Não falavam o tempo todo de lágrimas e se quer se importavam de eu estar grudado na sua parede vendo o vizinho sofrer.
Baratas gentis, jamais usarei o pesticidas depois desse favor.
Os dias se passaram, seus seguidores deprimidos encalhados em algum porto onde o dinheiro não lhe trouxe a felicidade,
Pensando se comia o PF ou comprava batatinha, tanto faz, as baratas estavam se mudando.
Aquilo era deprimente.
Precisei fazer viagem rápida, coisa de três dias sem demora.
Cheguei apressado e lancei a mala em qualquer buraco na sala, desatei a gravata e corri para o buraco na parede, silêncio estava, silêncio ficou.
As baratas estavam sentadas atrás do meu sofá, recém mudadas, de filhos, malas e cuias não paravam de fuxicar:
O vizinho coitado perdeu um seguidor, entrou em pânico pegou uma corda amarrou no teto e se matou.

Maria Ivaneide Silva



FORTALEZA

A força está no olhar
No olhar se diz o que é o amar

A força está no querer
Seguir adiante e vencer

A força está no verbo falar
Calar quando é necessário,
Consolar.

Ela nasce com destreza
Quando a mulher é fortaleza.

Raquel Lopes
Jaboatão dos Guararapes/PE

CRÔNICA: RADAR

Esperava-se que satélites radar pudessem controlar todos os acontecimentos mundiais... CONTROLAR! Porém, o tempo tem sido implacável, pois doenças e ameaças ambientais vêm nos pregando grandes peças com roteiros já iniciados. Surgem e avançam de forma descontrolada.

Não há como negar a Ciência, o sentido que ela representa e as suas contestações em métodos cada vez mais enfáticos. Entidades que discutem e sofrem ações peculiares. Distanciamento de competências e falta de análise e empatia sobre discordâncias e ações.

Povo recluso... povo confuso... nações multiculturais e multicoloridas... perdidas! Nuances em várias línguas e avalanche de conseqüências, por vezes, irremediáveis. Transtornos que afloram na atual conjuntura: mata que chora cinzas, fontes que secam organismos e recursos e homens que abreviam vidas. Lamentações do planeta.

Karine Dias Oliveira
(Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)

#vemvacina

Eu sei o que é não conseguir respirar...

Na última crise grave que eu tive de asma, estavam no carro comigo meu marido, meus filhos e minha sogra. Eles presenciaram todo o meu desespero do sítio até o hospital evangélico de Londrina.

Eu não conseguia respirar!

Ele pegou o caminho que passa pelo parque Ney Braga, era época de exposição agropecuária e as pistas estavam tomadas de carro.

Lágrimas escorriam pelo canto dos meus olhos porque eu sabia que se não chegasse em tempo ao hospital eu iria sufocar.

Eu fiz inalação com a bombinha de resgate por três vezes até ela cair da minha mão.

No banco de trás, meus filhos emudeceram e minha sogra tentava me acalmar, mas por mais que eu tentasse o ar simplesmente não entrava. Estava tudo trancado, eu puxava entre um sibilar e outro, mas não estava melhorando... Esse som que o asmático emite é aterrorizante para quem assiste, mas é agonizante para quem vive.

Fui perdendo as minhas forças e eu não conseguia olhar mais para os meus filhos, porque daquele momento em diante começou a passar um filme em minha cabeça, eu não podia morrer porque eu tinha muita coisa parar viver com minha família. E as lágrimas escorreram com mais intensidade porque eu comecei a pensar que eu não iria resistir, que não ia dar tempo.

Enquanto a gente atravessava a cidade um pânico silencioso passou a ocupar todos os espaços do carro. A voz calma da minha sogra já saía embargada.

Eu olhei para o Ed, meu marido, e vi o desespero nos olhos dele, mas eu tenho certeza de que ele também viu nos meus porque ele me pediu para aguentar mais um pouco... A gente já estava saindo da Leste-oeste para subir a rua Pernambuco. Me sentia muito cansada...

Eu lutei muito!

Cheguei desmaiada ao hospital, meu marido me jogou nas costas e correu comigo nos braços para dentro do pronto-socorro. Eu não lembro dessa parte muito bem... Lembro vagamente da injeção, da inalação e alguns flashes do meu marido falando com o médico.

Graças a Deus terminou bem! 🙏🙏🙏🙏

Quando começou essa pandemia, as informações foram chegando aos poucos... Mas quando soube que pessoas morreriam sufocadas se nada fosse feito, eu revivi muitas vezes tudo que me aconteceu naquele dia. Tive muitos pesadelos... que me fizeram acordar chorando me sentindo sufocada. Foram noites terríveis!

Eu conto tudo isso com lágrimas nos olhos...

Esse foi um ano muito difícil pra mim... As crises de fibromialgia se intensificaram, eu tive crise de pânico, crise de ansiedade...

Agora eu tenho esperança pelos meus pais, meus sogros, por mim e por todos nós!

Se a vacina tiver 1% de imunização, mas me garantir ao menos os efeitos mais leves da doença, para mim está ótimo! Porque naquele dia terrível que sufoquei, alguns minutos fizeram diferença.
Não posso esperar por anos até que tenhamos a vacina ideal. Essa é o que a gente tem, e eu sou muito muito grata por tê-la. Quer dizer... quando chegar minha vez. 🙏🙏

#vemlogovacina

Deixo aqui registrada minha gratidão a todos os profissionais da saúde que estão lutando bravamente por vidas e aos cientistas por não desistirem, pelas noites de pesquisas e estudo. Agradeço a todos os verdadeiros heróis que não terão seus nomes estampados nas páginas dos jornais. Muito Obrigada! 🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏

Às famílias que perderam vidas, todo meu carinho e solidariedade.

P.S. Não é hora de baixar a guarda! Estamos vibrando com essa boa notícia, mas temos que aguentar mais um pouco... estamos saindo da leste-oeste para entrar na Pernambuco. Calma que está chegando

Maria Angélica Constantino

O mote.

Tem gente que corre alucinado atrás de um grande amor. Muitos se precipitam insaciáveis no encalço do dinheiro. Alguns buscam desesperados a cura para uma doença. E outros precisam rapidamente de um mote.

Adriano pertencia a essa última classe. É que só tomara conhecimento de que o I Concurso Literário de sua cidade estava em andamento quando faltava apenas um dia para o término das inscrições.

Esse fato seria suficiente para que os impiedosos o criticassem. Afinal, se alguém se predispõe a participar de um concurso literário, como justificar o desleixo para com os seus prazos?

É que Adriano teve a infelicidade de presenciar a sua musa beijando um colega de classe. E como estivesse no auge do seu romantismo adolescente, tal desgraça foi suficiente para que se encasulasse, o que justificaria aquela alienação.

A vida, contudo, segue adiante apesar de derramado o leite. Sendo assim, desde o alvorecer do domingo, Adriano permanecia fechado em seu quarto, sentado à escrivaninha, e à espera de um tema que surgisse.

Mas ele não surgia.

Apesar disso, ele contava que tudo estaria resolvido até no máximo meia-noite.

Seus pais compreenderam a situação. Por isso, só o chamariam para as refeições, momento de convívio que não admitia negociação.

E tão logo ouviu sua mãe chamá-lo para o almoço, Adriano correu para a mesa e começou a se servir.

Mas não teve tempo sequer de derramar o arroz sobre o prato, pois seu pai lhe deu uma tremenda bronca por não ter lavado as mãos antes de sentar-se.

Terminada a refeição, e o estudante voltou para o seu quarto. E de lá ouviu outra bronca, dessa vez por ter esquecido de escovar os dentes.

Enfrentado esse contratempo, e Adriano retomou a sua clausura, sentou-se na mesma cadeira, e fixou-se no seu único problema, a falta de inspiração.

Os minutos passavam e o rapaz fitava a tela do computador. Mas o mote não vinha. Procurava-o varrendo o quarto com os olhos. Mas nenhuma ideia despontava salvadora. E terminava olhando pela janela. Mas a rua deserta, a tepidez da tarde e o esquecimento do vento em nada contribuíam para o início do texto.

E ele começava a ficar preocupado.

Havia na sala de jantar um velho carrilhão pedestal que a mãe de Adriano recebera de herança. Ela só deixava de dar corda por motivos invencíveis, tais como ausência por viagem ou confinamento por doença. Fora isso, o pêndulo seguia o seu monótono vaivém.

Pois mesmo de porta fechada, Adriano começava a perceber aquele tique-taque. E ele crescia, crescia...

O jovem, então, tapava os ouvidos com as mãos, assobiava, tamborilava. Mas aquela oscilação infernal penetrava por entre os dedos, ecoava feito trompa de caça, troava mais forte que um timbale!

Mas se Adriano incomodava-se com essa cadência, mais irritado ficava ao ouvir a manjada musiqueta repetindo-se a cada quinze minutos, e mais alucinado sentia-se com as badaladas das horas reboando no cérebro!

Pois ele não teve dúvida: saiu do quarto, foi até o carrilhão, e parou o pêndulo. Menos mal que seus pais, que estavam na sala sentados no sofá, acabaram concordando com o desespero da atitude; se bem que só depois que o viram suplicar de joelhos.

Garantido o necessário silêncio, e ele retornou à estaca zero.

De vez em quando, Adriano percebia um carro passando com o som ligado no máximo; de quando em vez, um passarinho pousava na árvore defronte à sua casa.

Seriam motes a serem explorados?

E ele se voltava para a tela, pousava as mãos no teclado, e imaginava que o carro bateria no muro, frearia para uma bola perdida ou atropelaria uma galinha desavisada.

Mas nada evoluía.

Sendo assim, desprezou o automóvel e fantasiou que o passarinho nidificaria, seria abocanhado por um gato ou apanharia um inseto em pleno voo.

Mas a avezinha não correspondeu.

De repente, quando Adriano começava a vislumbrar alguma coisa lá no fundo do seu ser... A campainha soou estridente!

E o vislumbre simplesmente evaporou.

É verdade que os seus comentários distanciaram-se, e muito, dos caridosos conselhos dispensados nos confessionários. Daí que, ou continuava praguejando, ou reequilibrava-se e seguia procurando.

Pois tratou de cerrar os olhos; passou a controlar a respiração; e esperou...

Súbito, a porta do quarto se abriu! Eram os seus dois priminhos gêmeos que vinham visitá-lo, e que adoravam pular em cima do tio mais descolado da família.

Adriano, que não teve tempo sequer de clamar por ajuda, foi derrubado da cadeira e feito de alicerce por alguns minutos.

Soergueu-se, enfim, mas não conseguiu convencer os serelepes a saírem do quarto.

Foi salvo por sua mãe, que, aparecendo à porta com um prato repleto de biscoitos de chocolate, atraiu os comilões para a cozinha sem precisar dizer palavra.

Adriano correu a fechar a porta. Depois sentou-se na cama, e, unindo as mãos em respeitosa súplica, rezou pela primeira vez na vida. – O destinatário foi São Judas Tadeu, que sua mãe sempre dizia ser o santo dos desesperados e dos aflitos.

Terminada a reza, e as lamentações, o recém-devoto prometeu que se conseguisse um mote a tempo de escrever um conto, só jogaria on line duas vezes por semana, e por no máximo duas horas.

É claro que essa promessa só produziria efeitos depois que seus tios partissem. Até lá, não teve como fugir aos seus admiradores mirins.

Os parentes foram embora, e nada do tema se revelar.

Adriano jantou, escovou os dentes, mas nenhuma ideia despontou no horizonte.

Pensou que a inspiração só viria depois de um banho relaxante. No entanto, o máximo que conseguiu foi apressar o sono.

O estudante foi dormir com uma dúvida e uma certeza. Esta, que não participaria daquele concurso literário; aquela, que o que prometera talvez não tivesse sido lá muito atraente.

No dia seguinte, Adriano foi para a escola a passo lento, meditando no que perdeu e no que ficava como aprendizado.

Mas se entrava na classe calado, seu semblante logo se iluminaria. Não que outro concurso se avizinhava. É que sua musa voltava a ficar solteira.

DIAS CAMPOS

Escondendo a verdade

Marcos Pontal

A verdade escandaliza,
a todas as pessoas que visualiza.
A verdade liberta,
e também te alerta.
Alerta você para realidade,
e faz você deixar a iniquidade.

Inteligente é aquele que prega a liberdade,
e jumento aquele que é contra a diversidade.
Ninguém é igual,
nem no mundo antigo e nem no atual.

Tentar esconder informações,
só fazer aquilo que acha que é certo,
e proibir até os manifestos.
Proibi a manifestação
e a liberdade de expressão.

Derrubam cruzes de mortos homenageados,
esse bando de alienados.
Egoístas que pensam só no dinheiro,
escondem mortos e esse é o jeito.
Jeito de forjar dados,
para assim abrir o comércio seu e do seu lado.

Invadem hospitais
no interior e nas capitais.
Invadem por causa da sua ignorância
e também ganância.

Agridem parentes de vítimas.
Uns verdadeiros fascistas!
Agridem verdadeiros heróis do Brasil,
esses imbecis.
Enfermeiros e médicos,
esses sim, merecem méritos.

Nossos verdadeiros heróis vestem branco,
e não verde e amarelo.
Esse é o elo.
Elo que nos une
em defesa dos heróis de branco,
que não são imunes.

Os heróis de branco não são imunes a doenças,
mas muitos recebem ofensas.
Ofensas porque a população não aceita,
essa epidemia que aqui chegou.
Então respeita.

Temos que ter fé em Deus,
mas também prudência
e resistência.
Obedecer os que os médicos dizem,
e acreditarem no que eles fazem.

Não aceitar opiniões contrárias,
são coisas desnecessárias.
Temos que respeitar a todos,
sem ver a religião ou orientação.
Essa é a dica meu irmão!

Não pode ter censura,
vê que me escuta.
Faça aquilo com o outro
o que deseja para você.
Então vamos crer.

Liberdade todos querem,
então abra mão da ignorância e se diverte.
Cuida da sua vida
e divirta.

QUEM SOBROU

Mundo é frio
Tive que cuidar de mim
Vida é uma batalha
Tive que cuidar de mim
Os outros te decepcionam
Tive que cuidar de mim

Aprendi a sobreviver
A não morrer
A ser perfeito
Ser um ser exemplar
Em egonia

Quanto maior a luz que tento ser
Maior a sombra que causo
Nas entranhas de minha alma
Toda escuridão é não aceitação
O mundo não está à disposição

Quem cuida de mim agora
Quando a noite chega
Sou meu vilão e mocinho
E não há heróis
Há apenas quem sobrou de nós

NÃO ME OFEREÇA CONSELHOS

Não me ofereça conselhos
Deixe-me levar a vida
sem manuais
ditados
ou livros de auto ajuda.
Existe um prazer oculto
até em bater com a cara na parede
e dizer a mim mesmo:
eu quis e fiz assim.

Fui por mim mesmo.

O amor que dei,
o quanto me entreguei,
em quem acreditei,
o caminho que tomei.
Só eu mesmo sei.

Depois, tento de novo
Me levanto, me limpo.
Assumo minhas lições
e procuro a tal porta
no corredor de minhas
próprias inseguranças.

Assim, viverei bem,
a minha autêntica, livre
e despretensiosa
Vida.

TEM COVID

NA RUA TEM
COVID
NO SHOPPING TEM
COVID
NO MERCADO TEM
COVID
NA PRAÇA TEM
COVID
NO ÔNIBUS TEM
COVID
NO TREM TEM
COVID
NO RIO TEM
COVID
NA PRAIA TEM
COVID
NA FESTA TEM
COVID
NO INFLUENCIADOR TEM
COVID
NO JOGADOR TEM
COVID
NO RICO TEM
COVID
NA POPULAÇÃO TEM
SUS
CLOROQUINA
DESEMPREGO
MISÉRIA
FOME
DESGOVERNANTES
MÁ SORTE
COVID
MORTE
MAIS DE 190.00 MORTES

NECTAR

Somos uma multidão
de possibilidades que passaram
histórias mortas-vivas.
Zumbis que nos seguem
do que foi um dia
do que não rolou
Vampiros de dores e prazeres
passados momentâneos
do agora.

Presentemente,
sou o que escolhi
com todas as consequências
do que não dei conta
e caminhos que não fui
dessa bula que prefiro não ler
pois só o que deu certo - a cura
Seu real efeito - particularmente -
o néctar do viver.

VIRGILIO MAGALDE
É poeta, professor e pesquisador, mestre em Metrologia e Qualidade pelo INMETRO. Publicou Estado de Poesia (2018) e A Maria que não vai com as outras (2020). Escreve no Instagram @virgilioescritor e possui um Podcast diário de poesia: Poesia pra Viagem. Blog www.virgilio-magalde.com.br / e-mail: magalde@gmail.com

Po-e-ta
(escritor que compõe poesia)

“O que é, o que é
O desafio em ser poeta mané?’’ Sei escrever,
O ABC.
Mas é só pegar a caneta
Que tudo que sobra na cabeça
É as rosas são vermelhas, e as outras frô. O que é que eu faço, doutô?”
O poeta precisa permitir
Ser vulnerável em frente ao papel, Como um ator em frente a câmera.
Todo poeta precisa confiar
Que o papel não irá contar
Todos os seus segredos.
Mas, cuidado!
Às vezes ele conta.

Cazelato

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



#15

MARÇO / 2021

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina